

Distribuição Gratuita

JÚNIOR

Livro do Aluno
Ciências Sociais • 7.ª classe

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

João Baptista Henrique Fenhane



VENDA
PROIBIDA



Texto Editores



JÚNIOR

Livro do Aluno
Ciências Sociais • 7.ª classe

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

João Baptista Henrique Fenhane

Livro adoptado pelo Ministério da Educação
da República de Moçambique para uso nas escolas



Texto Editores

INTRODUÇÃO

Bem-vindo ao mundo das Ciências Sociais.

O seu estudo vai ajudar-te a compreender melhor o mundo em que vivemos e apurar o teu espírito crítico.

As Ciências Sociais têm essa característica fundamental, de possibilitar que aproximés, sem saíres da tua escola ou da tua casa, o teu olhar sobre realidades de outros espaços e tempos.

Depois de, na 6.^a classe, te teres debruçado sobre a história e geografia do teu continente, vais agora ampliar os horizontes do teu conhecimento até aos outros continentes. Vais aqui estudar a localização, o relevo, a hidrografia, os acidentes geográficos, o clima e a economia da Europa, América, Ásia, Oceânia e zonas polares.

Como deves saber, conhecer o modo de vida de outros espaços e povos é importante para compreender a realidade que te circunda.

Este ano vamos dar-te a conhecer aspectos históricos muito importantes que se registaram em dois períodos ricos da História Universal, nomeadamente, a Idade Média e a Idade Contemporânea.

A nossa maior preocupação está, pois, em educar o teu olhar e a tua memória.

Está também em educar a tua reflexão sobre os factos, acontecimentos e mecanismos sociais.

A disciplina de Ciências Sociais contribui decisivamente para a formação da pessoa humana que és, já que nega o individualismo e procura mostrar a nossa sociedade, o mundo e a dinâmica da História.

O autor



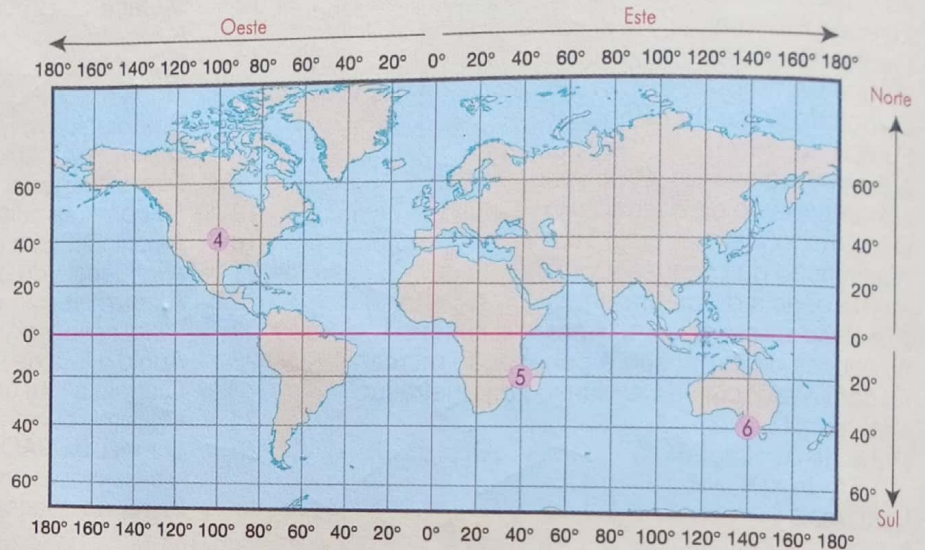
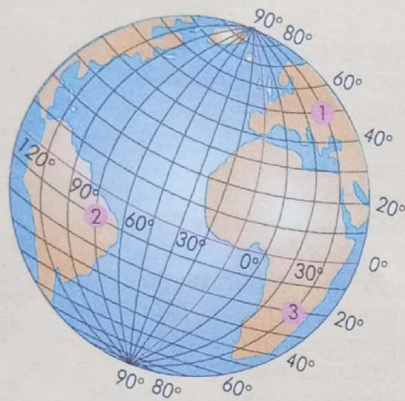
ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1	O impacto da II Guerra Mundial	61
TESTE DIAGNÓSTICO	4	O papel das Nações Unidas	61
UNIDADE 1 – O CONTINENTE EUROPEU	7	A Conferência de Bandung	61
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	8	AS PRINCIPAIS FORÇAS DO NACIONALISMO AFRICANO	62
CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS	9	O papel dos camponeses	62
Litoral e seu traçado	9	A acção dos trabalhadores assalariados	62
Clima	9	A acção dos intelectuais	63
Relevo e hidrografia	10	O papel dos estudantes	63
População e economia	11	A acção dos antigos combatentes da II Guerra Mundial	64
AS REGIÕES DA EUROPA	12	AS INDEPENDÊNCIAS AFRICANAS	64
Europa Ocidental	12	O Gana	64
Europa Meridional	13	A Argélia	66
Europa Central	15	A Tanzânia	67
Europa do Leste ou Oriental	16	Moçambique	68
Europa do Norte	17	Cronologia das independências africanas	73
A EUROPA NO SÉCULO XV: O FEUDALISMO E O SURGIMENTO DO CAPITALISMO	19	O PAPEL DA OUA NA LIBERTAÇÃO DO CONTINENTE	75
O regime feudal	19	DIFICULDADES DA UNIDADE AFRICANA	75
A ascensão da burguesia	21	As barreiras culturais e religiosas	76
A emergência do capitalismo	22	As dificuldades de comunicação	76
EXPANSÃO E PENETRAÇÃO MERCANTIL EUROPEIA	23	A influência de conflitos fora do continente africano	77
As causas da expansão e penetração mercantil ..	23	A CONTRIBUIÇÃO DE MOÇAMBIQUE NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA E PELA PAZ NA ÁFRICA AUSTRAL	78
As consequências da expansão e penetração mercantil	24	Apoio à luta de libertação do Zimbábwe	78
Ficha de Avaliação	25	O apoio à luta contra o <i>apartheid</i>	78
UNIDADE 2 – EXPANSÃO E PENETRAÇÃO MERCANTIL EUROPEIA	27	Moçambique e a luta pela paz	79
AVANÇOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS DA EUROPA A PARTIR DO SÉCULO XV	28	O PAPEL DA SADC NA LUTA PELA PAZ E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL DA REGIÃO ..	80
AS CAUSAS DA PENETRAÇÃO MERCANTIL EUROPEIA NO CONTINENTE AFRICANO	29	Ficha de Avaliação	81
O PAPEL DE PORTUGAL NA EXPANSÃO	30	UNIDADE 5 – O CONTINENTE AMERICANO	83
INÍCIO E RAZÕES DO TRÁFICO DE ESCRAVOS	32	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	84
O TRÁFICO DE ESCRAVOS NA ÁFRICA ORIENTAL E OCIDENTAL	33	CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS	85
O COMÉRCIO TRIANGULAR E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS ..	35	América do Norte	85
Ficha de Avaliação	36	América Central e Caraíbas	88
UNIDADE 3 – A OCUPAÇÃO EUROPEIA E O SISTEMA COLONIAL EM ÁFRICA	38	América do Sul	91
PRINCIPAIS CAUSAS DA OCUPAÇÃO COLONIAL	39	A COLONIZAÇÃO EUROPEIA DA AMÉRICA	94
A CONFERÊNCIA DE BERLIM	40	O COMÉRCIO TRIANGULAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA AMÉRICA	95
As causas da Conferência de Berlim	40	A EMANCIPAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA	96
A RESISTÊNCIA AFRICANA À OCUPAÇÃO COLONIAL	42	O caso dos Estados Unidos da América	96
África do Norte	42	O caso do Brasil	100
África Ocidental	44	Ficha de Avaliação	101
África Oriental	48	UNIDADE 6 – O CONTINENTE ASIÁTICO	102
África Austral	49	LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	103
CARACTERÍSTICAS DO COLONIALISMO EM ÁFRICA	53	CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS	104
O Estado colonial	53	Relevo e hidrografia	104
A exploração colonial	54	Clima	105
Cronologia da resistência ao colonialismo em África ..	55	Flora e fauna	106
Ficha de Avaliação	57	POPULAÇÃO E ACTIVIDADES ECONÓMICAS	107
UNIDADE 4 – AS INDEPENDÊNCIAS DOS PAÍSES AFRICANOS	59	A EXPANSÃO EUROPEIA PARA A ÁSIA E A COLONIZAÇÃO ..	109
O NACIONALISMO AFRICANO	60	Ficha de Avaliação	111
A influência da Revolução Socialista na Rússia	60	UNIDADE 7 – A OCEÂNIA E AS REGIÕES POLARES	112
		LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	113
		CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS	115
		Oceânia	115
		Ficha de Avaliação	118
		Glossário	119
		Exame Final do 3.º Ciclo	122

1. Mapas e Atlas.

- a) Que medidas são usadas para localizar objectos e pontos na superfície terrestre?
- b) O que é um Atlas?
- c) Menciona os tipos de mapa que conheces.

2. Observa as figuras que se seguem e indica as coordenadas dos pontos 1, 2, 3, 4, 5 e 6.



- 3. O que é uma rede hidrográfica?
- 4. Define os conceitos de nómada e sedentário.
- 5. O que caracteriza um deserto?
- 6. Define os conceitos de cabo, península e ilha.
- 7. Caracteriza os climas temperado e de estepe.
- 8. Identifica no mapa a África Austral e indica os seus limites.
- 9. Localiza geograficamente a África Austral.
- 10. Constrói, no teu caderno, uma tabela como a que se segue e preenche-a com as datas dos acontecimentos.

Acontecimento	Ano
Chegada dos portugueses	
Tomada de Quíloa e Mombaça	
Chegada dos povos árabes	
Auge das cidades-estado	

TESTE DIAGNÓSTICO

11. O que significa a expressão «o Grande Zimbabwe»?
12. Por que razão os anciãos passaram a acumular muito poder no Zimbabwe?
13. Define classes sociais.
14. Menciona os povos que habitavam a África Austral no século XIX.
15. Menciona as principais actividades económicas do Império de Muenemutapa e os produtos comercializados com os povos do exterior.
16. Menciona as causas da decadência do Império do Muenemutapa.
17. Localiza geograficamente a África Oriental.
18. Apresenta as principais características do relevo na África Oriental.
19. Apresenta uma razão que justifique o desenvolvimento de parques e reservas naturais no Oriente Africano.
20. Identifica os limites da região da África Central.
21. Que povos viviam na Costa Oriental Africana antes da chegada dos árabes?
22. Explica o processo que levou ao surgimento da língua e cultura swahili.
23. Identifica os limites da região da África Central.
24. Caracteriza o clima equatorial.
25. Caracteriza duas espécies da fauna típica da África Central.
26. Distingue comércio local de comércio à distância.
27. Em que ano os portugueses entraram, pela primeira vez, em contacto com a população congoleza?
28. Explica por que razão os oásis são os únicos locais do deserto onde existe vegetação.
29. Localiza no mapa os antigos impérios do Gana, Mali e Songai.

TESTE DIAGNÓSTICO

30. Copia para o teu caderno a tabela que se segue. Preenche os espaços em branco com as características de cada um dos reinos indicados.

	GANA	MALI	SONGAI
Povos que estiveram na sua origem			
Período de vigência			
Características do poder político			
Principais actividades económicas			
Cidades mais conhecidas			
Características da religião			
Causas da decadência			

31. Em que século se deu o início da expansão marítima europeia?
32. Menciona dois factores que contribuíram para a expansão marítima europeia.
33. Analisa as consequências do comércio triangular para a África e Europa.
34. Apresenta exemplos da presença dos portugueses em Moçambique.
35. Que importância teve a estagnação dos povos africanos para a penetração mercantil e fixação dos europeus em África?
36. Observa a imagem e faz uma redacção sobre o comércio de escravos, referindo-te às causas do tráfico e às suas consequências para africanos, europeus e americanos.



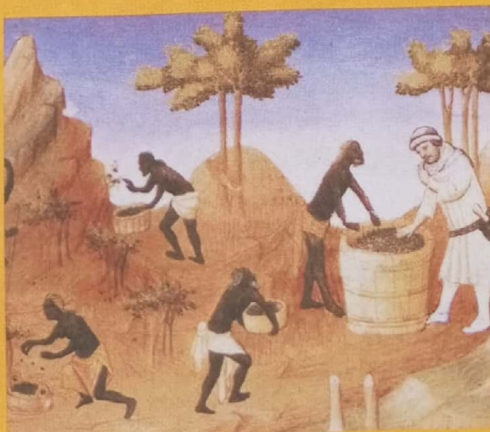
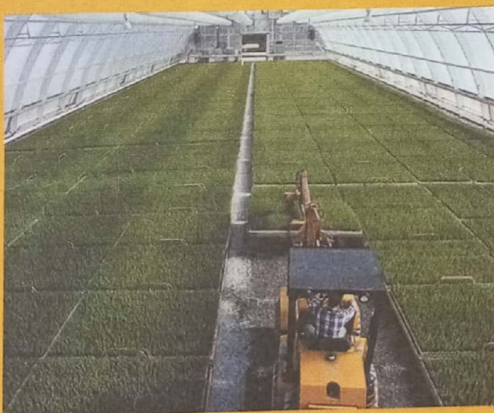
Escravos africanos no interior de um navio negreiro.

UNIDADE 1 O Continente Europeu



Ao terminares esta unidade, deves ser capaz de:

- Localizar o continente europeu no mapa-múndi.
- Descrever as principais características das regiões da Europa.
- Associar a crise do feudalismo na Europa com o desenvolvimento de formas de produção capitalistas.
- Associar a expansão e penetração mercantil com a emergência do capitalismo.



LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Pontos extremos da Europa

Norte: Cabo Norte, lat. 71° N, na Noruega.

Sul: Cabo Tarifa, lat. 36° N, em Espanha.

Este: Montes Urais, long. 57° E, na Rússia.

Oeste: Cabo da Roca, long. 10° W, em Portugal.

Dados e factos sobre a Europa

Área: 10 349 915 km²

População: 745 600 000 hab. (1999)

Países: 48

Maior país: Federação Russa.

Maiores cidades: Moscovo (8 967 000 habitantes), Paris (8 707 000), Londres (6 735 000), São Petersburgo (5 020 000), Berlim (3 300 000).

Ponto mais alto: Monte Elbrus (Rússia), 5642 m.

Maior rio: Volga (Federação Russa), 3531 km.

A Europa ocupa uma superfície com cerca de 10 350 000 km², sendo assim o continente com menor área, depois da Oceânia.

A Europa situa-se a norte do continente africano, liga-se por terra ao continente asiático na sua parte oriental e separa-se da América do Norte pelo Oceano Atlântico. Os seus limites são:

- a **norte**, o Oceano Glacial Ártico, o Mar da Noruega e o Mar de Barents;
- a **sul**, o Mar Mediterrâneo;
- a **oeste**, o Oceano Atlântico;
- a **este**, os Montes Urais e o Mar Cáspio;
- a **sudeste**, o Mar Negro e a cordilheira do Cáucaso.

O continente europeu pode ser subdividido em quatro grandes regiões: a região ocidental, a região setentrional, a região leste e a região meridional.

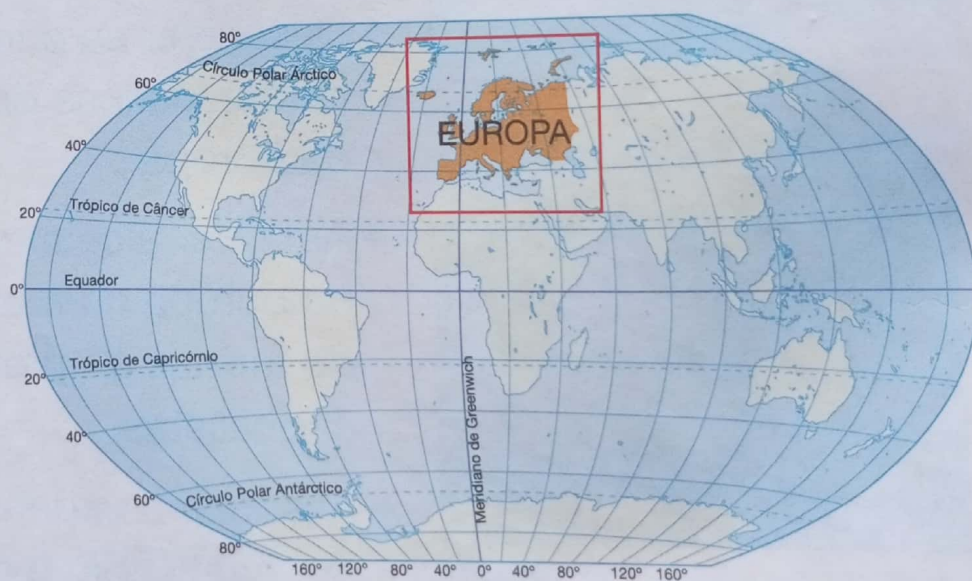


Fig. 1 O continente europeu no mapa-múndi.

Agora, pratico!

1. Partindo do texto e do mapa da Fig. 1, responde no teu caderno:

- a) Em que hemisfério da Terra se localiza a Europa?
- b) Qual o oceano que separa a Europa da América do Norte?
- c) Indica o ponto extremo que separa a Europa da África.

CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS

O litoral e o seu traçado

O litoral da Europa caracteriza-se por ser um dos mais recortados do mundo, com inúmeros acidentes (saliências e reentrâncias) ao longo de quase toda a costa, mas principalmente no sul. É banhado pelo Oceano Atlântico a oeste, pelo Oceano Ártico a norte e pelo Mar Mediterrâneo a sul.



Fig. 2 Os acidentes de costa da Europa.

Principais acidentes de costa da Europa

Penínsulas: Península Balcânica, Península Itálica, Península Ibérica, Península da Jutlândia e Península da Escandinávia.

Golfos: Golfo da Biscaia, Golfo de Bothnia, Golfo da Finlândia.

Ilhas: Ilha de Creta, Ilha da Sicília, Ilha da Sardenha, Ilha da Córsega, Ilhas Baleares, Ilhas Britânicas (Grã-Bretanha e Irlanda) e Ilha da Islândia.

O clima

A Europa apresenta dois tipos de clima: o clima temperado e o clima frio. O clima temperado subdivide-se em temperado marítimo, temperado continental e temperado mediterrânico. O clima frio subdivide-se em clima frio polar e clima frio modificado pela altitude ou de montanha.

- | | | |
|---------------------|--|----------------------|
| CLIMAS SECOS | CLIMAS TEMPERADOS | CLIMAS FRIOS |
| De estepe | Marítimos | De tundra |
| Desérticos | Continentais com precipitação em todas as estações | Polar e de montanha |
| | | Climas sub-tropicais |

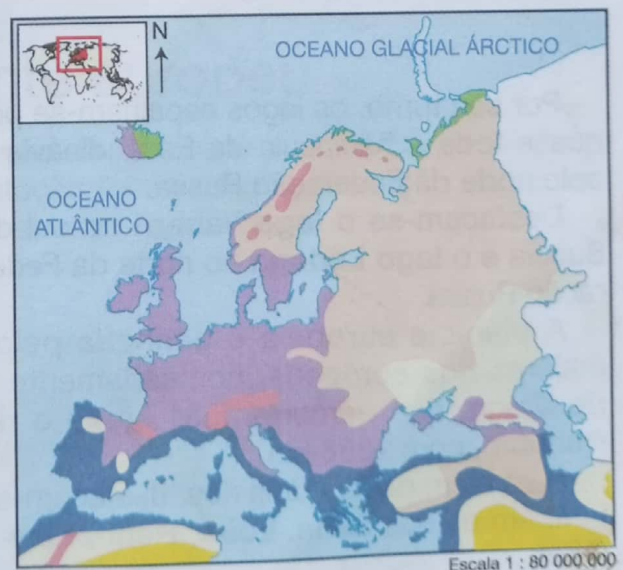


Fig. 3 Os climas da Europa.

As características destes climas são apresentadas na tabela que se segue.

Tipo de clima	Características
Temperado marítimo (oceânico)	Verões chuvosos e pouco quentes; Invernos húmidos e mais longos; temperatura média anual moderada; precipitações frequentes durante quase todo o ano, mas mais abundantes no Outono e Inverno. As temperaturas variam entre os 8°C. e os 15°C..
Temperado continental	Verões chuvosos; Invernos muito frios (por vezes com queda de neve) e mais longos; temperaturas médias anuais muito baixas; chuvas moderadas e predominantes no Verão. As temperaturas inferiores chegam a atingir -20°C..
Temperado mediterrânico	Verões quentes, secos e mais longos; Invernos suaves e chuvosos; temperatura média anual elevada; chuvas moderadas. As temperaturas variam entre os 18°C. e os 25°C., podendo ultrapassar os 40°C. no verão e atingir temperaturas inferiores a 8°C. no inverno.
Frio polar	Invernos e Verões muito frios; temperatura média anual muito baixa. As temperaturas variam entre -80°C. e -50°C. No verão nunca atinge 10°C.
Frio de montanha (modificado pela altitude)	Invernos muito frios; chuvas abundantes; frequentes quedas de neve. As amplitudes térmicas anuais são muito elevadas. Variam entre -20°C. e os 15°C., dependendo da altitude.

Relevo e hidrografia

Em termos de relevo, a maior parte do território europeu é ocupada por planícies.

A região central é dominada por uma extensa planície.

Alguns planaltos preenchem a região norte, nomeadamente, a península da Escandinávia.

A Europa do Sul é a região com o relevo mais alto.

As principais cadeias montanhosas são os Pirenéus, os Alpes, os Apeninos, os Cárpatos e a cordilheira do Cáucaso.

Os pontos mais altos são o Monte Elbrus, com 5642 metros, e o Monte Branco, com 4808 metros.

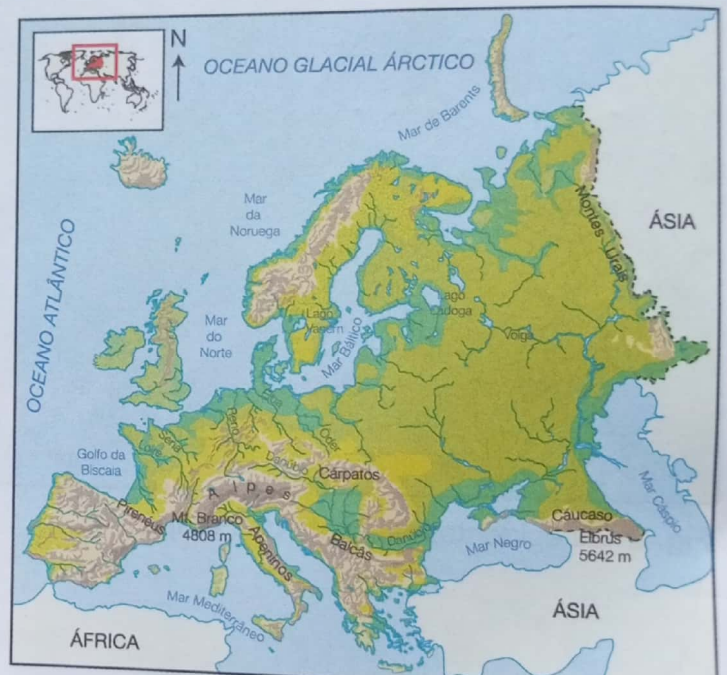


Fig. 4 O relevo da Europa. Escala 1 : 70 000 000

Por seu turno, os lagos espalham-se por quase toda a península da Escandinávia e pelo norte da Federação Russa.

Destacam-se o **lago Vanern** no sul da Suécia e o **lago Ladoga** no norte da Federação Russa.

A planície europeia é banhada pelos maiores rios europeus, nomeadamente o **rio Volga**, que percorre 3531 km, e o **rio Danúbio**, com 2858 km.

Para além destes dois rios, destacam-se também os rios **Sena, Loire, Reno, Elba e Óder**.



Fig. 5 O rio Volga.

População e economia

A Europa apresenta a menor taxa de crescimento populacional do mundo, que foi quase nula entre 1995 e 2000. A Europa Ocidental e a Europa Central são as regiões mais povoadas de todo o continente. A concentração da população nesta região deve-se às melhores condições físico-geográficas e económico-geográficas que apresentam, com destaque para o grande desenvolvimento industrial. O norte da Escandinávia, da Finlândia e da Federação Russa, são as regiões menos habitadas, por causa do clima frio que aí predomina. O cristianismo é a principal religião. Os grupos linguísticos latino, germânico, eslavo e russo são os mais difundidos.

A Europa, região onde se deu o arranque da Revolução Industrial, foi o primeiro continente a modernizar-se, tendo hoje um dos parques industriais mais avançados do mundo. As condições de vida, habitação, educação e saúde são das melhores no mundo.

No entanto, existem contrastes. No ano 2000, cerca de 25% dos habitantes do Leste Europeu viviam abaixo do nível de pobreza.

As características económicas da Europa podem ser resumidas do seguinte modo: alta mecanização e produtividade da agricultura, com uso intensivo do solo; uma indústria desenvolvida e dinâmica baseada na inovação tecnológica; um sector terciário dinâmico, com destaque para o sistema de transportes, rede de comunicações, turismo, entre outros.

Vamos, em seguida, ver, em linhas gerais, as características de cada uma das regiões europeias.

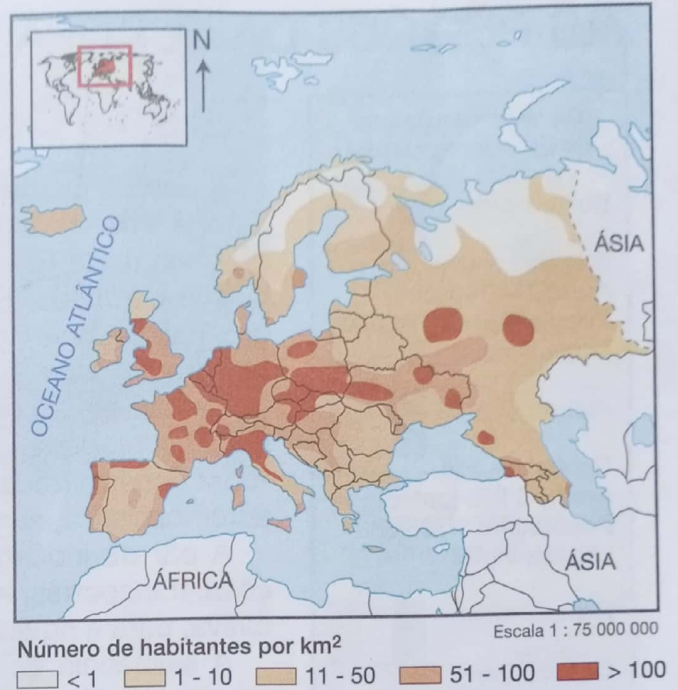


Fig. 6 Distribuição da população na Europa.



Fig. 7 Agricultura intensiva.

A flora e fauna do continente europeu

Dadas as características do clima, a vegetação da Europa é constituída de florestas mistas, taiga e tundra. A maior parte desta vegetação foi destruída pela acção do homem para dar lugar a pastagens, campos de cultivo, estradas e cidades.

Agora, pratico!

1. Identifica os mares que limitam a Europa a norte, a sul, a oeste, a sudeste e a este.
2. Menciona os principais tipos de clima da Europa.
3. Indica os maiores rios e os pontos mais altos do continente europeu.
4. Caracteriza a distribuição da população na Europa.
3. Refere, resumidamente, as principais características económicas da Europa.

AS REGIÕES DA EUROPA

Europa Ocidental

Conhece os países da Europa Ocidental

Reino Unido



Capital: Londres
 Área: 244 110 km²
 População: 58 774 000
 Língua: inglês

Irlanda



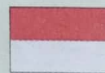
Capital: Dublin
 Área: 70 273 km²
 População: 3 705 000
 Língua: inglês

França



Capital: Paris
 Área: 543 965 km²
 População: 58 500 000
 Língua: francês

Mónaco



Capital: Mónaco
 Área: 1,95 km²
 População: 33 000
 Língua: francês

Holanda



Capital: Amesterdão
 Área: 41 526 km²
 População: 15 735 000
 Língua: neerlandês

A Europa Ocidental é uma das regiões mais desenvolvidas da Europa e do Mundo. Foi em Inglaterra que se deu, no século XVIII, o arranque da Revolução Industrial, que se estendeu aos outros países europeus. É ainda nesta região que se localizam alguns dos países mais populosos da Europa, nomeadamente, o Reino Unido e a França.

Os países da Europa Ocidental têm uma economia baseada na indústria moderna, com uso intensivo da tecnologia e da mão-de-obra especializada: electrónica, produção de máquinas, aviação, automobilística, aeronáutica e outras.

A par da indústria (30%), os serviços (banca, telecomunicações, transportes, investigação, etc.) contribuem, de forma significativa, para a riqueza dos países desta região (60%).

A existência de uma rede moderna de vias de comunicação com linhas férreas, auto-estradas, túneis, aeroportos e portos é um factor importante do desenvolvimento económico que a Europa Ocidental apresenta.

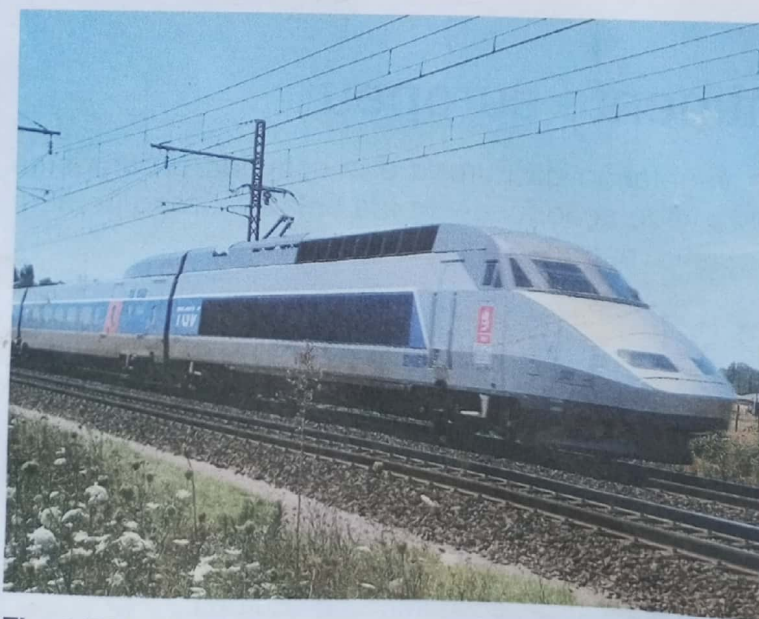


Fig. 8 TGV. Comboio europeu de alta velocidade.

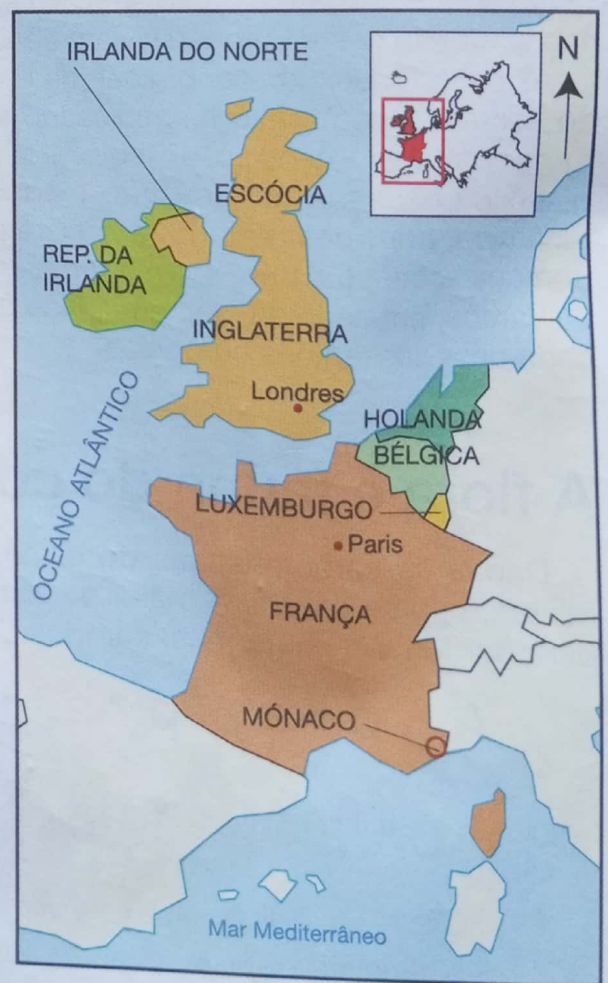


Fig. 9 Países da Europa Ocidental.

Nesta região localizam-se cidades muito importantes, tais como **Londres, Paris, Roterdão e Amesterdão**. Estas cidades, para além de serem muito povoadas, constituem importantes centros de comércio, indústria, cultura e política da Europa.



Fig. 10 Londres.



Fig. 11 Rua comercial em Paris.

Europa Meridional

Encontramos nesta região países muito pequenos, como são os casos de Andorra, Malta e Vaticano. Este último tem uma área de 0,44 km², sendo o estado independente mais pequeno do mundo. Tem um governo próprio e é a sede mundial da Igreja Católica, onde reside o Papa.



Fig. 12 Países da Europa Meridional

Luxemburgo

Capital: Luxemburgo
Área: 2586 km²
População: 429 000
Língua: luxemburgês

Bélgica

Capital: Bruxelas
Área: 30 528 km²
População: 10 225 000
Língua: francês, neerlandês

Conhece os países da Europa Meridional

Espanha

Capital: Madrid
Área: 505 957 km²
População: 39 634 000
Língua: espanhol

Andorra

Capital: Andorra La Vella
Área: 453 km²
População: 75 000
Língua: catalão, francês, espanhol

Portugal

Capital: Lisboa
Área: 92 235 km²
População: 10 162 000
Língua: português

Itália

Capital: Roma
Área: 301 337 km²
População: 57 596 097
Língua: italiano

Malta

Capital: Valleta
Área: 315,6 km²
População: 380 600
Língua: maltês, inglês

São Marino

Capital: São Marino
Área: 61,19 km²
População: 26 000
Língua: italiano

Eslovénia



Capital:
Liubliana
Área: 20 258 km²
População: 1 989 000
Língua: esloveno

Jugoslávia



Capital:
Belgrado
Área: 102 173 km²
População: 10 637 000
Língua: servo-croata

Macedónia



Capital: Skopje
Área: 25 713 km²
População: 2 011 000
Língua: macedónio

Vaticano



Área: 0,44 km²
População: 782
Língua: italiano e latim

Albânia



Capital: Tirana
Área: 28 748 km²
População: 3 113 000
Língua: tosko

Grécia



Capital: Atenas
Área: 131 957 km²
População: 10 626 000
Língua: grego

Croácia



Capital: Zagreb
Área: 56 610 km²
População: 4 477 000
Língua: croata

**Bósnia-
-Herzegovina**



Capital: Sarajevo
Área: 51 129 km²
População: 3 839 000
Língua: servo-croata

Comparativamente à Europa Ocidental, a Europa Meridional apresenta um nível de desenvolvimento baixo, à excepção do Norte de Itália, fortemente industrializado (com predomínio da indústria automóvel, química e têxtil), a agricultura é uma actividade económica importante.

Os territórios que no passado formavam a Grande Jugoslávia (Eslovénia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Jugoslávia e Macedónia) conheceram um considerável desenvolvimento da indústria siderúrgica (produção de ferro e aço, construção naval e a extracção do cobre), no entanto mantêm-se como países em vias de desenvolvimento.

O clima temperado mediterrânico propicia o cultivo da videira, das azeitonas, da maçã, do algodão, dos citrinos e a criação do gado ovino. Esta região é uma das maiores produtoras de vinho do mundo com destaque para Portugal, Espanha e Itália.

No mar Mediterrâneo desenvolve-se uma forte indústria pesqueira. Outra actividade grandemente praticada nesta região é o turismo, estando a Itália e a França entre os maiores destinos turísticos do mundo.

Tal como na região anterior, os serviços são o sector predominante, com um peso de cerca de 50%. A indústria representa cerca de 35% da actividade produtiva.



Fig. 13 Elevador eléctrico numa rua da cidade de Lisboa.



Fig. 14 A cultura da vinha.



Fig. 15 A cidade de Veneza, importante destino turístico.

Europa Central

Esta região é rica em minerais, nomeadamente o ferro e o carvão, que no passado permitiram o surgimento de importantes regiões industriais e o desenvolvimento de muitos sectores da indústria.

A produção de automóveis, maquinaria, navios, produtos químicos, têxteis e equipamentos informáticos constituem alguns dos ramos da indústria mais desenvolvidos desta região. Alguns países, como a Suíça, especializaram-se na indústria de precisão, por exemplo, no fabrico de relógios.

Pratica-se também a agro-pecuária de tipo intensivo.

A Alemanha é o país mais desenvolvido da região e um dos mais desenvolvidos da Europa e do mundo.

Destacam-se as cidades de **Berlim, Munique e Bona.**



Fig. 16 Países da Europa Central.



Fig. 17 Cidade de Berlim.

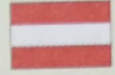
Conhece os países da Europa Central

Alemanha



Capital: Berlim
Área: 357 237 km²
População: 81 178 000
Língua: alemão

Áustria



Capital: Viena
Área: 83 858 km²
População: 8 177 000
Língua: alemão

Suíça



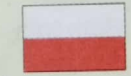
Capital: Berna
Área: 41 286 km²
População: 7 123 537
Língua: alemão, francês, italiano

Liechtenstein



Capital: Vaduz
Área: 160 km²
População: 32 015
Língua: alemão

Polónia



Capital: Varsóvia
Área: 312 685 km²
População: 38 740 000
Língua: polaco

República Checa



Capital: Praga
Área: 78 866 km²
População: 10 262 000
Língua: checo

Eslováquia



Capital: Bratislava
Área: 49 034 km²
População: 5 393 382
Língua: eslovaco

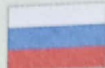
Hungria




Capital: Budapeste
Área: 93 030 km²
População: 10 095 000
Língua: húngaro

Europa de Leste ou Oriental


Conhece os países da Europa de Leste

Federação Russa 


Capital: Moscovo
 Área: 17 075 400 km²
 População: 146 338 400
 Língua: russo

Ucrânia 


Capital: Kiev
 Área: 603 700 km²
 População: 50 658 000
 Língua: ucraniano

Moldávia 

Capital: Chisinau
 Área: 33 700 km²
 População: 4 380 000
 Língua: moldavo

Bielorrússia 

Capital: Minsk
 Área: 207 600 km²
 População: 10 274 000
 Língua: bielorruso, russo

Roménia 

Capital: Bucareste
 Área: 238 391 km²
 População: 22 488 595
 Língua: romeno

Bulgária 

Capital: Sófia
 Área: 110 994 km²
 População: 8 279 000
 Língua: búlgaro

A Federação Russa é o maior país da região e da Europa e nela vive um grupo populacional numeroso. Uma particularidade deste país é a de parte do seu território se situar no continente asiático.

Esta região tem um enorme potencial agrícola com destaque para a cultura do trigo, a criação de gado bovino e cavalos. A extracção do petróleo é uma actividade económica importante, sendo a Federação Russa um dos maiores produtores mundiais deste produto.

As maiores cidades da região são **Moscovo** e **Kiev** que se destacam pelo seu grande desenvolvimento industrial e pelo elevado número de habitantes que albergam.



Fig. 18 Moscovo.



Fig. 19 Países da Europa de Leste.

Escala 1 : 60 000 000



Fig. 20 Criação de cavalos numa planície da Europa de Leste.

A Federação Russa, sendo o maior país do mundo em extensão territorial, ocupa um território de 17 075 400 km². Em comparação com o Brasil, é cerca de duas vezes maior. As distâncias entre os pontos extremos da Rússia são imensas, mais de 9000 km de leste a oeste e 4000 km, de sul a norte. A Rússia é banhada pelas águas de 12 mares. No extenso território há 11 fusos horários diferentes.

O relevo é variado: dominam planícies e vales (3/4 do território). As planícies leste-europeia e oeste-siberiana, divididas pelos montes Urais, são as maiores do planeta. O país alberga também o ponto mais elevado da Europa: monte Elbrus (5642 metros).

A Rússia apresenta também quatro zonas climáticas: ártica, subártica, temperada e subtropical. O clima da Rússia é marcado por quatro estações de ano bem diferenciadas: Inverno longo e nevoso, Primavera temperada, Verão curto e quente e Outono chuvoso. As temperaturas médias variam em todo o território: em Janeiro, de 1 °C a - 50 °C; em Julho, de 1 °C a 25 °C. Na Rússia há cerca de 120 mil cursos de água. A maioria fica congelada no Inverno.

Europa do Norte

A Europa do Norte é constituída pelos chamados Países Nórdicos (**Dinamarca, Suécia, Finlândia, Noruega e Islândia**), aos quais vieram juntar-se os países bálticos que faziam parte da ex-URSS: **Lituânia, Estónia e Letónia**.

Pelo facto de possuírem uma extensa floresta, os países desta região desenvolveram uma grande indústria de produção de madeira, papel e borracha. Destacam-se também na indústria automobilística (Suécia), pesca, turismo de Inverno e na produção de energia hidroeléctrica.

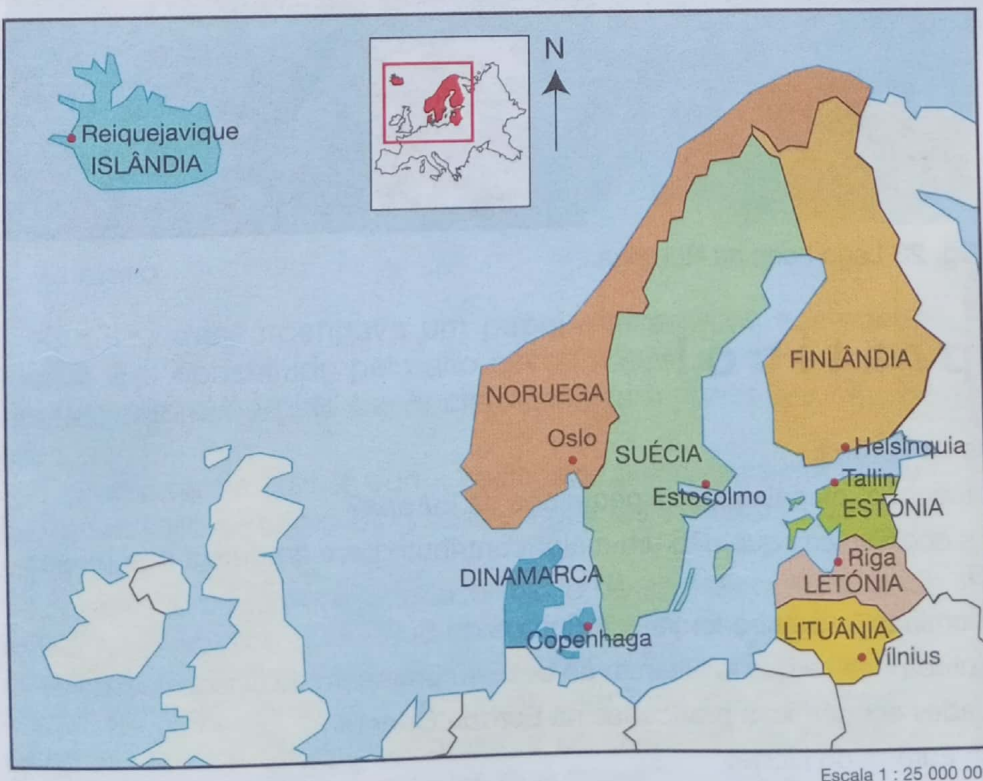


Fig. 21 Países da Europa do Norte.

Conhece os países da Europa do Norte

Suécia



Capital: Estocolmo
Área: 449 964 km²
População: 8 892 000
Língua: sueco

Dinamarca



Capital: Copenhaga
Área: 43 095 km²
População: 5 314 000
Língua: dinamarquês

Noruega



Capital: Oslo
Área: 323 758 km²
População: 4 442 000
Língua: norueguês

Finlândia



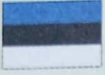
Capital: Helsínquia
Área: 338 145 km²
População: 5 165 000
Língua: finlandês, sueco

Lituânia



Capital: Vlnius
Área: 65 300 km²
População: 3 682 000
Língua: lituano

Estónia



Capital: Tallinn
Área: 45 227 km²
População: 1 412 000
Língua: estónio

Letónia



Capital: Riga
Área: 64 610 km²
População: 2 389 000
Língua: letão

Islândia



Capital: Reiquejavique
Área: 102 819 km²
População: 279 000
Língua: islandês



Fig. 22 Turismo de Inverno: patinadores no gelo.

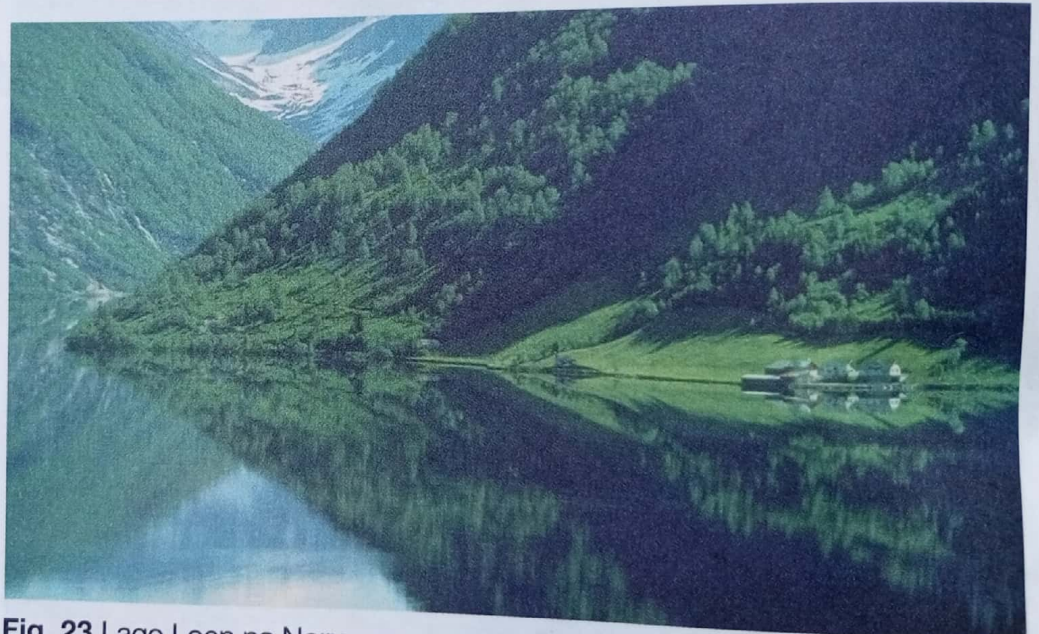


Fig. 23 Lago Loen na Noruega.

Agora, pratico!

1. Menciona as regiões da Europa.
2. Em que região se encontram os países mais pequenos da Europa?
3. Indica as actividades económicas que dão um maior contributo para a riqueza dos países da Europa Ocidental.
4. Qual é o sector predominante nas economias da Europa do Sul?
5. Quais os países da Europa Central que resultaram do desmembramento da Checoslováquia?
6. Quais são as actividades económicas praticadas na Europa Oriental?
7. Nomeia os países da Europa do Norte.
8. Quais desses países fazem parte do território da ex-URSS?

A EUROPA NO SÉCULO XV: O FEUDALISMO E O SURGIMENTO DO CAPITALISMO

O regime feudal

Nos finais do século XIV, predominava na Europa um sistema económico e social chamado feudalismo. Este sistema que predominou, durante a idade média, era caracterizado por possuir uma economia rural, baseada no trabalho dos produtores imediatos, isto, os pequenos produtores que trabalhavam para a sua subsistência.

Os produtores imediatos eram os servos ou camponeses, que trabalhavam pequenas extensões de terra usando instrumentos de trabalho primitivos e os artesões (ferreiros, carpinteiros, sapateiros e outros) que possuíam pequenas oficinas domiciliárias, onde para além dos próprios artesãos (mestres) trabalhavam também os aprendizes. Estes (camponeses e artesãos) constituíam a classe explorada do feudalismo.

Tanto os camponeses como os artesãos, não eram donos, nem da terra nem dos instrumentos que usavam para a produção. Estes instrumentos eram alugados a uma classe mais poderosa que era a dona de grandes propriedades – senhorios – e dominava o sistema feudal, a nobreza (senhores feudais ou senhores de terra) e aos altos membros do clero que no seu conjunto constituía a classe exploradora do feudalismo.

A nobreza

Reis, duques, marqueses, viscondes, barões e cavaleiros habitavam os castelos que eram, ao mesmo tempo, residência e núcleo de defesa contra os ataques de inimigos.

Os nobres ocupavam o seu tempo em treinamentos no uso de armas (espada, lança e escudo), em torneios, duelos e caçadas, utilizando cães e cavalos amestrados, símbolo de pompa e riqueza. Muitos levavam uma vida de ócio, ocupando parte do tempo em festas e banquetes.



Fig. 24 Nobres.

O clero

O clero desempenhava um papel relevante na sociedade feudal. Era constituído pelo alto clero (bispos, arcebispos, cardeais e priores) e pelo baixo clero (padres e curas das freguesias).

Detentores da cultura numa sociedade profundamente religiosa, assumiam-se como os únicos e legítimos intérpretes da palavra de Deus.

A Igreja procurava legitimar o modo de agir das três ordens sociais, afirmando que Deus tinha distribuído tarefas específicas a cada homem e que, portanto, uns deviam rezar pela salvação de todos (o clero), outros deviam lutar para proteger o povo temente a Deus (a nobreza) e os outros deviam alimentar, com o seu trabalho, aqueles que oravam e guerreavam (os camponeses).

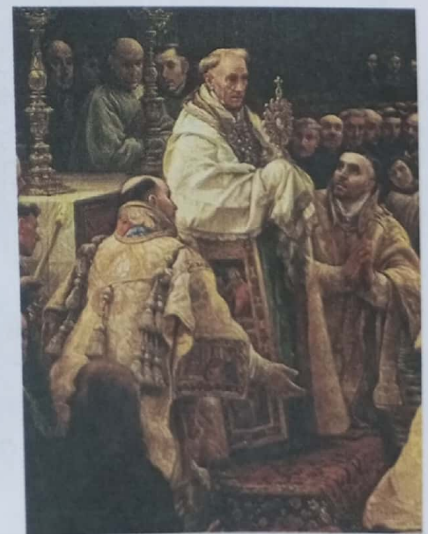


Fig. 25 Membros do alto clero.

O povo

As despesas da nobreza e do clero eram asseguradas pelos pesados tributos pagos pelo povo. Numa época em que a insegurança, o banditismo e a pilhagem eram práticas correntes, não restava outra hipótese aos camponeses livres senão entregarem-se à protecção de um nobre poderoso, assegurando a sua subsistência em troca do trabalho nas terras do senhorio.

Gradualmente, estes camponeses semilivres foram ficando cada vez mais vinculados à terra que trabalhavam, ou seja, tal como a terra, eles eram propriedade do senhor para quem trabalhavam.

Também nas cidades, a insegurança, as epidemias e a falta de bens de primeira necessidade fizeram com que os mais pobres se protegessem nas propriedades dos grandes senhores, juntando-se ao grupo social dos servos da gleba (presos à terra). A Idade Média na Europa caracteriza-se pela ruralização da sociedade. Assistiu-se a uma fuga de pessoas das cidades para os campos com o agravamento das condições sociais do povo.

Os que trabalhavam a terra de um senhor recebiam em troca uma humilde moradia, um pequeno terreno adjacente, alguns animais de granja e a garantia de protecção contra o banditismo e a pilhagem. Em contrapartida, deviam entregar quase toda a sua produção ao senhor, estando sujeitos a muitas outras obrigações e impostos, como as que eram cobradas pelo uso do moinho e das alfaías agrícolas.



Fig. 26 Servo trabalhando as terras do seu senhor.

O domínio senhorial e a dependência dos camponeses

As grandes propriedades senhoriais – senhorios – estavam entregues a nobres ou a altos membros do clero, que nelas exerciam um certo número de «poderes senhoriais» – administrativos, económicos, judiciais e militares. Assim, a esta sociedade, em que a terra era a principal fonte de riqueza, de prestígio e de poder, os historiadores dão o nome de sociedade senhorial.

Em geral, cada senhor, quando poderoso, possuía vários domínios ou grandes propriedades rurais; porém, vivia sempre no mais vasto e produtivo, (...) aí estava instalado o castelo ou a habitação senhorial, o moinho, o forno, o lagar, o celeiro e as cavalariças.

A outra parte estava dividida em pequenas parcelas (...). Cada uma das parcelas era explorada por uma família de camponeses (colonos), que viviam na dependência do senhor. Estes tinham direito a explorar a terra e a guardar para si uma parte da sua produção. Em contrapartida pagavam ao senhor uma renda em dinheiro ou em géneros e prestavam serviços.



Fig. 27 Trabalho agrícola num senhorio.

Maria Dulcelina Silva e Carlos Polónia, *Ventos da História 7.º ano*, Texto Editora, 1998, pág. 180.

A ascensão da burguesia

A crise do século XIV e a queda do regime feudal

Na segunda metade do século XIV registou-se na Europa uma profunda crise económica e social que rompeu com a relativa prosperidade económica que se vinha verificando nos séculos anteriores e abalou a estrutura do sistema feudal, dando origem a conflitos sociais, nomeadamente, rebeliões de camponeses e artesãos.

A crise económica. Uma série de maus anos agrícolas, acompanhados de intensas chuvas e abaixamento das temperaturas médias, provocaram a crise económica dos senhorios.

A crise demográfica. A falta de alimentos debilitou a população, tornando-a mais vulnerável às epidemias que se sucederam na Europa do século XIV. A mais intensa foi a Peste Negra que, entre 1348 e 1350, julga-se ter dizimado um terço da população europeia.

Para além da falta de alimentos e da peste, a Europa debatia-se com intensas **guerras**. Uma das mais prolongadas e cruéis foi a **Guerra dos Cem Anos**, que opôs a França à Inglaterra entre 1337 e 1453.

A crise demográfica provocou a falta de mão-de-obra em muitas explorações agrícolas. A preferência pelo cultivo de produtos orientados para a exportação começou a acentuar-se. Estes factores tiveram como consequência a acentuada carência de alimentos nos mercados e feiras e a subida dos preços dos produtos agrícolas.

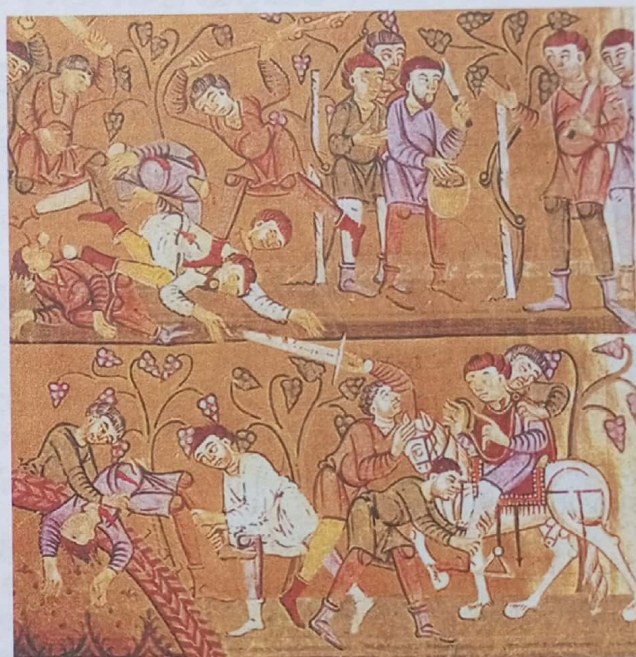


Fig. 28 Batalha no período feudal.

O incremento das trocas comerciais e a ascensão da burguesia

A crise económica que abalou os senhores feudais, enfraquecendo a sua importância social, criou condições para o nascimento de um novo grupo social nas cidades.

As trocas comerciais na Europa intensificaram-se logo a partir do século XV. Os mercados e feiras tomaram um novo fôlego e, em seu redor, renasceram as cidades (os **burgos**) que, durante toda a Idade Média, tinham sido praticamente abandonadas, dinamizadas agora por uma nova classe a que se chamou **burguesia**.

Artesãos e comerciantes libertaram-se do poder dos senhores feudais, dinamizaram as trocas comerciais, acumularam muita riqueza e utilizaram-na para comprar instrumentos de trabalho e para pagar a um também renovado grupo de trabalhadores rurais e urbanos.



Fig. 29 Mercadores entrando no burgo.

Os conflitos militares travados entre os nobres poderosos, diminuíram, verificando-se uma maior segurança com o recuo da pilhagem e do banditismo. Gradualmente, as pessoas foram abandonando os senhorios e rumaram às cidades em busca de melhores condições de vida.

O capitalismo começou a tomar forma e a ganhar força através das feiras (as quais, numa etapa mais avançada, deram origem aos burgos), e os feudos foram perdendo o seu sentido de existência. A ideia de propriedade privada espalhou-se rapidamente. Com as cruzadas, estabeleceu-se um intercâmbio entre a Europa, a Ásia e a África, através da exploração do Mediterrâneo.

A emergência do capitalismo

A economia rural do feudalismo, de carácter auto-suficiente, impedia o desenvolvimento dos princípios capitalistas. Estes baseavam-se, sobretudo, na produção agrícola intensiva de culturas agrícolas rentáveis e na sua comercialização, obedecendo às necessidades da procura dos mercados urbanos.

Após a crise do século XIV, seguiu-se um gradual crescimento demográfico, ocasionando o aumento da mão-de-obra. Com a vontade da burguesia em investir na agricultura, estavam criadas as condições para uma «revolução agrícola». Aos poucos, os laços de suserania e vassalagem rompem-se, dando lugar à lógica do lucro no mundo rural. A burguesia enriquecida com o comércio adquire terras (uma forma de também conseguir maior prestígio social) e transforma a produção agrícola, explorando novos métodos de trabalho e novas culturas.

O capitalismo, que surgiu com a burguesia no século XV, é caracterizado pela concentração dos meios de produção nas mãos de ricos proprietários (agora burgueses), guiados pela lógica do lucro e do investimento de capital. Outra característica é a obtenção de poder político por parte da burguesia, em especial nas cidades.

A burguesia e os métodos de trabalho capitalistas incrementaram, a partir do século XV, as trocas comerciais na Europa e fora desta, estendendo-se igualmente ao mundo rural. A economia da Europa renasce.

Agora, pratico!

1. Caracteriza o regime que dominava a Europa antes do século XV.
2. Que regime surgiu na Europa com a queda do feudalismo?
3. Caracteriza o feudalismo e o capitalismo, preenchendo o quadro no teu caderno.

Feudalismo	Capitalismo

4. Descreve, em poucas palavras, a renovação económica da Europa no século XV.

EXPANSÃO E PENETRAÇÃO MERCANTIL EUROPEIA

A expansão e penetração mercantil europeia, também chamada **Era dos Grandes Descobrimientos Geográficos**, teve lugar nos séculos XV a XVII. Culminou com o início da exploração colonial da África, Ásia e América, que estudaremos nos capítulos que se seguem.

As causas da expansão e penetração mercantil

Falta de metais preciosos

O desenvolvimento do comércio criou na Europa a necessidade de metais preciosos para o fabrico de moeda. Era, pois, a moeda que dinamizava as trocas comerciais, dentro e fora da Europa.

Encarecimento dos produtos vindos do Oriente

As relações comerciais que a Europa estabelecia com o Oriente, de onde provi-nham as especiarias (cravinho, pimenta, noz moscada e canela) e outros produtos, beneficiavam sobretudo os comerciantes muçulmanos. Eram estes que transportavam os produtos do Oriente até ao Mediterrâneo, onde os vendiam a intermediários europeus. Estes distribuíam a mercadoria pelos restantes mercados europeus, tornando os produtos muito caros. A Europa necessitava de um meio mais barato para adquirir especiarias.

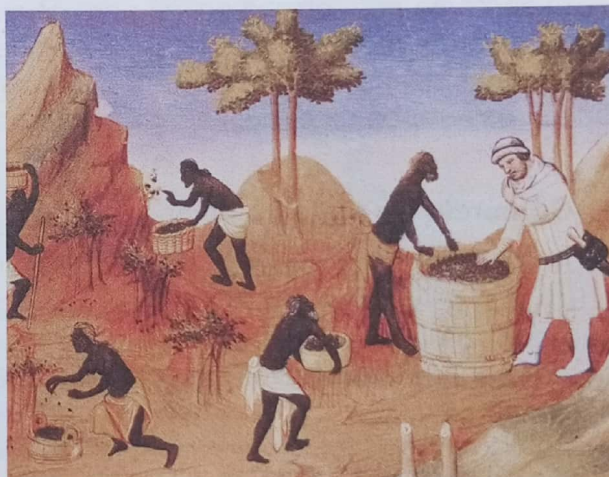


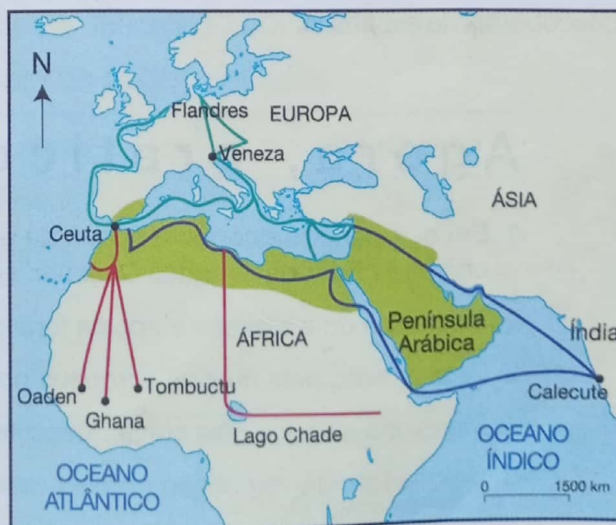
Fig. 30 Colheita de especiarias na Índia.

Procura de caminhos seguros para a Índia

Os muçulmanos, inimigos da Europa cristã, dificultavam a passagem pelo mar Mediterrâneo na busca dos produtos asiáticos. Para evitar esta situação, os europeus começaram a procurar caminhos mais seguros.

- Regiões dominadas pelos árabes
- Rotas do ouro
- Rotas das cidades italianas
- Rotas das especiarias (Levante)

Fig. 31 Rotas comerciais europeias no século XIV, anteriores à expansão europeia.



As consequências da expansão e penetração mercantil

Descoberta de novas terras

Foi com a Expansão Europeia que se descobriu toda a costa ocidental africana e se chegou ao litoral sudeste de África, que era até então desconhecido. Foi, também, com esta expansão que se descobriu o continente americano, a que chamaram Novo Mundo, e o Oceano Pacífico, que até ao século XVI não era descrito em nenhum mapa do mundo.

Avanços no campo das ciências

As descobertas permitiram aos europeus desenvolver a ciência náutica, através da navegação pelos astros. A partir do conhecimento gerado por estas viagens foram criadas cartas de reconhecimento da costa marítima e mapas já muito completos, representando os oceanos e o contorno dos continentes.

A expansão trouxe também o desenvolvimento das ciências. As ciências naturais e humanas desenvolveram-se com o conhecimento de novas espécies tropicais de plantas e animais até então desconhecidas e de povos com culturas diferentes das dos europeus.

O contacto com climas novos para os europeus e o contacto com doenças desconhecidas levaram a medicina a realizar pesquisas que culminaram na descoberta de medicamentos para as doenças tropicais, como a malária e a febre amarela. Estas doenças, durante os primeiros tempos da expansão, dizimaram muitos europeus.

Comércio à escala mundial

A abertura de novas rotas comerciais entre a Europa, a América e a África, fazendo ligação com os mercadores da Ásia, ligou estes quatro continentes através do comércio internacional.



Fig. 32 Mendel (à esquerda) e Darwin (à direita), cientistas que desenvolveram teorias a partir das descobertas da expansão.

Agora, pratico!

1. Em que período ocorreu a época da expansão e penetração mercantil europeia, também chamada Era dos Grandes Descobrimentos Geográficos?
2. As causas da expansão europeia foram marcadamente comerciais. Explica esta afirmação.
3. Qual a razão pela qual os europeus procuravam caminhos alternativos para a Índia?
4. Menciona as principais consequências da expansão para os europeus.
5. De que forma a expansão trouxe avanços no campo das ciências? Dá exemplos.

FICHA DE AVALIAÇÃO

1. Completa, no teu caderno, a informação em falta.

- A Europa localiza-se a:
- _____ de África;
 - _____ do Oceano Atlântico;
 - _____ da Ásia
 - _____ do Oceano Glacial Ártico.

2. Copia o mapa para o teu caderno diário e assinala os principais acidentes de costa da Europa.



3. A tabela abaixo refere-se às características climáticas do continente europeu. Transcreve-a para o teu caderno e completa os dados em falta.

Tipos de clima	Características	Localização
	Verões chuvosos e suaves. Temperatura média anual moderada. Invernos húmidos e mais longos.	
Mediterrâneo		
		Regiões de altitudes elevadas (montanhas ou pontos mais altos do continente).

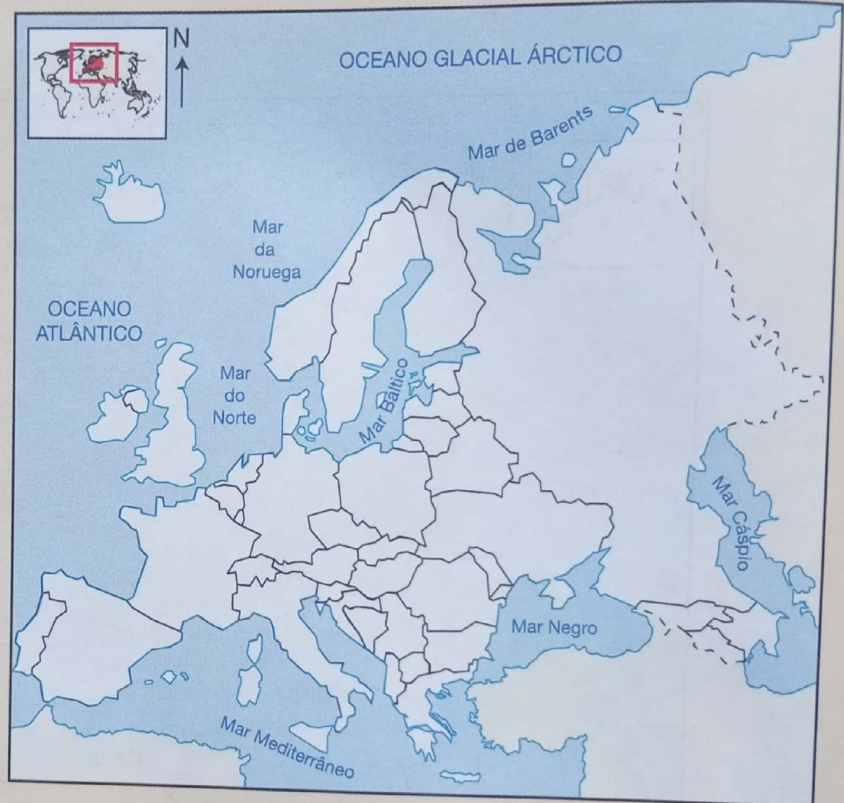
FICHA DE AVALIAÇÃO

4. Copia a tabela que se segue para o teu caderno e preenche os elementos em falta.

	Região	Relevo	Principais rios
Sul			
Centro			
Norte			

5. Caracteriza os rios da região sul da Europa.

6. Copia o mapa da Europa para o teu caderno e pinta, a cores diferentes, os países das várias regiões que estudaste.



Escala 1 : 54 000 000

7. Nos finais do século XIV e começo do século XV, a Europa vivia sob um regime feudal.

- Define «feudalismo».
- Menciona os grupos sociais que compunham o feudalismo.
- Menciona os factores que contribuíram para a queda do feudalismo.

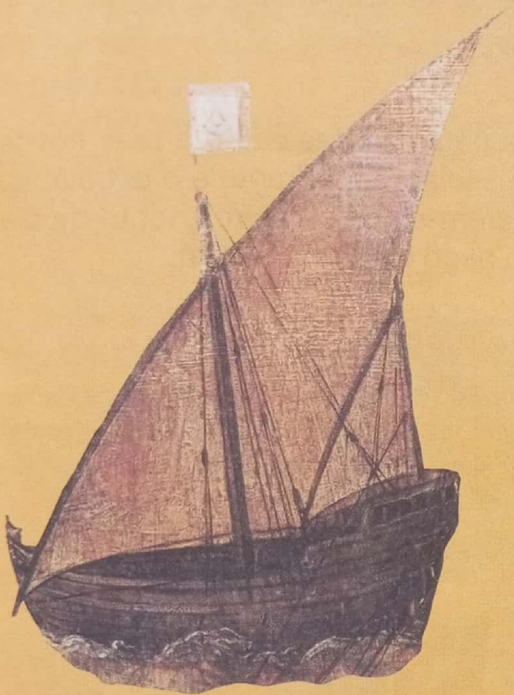
8. O capitalismo emergiu com a queda do feudalismo.

- Define «capitalismo», como era entendido no século XV.
- Explica o processo que levou ao surgimento da burguesia.

9. O século XV marcou o início da expansão e penetração mercantil europeia.

- Que classe social esteve na origem dessa expansão?
- Indica as causas da expansão e penetração mercantil europeia.
- Que consequências advieram dessa expansão.

UNIDADE 2 Expansão e Penetração Mercantil Europeia



Ao terminar a unidade deves ser capaz de:

- Relacionar os avanços científicos da Europa com a expansão marítima.
- Explicar as principais causas da penetração mercantil europeia no continente africano.
- Explicar o papel de Portugal na expansão.
- Relacionar o tráfico de escravos com o comércio triangular.

AVANÇOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS DA EUROPA A PARTIR DO SÉCULO XV

Na Europa do século XV, para além das transformações económicas, políticas e sociais atrás apresentadas, também se registaram avanços nas ciências e nas técnicas que permitiram aos europeus expandirem-se pelo mundo.

Todos estes avanços contribuíram para um objectivo principal: encontrar um caminho que levasse à Índia sem passar pelas terras dominadas pelos muçulmanos.

Desenvolvimento das ciências náuticas

No século XV, os europeus desenvolveram as ciências náuticas passando a usar novos instrumentos que ajudavam na navegação, tais como a bússola, o quadrante e o astrolábio. Estes três instrumentos ajudavam os marinheiros a orientarem-se pelos astros, tanto de dia como de noite, podendo assim navegar no alto mar sem o risco de se perderem.



Fig. 1 O astrolábio e o quadrante permitem medir a altura do sol e outras estrelas para calcular a nossa posição no globo terrestre.



Fig. 2 A caravela foi determinante na expansão europeia.

A caravela, uma embarcação ligeira de alto mar, muito manobrável, possibilitou avançar pelo Atlântico Sul nas viagens de exploração, navegando contra ventos contrários, graças às suas velas triangulares.

Os marinheiros europeus já possuíam cartas de marear bastante completas, com a descrição das costas, dos portos e as respectivas técnicas de manobra das embarcações. Grande parte destas informações, instrumentos e técnicas de navegação foram fruto dos contactos havidos séculos atrás com as civilizações árabes do Norte de África e da Península Ibérica. Outra contribuição foi dada pela experiência transmitida pelos marinheiros italianos e catalães, que desde o século XIII percorriam rotas de longa distância entre o mar Mediterrâneo e o mar Báltico, no Norte da Europa.

AS CAUSAS DA PENETRAÇÃO MERCANTIL EUROPEIA NO CONTINENTE AFRICANO

Os europeus chegaram pela primeira vez à Costa Oriental de África em 1498, a caminho da Índia. Podemos dizer que a penetração mercantil se iniciou aí e terminou no século XIX, altura em que se iniciou a dominação colonial.

Podemos definir a penetração mercantil como o fenómeno de fixação e estabelecimento de contactos comerciais dos europeus no continente africano. Estabeleceram feitorias-fortalezas que eram simultaneamente entrepostos comerciais e defesas contra os inimigos. Era nestes edifícios que eram realizadas as trocas dos produtos comerciais.

As principais feitorias-fortalezas construídas neste período, no que é o actual território de Moçambique, foram as de Sofala (1505) e da Ilha de Moçambique (1506). A construção desta última foi ordenada por Vasco da Gama durante a sua segunda viagem à Índia.

Quando os europeus chegaram à Costa Oriental de África, os árabes dominavam as trocas comerciais. Havia-se fixado em pontos estratégicos do litoral e as trocas de ouro, marfim, âmbar e pedras preciosas com o interior eram feitas através de intermediários swahili, que estudaste na 6.^a classe.

Para se apoderarem deste comércio, os europeus tiveram primeiro que lutar contra a presença árabe, destruindo as suas cidades e construindo os seus próprios fortes na costa. Depois de dominarem os pontos estratégicos do litoral, os europeus penetraram no interior para fazer trocas directamente com os chefes e as comunidades locais, contornando os intermediários swahili fiéis aos árabes.

A procura de ouro, marfim e escravos

De entre os produtos procurados pelos europeus, os mais importantes eram o ouro, o marfim e, mais tarde, os escravos.

O ouro foi transportado para a Europa e usado como moeda de troca na Índia, para a compra de especiarias. O marfim também serviu para trocar por especiarias da Índia e para produzir objectos de adorno. Os escravos foram usados massivamente nas plantações agrícolas da América do Sul, a partir de finais do século XVI, como adiante irás estudar.



Fig. 3 Uma feitoria na costa oriental africana.



Fig. 4 Objecto em marfim com a forma de um crocodilo.

EXPANSÃO E PENETRAÇÃO MERCANTIL EUROPEIA

A busca destas mercadorias levou os europeus a penetrarem, gradualmente, no interior, e a estabelecerem relações com os chefes africanos, interferindo muitas vezes na política dos estados africanos, como foi o caso do Estado de Muenemutapa em Moçambique.

Agora, pratico!

1. Enumera os avanços científicos e técnicos da Europa a partir do século XV.
2. Explica como a procura de matérias-primas contribuiu para a penetração mercantil europeia em África.
3. Menciona outros factores que contribuíram para a penetração mercantil.

O PAPEL DE PORTUGAL NA EXPANSÃO

Pequena cronologia dos descobrimentos portugueses

- 1415 – Conquista de Ceuta.
- 1434 – Gil Eanes dobra o Cabo Bojador alcançando a Costa Ocidental Africana.
- 1441 – Nuno Tristão chega ao Cabo Branco.
- 1456 – Descoberta do arquipélago de Cabo Verde.
- 1460 – Diogo Cão chega à Serra Leoa.
- 1471 – Fernão Gomes chega à costa da Mina, actual Gana.
- 1471/2 – João de Santarém e Pedro Escobar descobrem o arquipélago de São Tomé e Príncipe.
- 1482/6 – Diogo Cão chega ao rio Zaire e descobre a costa de Angola.
- 1488 – Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança e atinge o Oceano Índico.
- 1498 – Vasco da Gama chega à Índia.

Portugal teve um papel muito importante na expansão marítima europeia, sobretudo com a exploração da Costa Ocidental Africana e a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Portugal foi pioneiro nas viagens exploratórias, iniciadas em 1415 com a conquista de Ceuta. Em 1488, Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança (na África do Sul). Este episódio encerra uma das etapas mais importantes nas viagens de exploração da Costa Ocidental Africana. As viagens de exploração desta parte de África continuariam, mas agora sob a responsabilidade de particulares ao serviço da coroa portuguesa.



Fig. 5 As descobertas marítimas portuguesas até 1488.

A descoberta do caminho marítimo para a Índia

Nos finais do século XV (1498), os portugueses descobriram o caminho marítimo para a Índia. O feito de Vasco da Gama só foi possível graças ao reconhecimento anteriormente feito de toda a Costa Ocidental de África.

A experiência acumulada e as informações transmitidas pelos povos da Costa Oriental Africana, que faziam frequentes viagens à Índia, foram muito importantes para que Vasco da Gama e a sua esquadra chegassem ao Oriente. Este acontecimento significou o cumprimento de um objectivo da Europa: descobrir uma rota comercial mais barata e segura para trazer especiarias e outros produtos do Oriente.



Fig. 6 O trajeto de Vasco da Gama rumo à Índia.

As razões da prioridade portuguesa na expansão

O papel pioneiro de Portugal na expansão europeia deve-se a vários factores:

- **Situação geográfica favorável.** A longa extensão da costa portuguesa fez com que, desde muito cedo, os portugueses adquirissem experiência marítima. Desde o século XII que se aventuravam no comércio marítimo de longa distância, entre a Península Ibérica e o Norte da Europa.
- **Condições científicas e técnicas.** Dominavam a navegação astronómica, fazendo uso do astrolábio, do quadrante e da bússola. Possuíam ainda o conhecimento acumulado de outros povos marinheiros nas cartas de marear (italianos, muçulmanos e catalães). Construía embarcações rápidas e versáteis, adequadas à navegação no oceano.
- **Condições políticas e sociais.** A crise do século XIV tinha feito sentir a falta de metais preciosos, cereais, mão-de-obra e matérias-primas. Todos os grupos sociais (clero, nobreza, e povo) eram favoráveis à expansão e viam-na como a solução dos problemas económicos. A coroa portuguesa pretendia agradar ao papa com a conquista de novos territórios para a Igreja cristã, espalhando a fé e lutando contra os inimigos muçulmanos do Norte de África.

Agora, pratico!

1. Que razões levaram Portugal a assumir um papel preponderante na expansão?
2. Que significado teve a descoberta do caminho marítimo para a Índia?

INÍCIO E RAZÕES DO TRÁFICO DE ESCRAVOS

No nosso continente, a escravidão era praticada mesmo antes da chegada dos europeus, mas os escravos eram usados apenas em trabalhos domésticos, pelo que as suas consequências e os números envolvidos não eram muito significativos.

Nessa época, eram considerados escravos os filhos de escravos, os devedores insolventes, os condenados por certos delitos e as crianças vendidas em tempo de fome. A fonte principal da obtenção de escravos eram as guerras: os prisioneiros eram obrigados a servir de escravos. Em muitos casos, os escravos ocupavam posições de elite dentro das sociedades africanas, como aconteceu com os A-Chicunda no vale do Zambeze, no nosso país.

Os muçulmanos do Norte de África também compravam escravos, sobretudo para o seu uso doméstico.

Nenhum destes comércios atingiu as proporções do tráfico realizado pelos europeus, a partir do século XVI.

As **razões** que levaram ao tráfico para a América foram as seguintes:

- Desenvolvimento de grandes plantações de açúcar e tabaco, que exigiam um número elevado de mão-de-obra.
- A fraca adaptação dos nativos americanos ao duro trabalho das plantações provocou a morte de muitos deles, numa população já reduzida devido aos massacres realizados pelos primeiros conquistadores europeus e ao contacto com novas doenças por eles trazidas. Sem mão-de-obra para as plantações, os europeus decidiram importar homens fortes de África.
- Os elevados lucros obtidos pelo comércio de mão-de-obra negra para a América animaram os europeus a intensificarem o tráfico desde África.



Fig. 7 Engenho (fábrica) de açúcar no Brasil. A produção de açúcar na América foi uma das razões principais para intensificar o tráfico de escravos.

O TRÁFICO DE ESCRAVOS NA ÁFRICA ORIENTAL E OCIDENTAL

O tráfico de escravos de África para a América intensificou-se na segunda metade do século XVI e inícios do século XVII, quando os europeus começaram a explorar, naquele continente, as plantações de cana-de-açúcar e tabaco.

A partir dessa altura, milhares de escravos foram levados todos os anos com destino à América. O tráfico foi mais intenso na África Ocidental, entre os séculos XVI e XVIII, e, mais tarde, na África Oriental, até ao século XIX.

O tráfico de escravos na África Ocidental

A África Ocidental foi a primeira região do nosso continente a envolver-se no comércio de escravos para a América. Esta foi a região, de todo o continente africano, que forneceu mais escravos.

Os mercados abastecedores de escravos situavam-se sobretudo no Golfo da Guiné, Senegal, Gâmbia, Rios do Sul, Costa dos Grãos, Costa do Marfim, Costa do Ouro, Benim, Camarões e Gabão. Angola foi também um grande exportador de escravos, provenientes das zonas de Luanda e Benguela.

À medida que a economia de plantações crescia na América, crescia também o tráfico de escravos na África Ocidental. Por volta de 1685, os ingleses traficavam cerca de 5 mil escravos por ano; em 1700, cerca de 10 mil escravos.

O apogeu do tráfico na África Ocidental, deu-se entre 1750 e 1790. Os europeus chegaram a traficar mais de 85 mil escravos por ano. Neste período, os maiores traficantes foram os ingleses, seguidos por franceses, portugueses, holandeses e, finalmente, por dinamarqueses.

Os escravos eram vendidos pelos chefes de tribos locais, aliados dos europeus, em troca de tecidos, objectos de latão, sal, armas, etc., aos mercadores negreiros das feitorias da zona costeira. Destacam-se, pelo número de escravos, os portos de Luanda e Congo.

A particularidade do comércio de escravos na África Ocidental foi a de o tráfico não ter penetrado no interior, limitando-se a captura às regiões próximas da costa. No século XVII, quando os escravos se tornaram escassos na África Ocidental, pelo facto de muitos povos se terem refugiado no interior, o tráfico de escravos passou para a África Oriental.

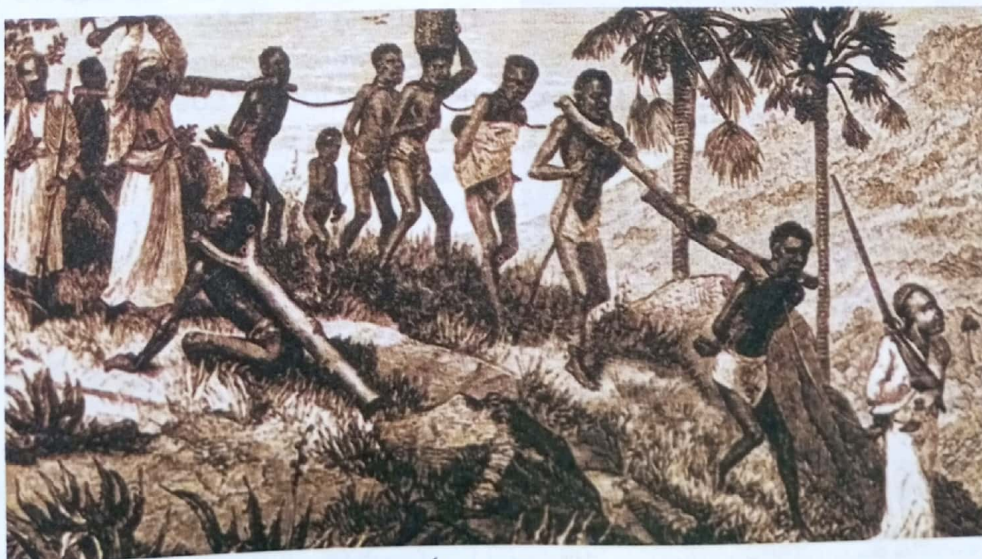


Fig. 8 O tráfico de escravos na África Ocidental.

O comércio de escravos na África Oriental

O tráfico de escravos nos Estados africanos do Vale do Zambeze

Numa fase inicial, os escravos vendidos eram capturados através de guerras violentas movidas pelos prazeiros, então conhecidos por senhores de escravos. Nessas guerras participavam os A-Chicunda, um exército poderoso de escravos domésticos ao serviço do seu senhor prazeiro.

Com o tempo, os lucros do comércio de escravos aumentava e os senhores, na sua ganância, venderam também os A-Chicunda. Estavam assim a vender a *galinha dos ovos de ouro*.

Este procedimento foi fatal para os prazeiros, pois ficaram sem homens para defenderem as suas terras, tornando-se vulneráveis aos ataques de outros povos, o que provocou o seu fim.

René Pelissier,
História de Moçambique,
(adaptado)

O comércio de escravos na África Oriental intensificou-se a partir da segunda metade do século XVII, prolongando-se até ao século XIX.

Tal como na África Ocidental, os escravos eram levados sobretudo para o Brasil e, mais tarde, para as ilhas do Oceano Índico, onde trabalhavam nas plantações francesas.

Moçambique foi uma das regiões da África Oriental sobre a qual o comércio de escravos incidiu de forma mais intensa. Durante cerca de dois séculos, milhares de pessoas foram vendidas a partir das feitorias de Inhambane, Sofala, Quelimane e Ilha de Moçambique, para destinos longínquos da Europa, Ásia e sobretudo América.

Na África Oriental, ao contrário da região ocidental, a captura de escravos alcançou regiões do interior.

No Lago Niassa, o comércio de escravos foi feito pelos chefes Ajaua enquanto que no Vale do Zambeze o comércio foi levado a cabo pelos prazeiros europeus. A estes, juntavam-se os sultões e xeques afro-islâmicos que enriqueciam à custa deste comércio. Eram estes que levavam os escravos em grandes caravanas para os venderem na costa aos negreiros, de quem recebiam armas de fogo, pólvora, bebidas e quinquilharias diversas.

O tráfico de escravos chegou tarde à África Oriental, mas encontrou aqui condições mais favoráveis do que na região ocidental. Muito rapidamente, o comércio tornou-se fonte de enriquecimento e motivo de conflito entre os chefes locais.

Na primeira metade do século XIX, o comércio da zona ainda era dominado pela escravatura. No negócio destacaram-se os negreiros swahilis, os negreiros do Império de Gaza, os negreiros franceses e portugueses.

Clandestinamente, os negreiros swahili, macuas e de outras etnias continuaram a traficar escravos até ao século XX (mesmo depois da abolição da escravatura), procurando manter este lucrativo e desumano negócio a todo o custo.

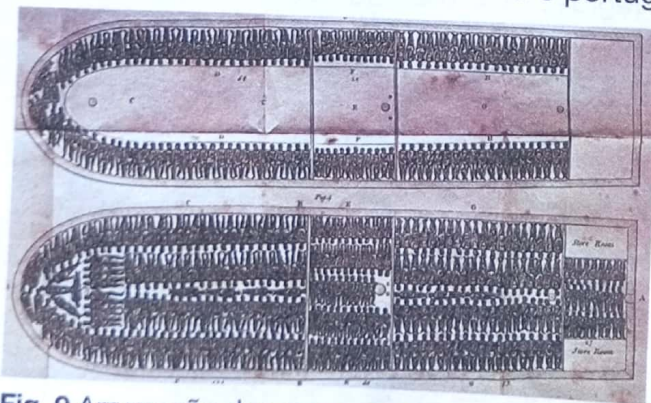


Fig. 9 Arrumação dos escravos num navio negreiro.

Agora, pratico!

1. Menciona as fontes de fornecimento de escravos na África Ocidental e na África Oriental.
2. Apresenta as diferenças entre o comércio de escravos na África Ocidental e Oriental.

O COMÉRCIO TRIANGULAR E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

O tráfico de escravos insere-se dentro de um esquema triangular que envolvia três continentes: Europa, África e América. Os navios dos negreiros saíam dos portos da Europa carregados de bebidas espirituosas, armas de fogo, tecidos de algodão e diversa quinquilharia. Estas mercadorias eram trocadas por escravos nas numerosas feitorias do litoral africano. Os escravos eram levados para a América para serem vendidos.

De regresso aos portos europeus, os navios iam carregados de diversas mercadorias. Os produtos tropicais trazidos (tabaco, açúcar, café, madeira, ouro e marfim) eram muito procurados na Europa, gerando grandes lucros.

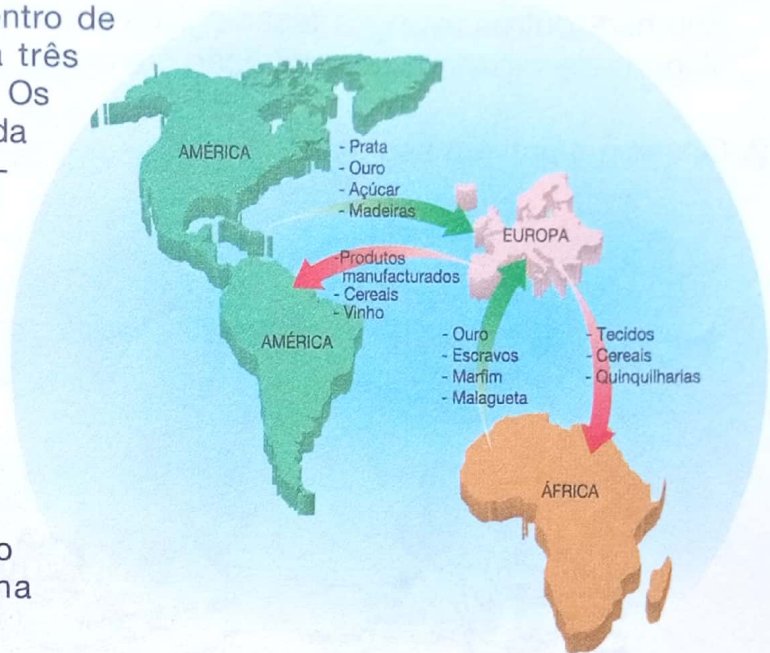


Fig. 10 Os produtos do comércio triangular.

As consequências do comércio triangular

As **consequências** do comércio triangular **para África**, em especial do tráfico de escravos, foram as seguintes:

- vastas áreas ficaram despovoadas devido à captura de escravos;
- a falta de mão-de-obra para o trabalho agrícola e o empobrecimento das comunidades africanas, uma vez que os capturados eram homens e mulheres fortes e úteis à produção;
- reinos africanos como o Benim e o Congo entraram em crise e decadência uma vez que os reinos vassalos os combatiam com armas conseguidas no tráfico de escravos.

Na **Europa**, enriqueceram os mercadores e os Estados envolvidos neste comércio. Os produtos que aí chegavam eram comercializados, com elevados lucros, nos principais mercados da Europa.

Para a **América**, em especial a América do Sul, teve como consequência o desenvolvimento agrícola, com a implementação de vastas plantações de cana-de-açúcar, tabaco e café. Originou uma nova sociedade mestiça, obtida da miscigenação entre os negros africanos, os colonos europeus e os nativos americanos.

Agora, pratico!

1. Explica, por palavras tuas, o que foi o comércio triangular.
2. Menciona as consequências do comércio triangular para o continente africano.
3. Refere as consequências deste comércio para os outros continentes envolvidos.

FICHA DE AVALIAÇÃO

3. Utilizando a informação da gravura da página anterior, escreve um pequeno texto sobre as principais causas que levaram à penetração mercantil europeia em África.
4. «A longa extensão da costa portuguesa fez com que, desde muito cedo, os portugueses adquirissem experiência marítima.»
Comenta a frase e faz uma síntese das razões que levaram Portugal a ser pioneiro na expansão europeia.
5. Completa a seguinte afirmação:
«A exploração mercantil da Costa Oriental Africana foi diferente da praticada na Costa Ocidental de África porque...»
6. Em que ano chegaram os portugueses à Índia?
7. Diz que acontecimentos se registaram nas seguintes datas: 1415, 1441, 1471 e 1488.
8. «O tráfico de escravos em África era realizado mesmo antes da chegada dos europeus.»
Caracteriza esse tráfico, apresentando as diferenças em relação ao praticado pelos europeus a partir do século XVI.
9. Aponta duas causas para o tráfico de escravos realizado entre a África e a América a partir do século XVI.
10. As afirmações seguintes são falsas ou verdadeiras?
 - O tráfico de escravos na África Oriental ocorreu entre 1750 e 1790.
 - O tráfico de escravos na África Ocidental teve lugar entre os séculos XVI e XVIII.
 - Os líderes africanos desempenharam um papel de destaque no comércio de escravos.
 - Na África Oriental, o comércio de escravos foi uma grande fonte de enriquecimento dos chefes locais, nomeadamente dos líderes dos estados afro-islâmicos, dos ajauas, dos prazeiros e outros.
11. Qual o país da África Oriental onde foram capturados mais escravos?
12. Define comércio triangular.
13. Faz uma pequena composição escrita justificando a seguinte afirmação:
«O comércio de escravos foi muito prejudicial para o desenvolvimento de África.»

UNIDADE 3 A Ocupação Europeia e o Sistema Colonial em África



Ao terminares esta unidade, deves ser capaz de:

- Identificar as principais causas da ocupação e colonização de África.
- Concluir que as populações africanas resistiram à ocupação e colonização.
- Nomear as principais figuras da resistência em África.
- Descrever as principais características da colonização de África.

PRINCIPAIS CAUSAS DA OCUPAÇÃO COLONIAL

Depois da partilha de África, decidida na Conferência de Berlim em 1884-85, pelas potências imperialistas (França, Alemanha, Inglaterra, Bélgica e Portugal), deu-se início ao processo de dominação política e económica dos países africanos. A este fenómeno deu-se o nome de ocupação colonial, ou colonização.

Causas económicas

- **Procura de novas fontes de matérias-primas**, para fazer face às crescentes necessidades por parte das novas indústrias, resultantes da Revolução Industrial. As matérias-primas incluíam produtos agrícolas e minerais.
- **Procura de novos mercados**. O aumento da produção fez com que os produtos não fossem todos consumidos dentro da Europa. Consequentemente, os europeus tiveram que procurar novos mercados para colocar a sua produção.

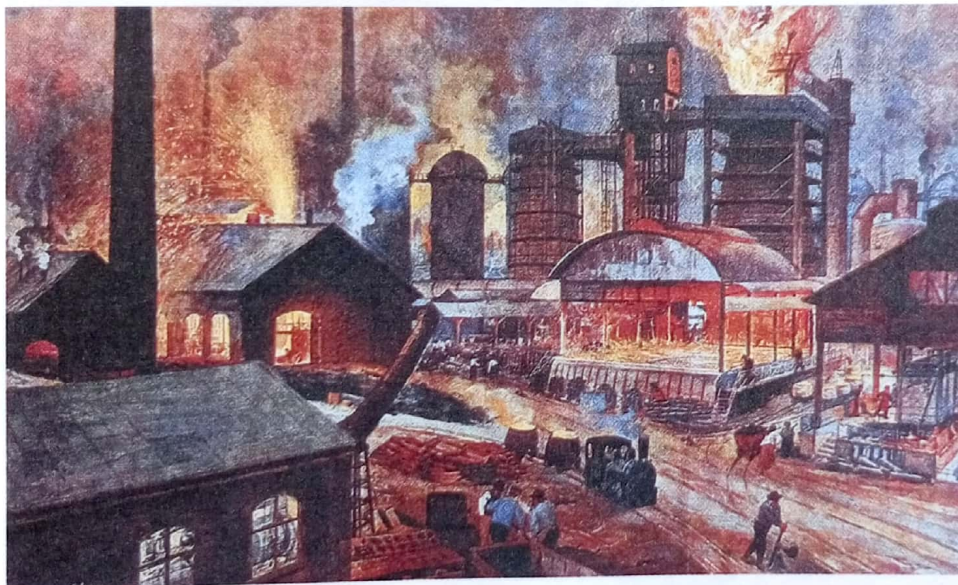


Fig. 1 Fábrica inglesa no século XIX.

Causas políticas

- **Procura de colónias**. No século XIX as potências colonialistas da Europa atingiram uma nova fase de desenvolvimento chamada **imperialismo**. Tinha como objectivo conseguir criar um império com o máximo de colónias possível, trazendo benefícios económicos às metrópoles.

Agora, pratico!

1. Menciona as causas económicas da ocupação colonial.
2. Identifica a principal causa política para a ocupação colonial europeia em África.

A Revolução Industrial foi um conjunto de transformações económicas, tecnológicas e sociais que se deram na Europa a partir do século XVIII e XIX. Aconteceu em primeiro lugar na Inglaterra e, mais tarde, propagou-se por outros países. Foi caracterizada pelo surgimento da indústria, nos moldes como a conhecemos hoje em dia. Uma série de invenções tornaram-se fundamentais para acelerar os processos de produção. As tarefas passaram a especializar-se tendo em vista a rentabilização do tempo de trabalho e a produção em série dos bens de consumo. A maior invenção foi a máquina a vapor, que passou a ser usada para substituir a força do homem na indústria.

O imperialismo, também conhecido como capitalismo monopolista, é a fase mais avançada do capitalismo, caracterizada pela produção industrial e busca de mercados internacionais, com o objectivo de assegurar o escoamento dos produtos e a aquisição de matérias-primas. Esses mercados eram constituídos por colónias dependentes política e economicamente de uma metrópole. Este sistema provocou a partilha do mundo não capitalista pelas nações imperialistas.

A CONFERÊNCIA DE BERLIM

Entre 15 de Novembro de 1884 e 26 de Janeiro de 1885 as potências imperialistas reuniram-se em Berlim, a convite da Alemanha, para dividir entre si o continente africano. Essa conferência ficou conhecida como **Conferência de Berlim**.

Nesta conferência estiveram representados 15 países, nomeadamente: Alemanha, Império Austro-Húngaro, Bélgica, Dinamarca, França, Espanha, Inglaterra, Itália, Reino dos Países Baixos, Portugal, Rússia, Suécia, Noruega, Turquia e Estados Unidos da América.

De entre estas potências, a Inglaterra, a França, Portugal e a Alemanha eram as que tinham maiores interesses no nosso continente.

As causas da Conferência de Berlim

A Conferência de Berlim tinha os seguintes objectivos:

- Resolver os conflitos territoriais que opunham as potências imperialistas na Bacia do Congo e noutras regiões.
- Discutir a necessidade da livre navegação no rio Congo e noutros rios que permitissem chegar ao interior de África.
- Discutir a necessidade da liberdade do comércio nos territórios africanos.

Estas causas são resumidas no documento da época a seguir transcrito:



Fig. 2 A Conferência de Berlim.

A Conferência de Berlim

(...) Reuniu-se no dia 15 de Novembro último, em Berlim, uma conferência internacional de várias potências coloniais (...) para regular a navegação e comércio no Zaire, demarcar os limites ocupados por Portugal, o principal senhor daquela região, e de outras nações que ali ocupam pequenas extensões, como a França, a Inglaterra e, ultimamente, a Alemanha.

Essa conferência tem prolongado os seus trabalhos de modo que, dizendo-se a princípio que não excederia os finais de Dezembro, ainda hoje se reúne e aí se discute, anunciando-se que talvez não termine ainda no mês corrente, tais têm sido as dificuldades, que de todos os lados se têm levantado para chegar a um acordo final.

in *História de Moçambique*, vol. I, p. 163 (adaptado)

A Conferência de Berlim determinou, entre outros pontos:

- a liberdade de navegação no rio Congo e em todos os outros rios importantes, incluindo o rio Zambeze;
- a liberdade de navegação na região dos grandes lagos africanos;
- a liberdade do comércio nesses territórios;
- qualquer potência europeia que tomasse posse de um território em África, devia avisar as restantes potências para que passassem a reconhecer-lhe tal posse (Artigo 34.º);
- a potência que ocupasse qualquer território costeiro devia igualmente exercer o seu domínio até ao interior (Artigo 35.º).

A partilha de África

Como vimos anteriormente, a grande decisão da Conferência de Berlim foi a partilha de África e o início imediato do processo de ocupação efectiva dos territórios.



Fig. 3 A ocupação colonial em África.

Agora, pratico!

1. Menciona os países que participaram na Conferência de Berlim.
2. Mostra, através de exemplos do texto, que a Conferência de Berlim deu lugar à dominação colonial de África.

A RESISTÊNCIA AFRICANA À OCUPAÇÃO COLONIAL

Desde que foi iniciado o processo de ocupação colonial, os nossos antepassados impuseram uma forte resistência, a qual assumiu as seguintes formas:

- **Confronto militar directo.**
- **Não cooperação.** Os chefes diziam aos seus povos para abandonarem as regiões ocupadas pelos invasores ou para não produzirem nas suas machambas o que eles impunham.
- **Aliança diplomática.** Consistia no estabelecimento de alianças tácticas entre os líderes africanos e os invasores como forma de os primeiros manterem a sua independência política.

Vamos, seguidamente, indicar alguns exemplos da resistência africana à ocupação colonial, entre os finais do século XIX e princípios do século XX, nas diferentes regiões de África.

África do Norte

A África do Norte é uma região de forte influência muçulmana. Os líderes muçulmanos desta região tiveram um papel muito importante na luta contra a dominação colonial.

A resistência foi dirigida por líderes religiosos e teve como características principais o confronto militar e as alianças diplomáticas com o colonizador.

Como estudaste na 6.^a classe, o Magrebe é a região do Norte de África composta por Marrocos, Argélia, Sara, Tunísia e Líbia. Esta região foi colonizada por França, Espanha, Itália e Alemanha. Ao penetrar no Magrebe, as potências enfrentaram uma dura resistência. Vamos estudar alguns exemplos.

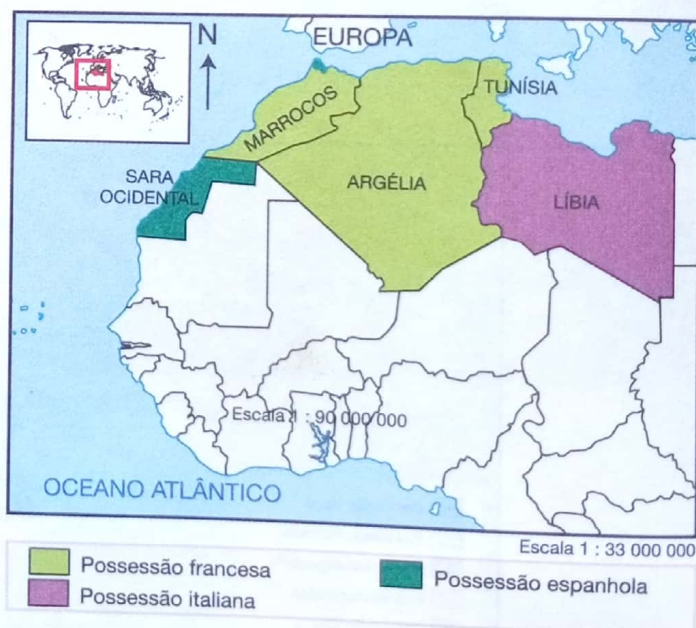


Fig. 4 Ocupação colonial na África do Norte.

Dominação e resistência em Marrocos

Durante muito tempo, Marrocos foi cobiçado pelos espanhóis que conseguiram, em 1893, derrotar o rei Hassan I. Estenderam as suas conquistas até Melilla.

Ao mesmo tempo que os espanhóis ocupavam o território, os franceses tomaram Tuati, tência dos líderes locais. Porém, a ocupação francesa enfrentou uma forte resistência a resistência em 1901.

Na tentativa de manter a sua independência, o jovem sultão de Marrocos **Abd al-Aziz** pediu apoio a britânicos e alemães. Estes aconselharam-no a aceitar submeter-se aos franceses.

Mais a sul, a resistência contra a dominação dos franceses foi liderada por **Mulay Idrise**, um governador do sultão al-Aziz.

Outro líder de resistência importante foi o xeque **Ameriyan** que, entre 1909 e 1926, decretou a **jihād** (guerra santa) contra a penetração espanhola em Rif, no Norte de Marrocos.

Conquista e resistência na Tripolitânia (Líbia)

Em 1911, os italianos lançaram as suas forças para a ocupação da Líbia e muito rapidamente ocuparam Trípoli, Benghazi, Hons e Tobruk, cidades importantes daquele país do Norte de África. Mas quando pretendiam estender o seu domínio pelo resto do país, enfrentaram uma forte resistência em al-Hani, Djuliana, al-kuwayya, entre outros locais.

A resistência na Líbia foi desencadeada por **Said Ahmad al-Sharif al-Sanusi**, chefe religioso dos Sanusiyya que conseguiu unir os árabes do interior e formar um poderoso exército que derrotou os italianos.

Em 1922, foi a vez de Said ser derrotado pelos italianos, mas a resistência continuou sob a liderança de **Uma al-Mukhtar** que depois de muitos combates foi capturado e morto em 1931.



Fig. 5 Omar al-Mukhtar.

A resistência no Egípto

Entre 1863 e 1881, o Egípto foi governado pelo quediva (nome pelo qual era conhecido o governante do Egípto) **Isma'il**, um líder corrupto que mergulhou o país numa profunda crise.

Isma'il permitiu que os europeus explorassem o território, acumulando muitas riquezas, em detrimento dos egípcios cada vez mais empobrecidos.

Esta situação levou o povo egípcio à revolta. A revolta foi liderada por **Ahmad Urabi**, líder carismático e muito querido do povo egípcio. Urabi desencadeou um movimento de resistência que ficou conhecido por **revolução urabista**.

A revolução urabista eclodiu em 1881 e teve o apoio de intelectuais que se tinham formado em universidades europeias, dos quais se destacaram **Djamal al-Din al-Afghani**, **Muhammad Abduh** e **Muhammad Sharif Pasha**.

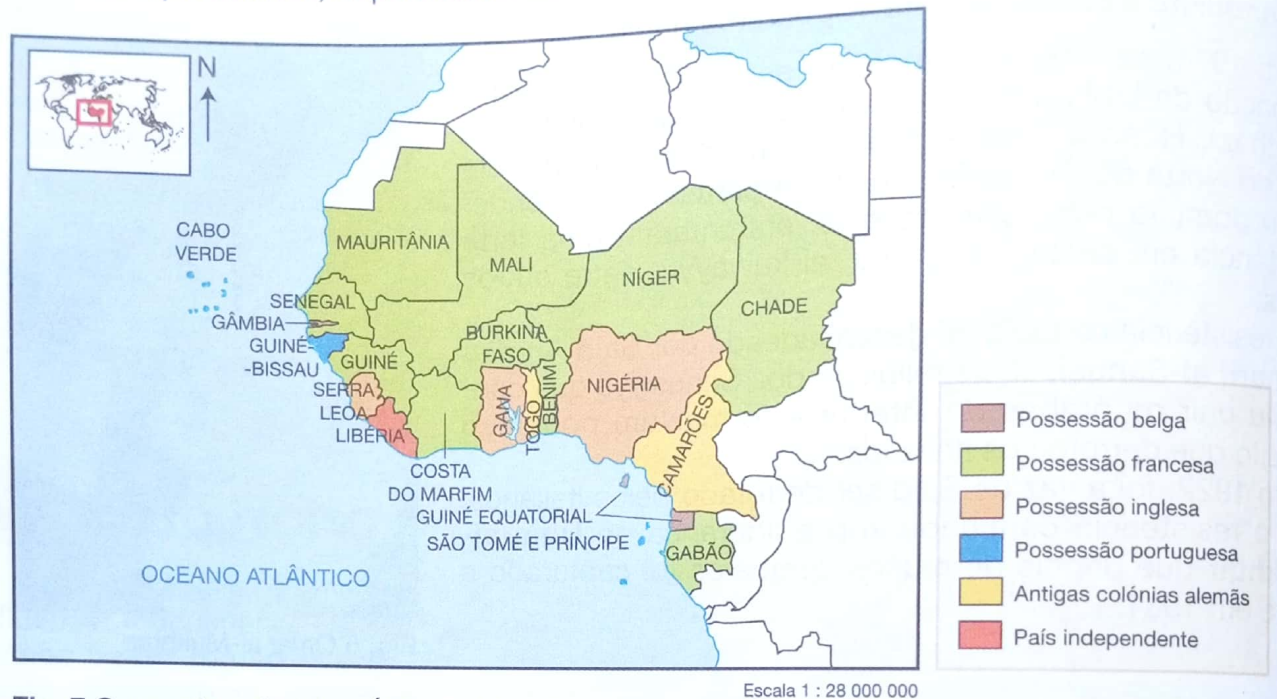
Descontente, o quediva aliou-se em segredo aos britânicos, que tinham grande interesse em controlar o canal do Suez, e iniciaram acções com vista à tomada do Egípto em Setembro de 1882. Um mês depois, a resistência foi dominada e o Egípto passou a ser uma colónia inglesa.



Fig. 6 Inauguração do Canal do Suez, a 17 de Novembro de 1869. A sua importância estratégica explica-se pelo facto de ser a ligação mais curta entre a Europa mediterrânica e o Médio Oriente.

África Ocidental

A África Ocidental sofreu a ocupação dos franceses e dos ingleses. Tal como em outras partes do nosso continente, a dominação colonial na África Ocidental assumiu formas militares ou diplomáticas, dependendo das condições encontradas pelos chefes locais.



A partir de 1880, a França decidiu aumentar a sua influência sobre os territórios da África Ocidental, que se estendiam do Senegal ao Níger e daí ao Chade.

Para realizar estas conquistas, os franceses usaram preferencialmente a força militar (contrariamente aos ingleses que dominaram através de acordos diplomáticos e alianças).

A esta actuação, os chefes locais africanos opuseram uma forte resistência militar com características de muita violência.

A resistência de Lat-Dior na Senegâmbia

A resistência na Senegâmbia foi dirigida por **Lat-Dior**, rei de Cayor, um dos territórios que constituíam a Senegâmbia. Lat-Dior usou como meios de resistência acções diplomáticas e desobediência às autoridades coloniais francesas.

Em 1879, Lat-Dior incitou o seu povo e outros chefes a não colaborarem com os franceses no seu projecto de construir uma linha férrea.

Respondendo ao administrador francês sobre a ideia da construção da linha férrea, Lat-Dior escreveu:

«Enquanto eu for vivo, vou-me opor com todas as minhas forças à construção de estrada de ferro (...). A vista das espadas e das lanças é agradável aos nossos olhos. É por sempre não, e jamais te darei outra resposta. Mesmo quando eu for dormir o último sono, meu cavalo Malaw te dará a mesma resposta.»

No entanto, o projecto de construir a linha férrea foi realizado. Lat-Dior não desistiu da sua luta: mobilizou o seu povo para não cultivar amendoim, um dos produtos preferidos dos franceses para a sua indústria na Europa. Mobilizou ainda o seu povo para abandonar as regiões que ficavam perto das guarnições francesas, refugiando-se no interior.

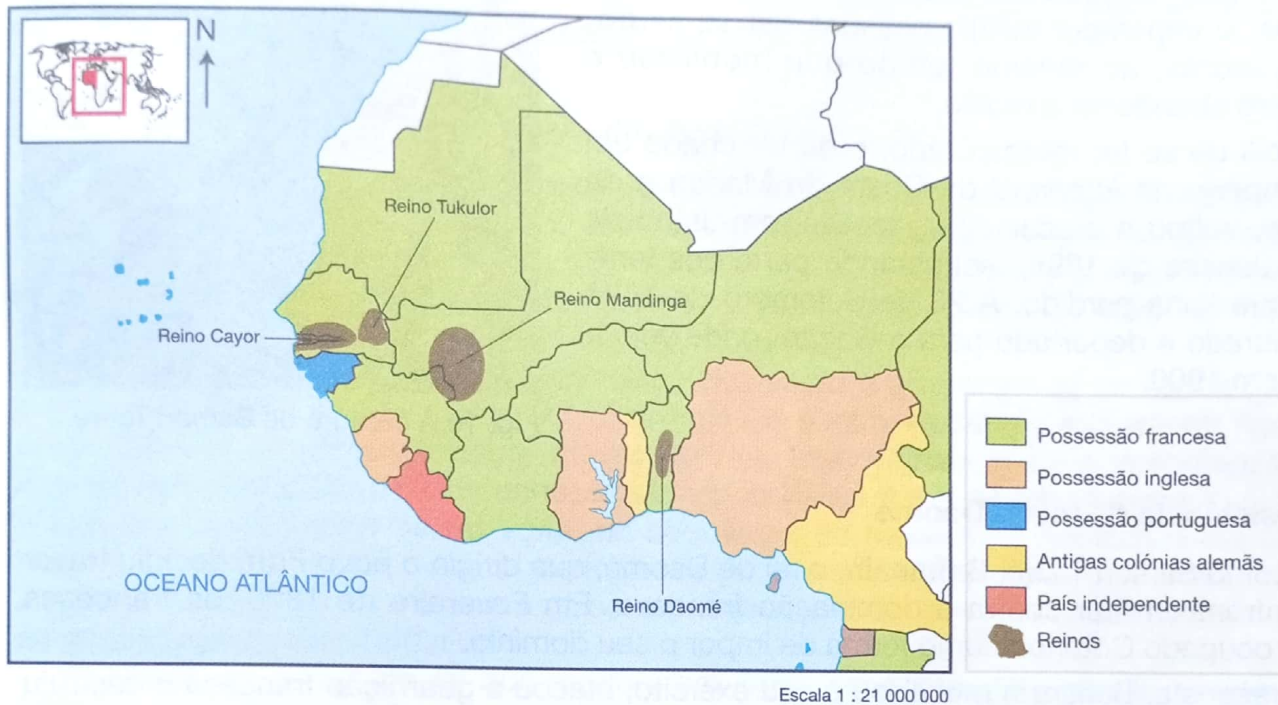


Fig. 8 Reinos africanos resistentes à ocupação colonial na África Ocidental.

Em 1882, os franceses atacaram militarmente o reino Cayor. Lat-Dior refugiou-se em Jolof e daí organizou a sua resistência. Em Outubro de 1886, Lat-Dior morreu em combate, depois de ter causado pesadas baixas aos franceses, na batalha de Dekle.

A resistência de Samori Touré do Império Mandinga

Samori Touré optou também pela resistência militar contra a dominação francesa. Para alcançar os seus objectivos, dispunha de um exército profissional, bem treinado, disciplinado e equipado com armas compradas aos europeus em troca de ouro, marfim, escravos e cavalos.

O primeiro ataque francês deu-se em 1882, quando Touré se recusou a cumprir uma ordem dos franceses para abandonar Keneran, um importante corredor por onde o império recebia as armas europeias. Em 1885, os franceses ocuparam a região mineira de Bure e Touré.

Para evitar novos confrontos com os franceses, Touré decidiu aliar-se aos ingleses.

Quando os reinos vizinhos começaram a pressionar o seu poderio, Samori assinou, em 1886 e 1887, acordos com os franceses comprometendo-se a entregar parte dos seus territórios. Porém, em pouco tempo descobriu que os franceses o traíam e apoiavam os seus inimigos. Decidiu, então, reiniciar a resistência militar.



Fig. 9 Samori Touré.

A OCUPAÇÃO EUROPEIA E O SISTEMA COLONIAL EM ÁFRICA

Touré derrotou os franceses na batalha de Dabadugu, em Setembro de 1891. Em 1892, os franceses contra-atacaram com um exército numeroso (cerca de 4 mil homens) e bem equipado. Apesar de neste confronto Samori ter perdido Bisandugu, Sanankoro e Kerwane, o imperador infligiu pesadas baixas às tropas invasoras, ao mesmo tempo que mobilizou o povo para abandonar a região.

Depois de se ter reorganizado, e de ter criado um novo império no *interland* da Costa do Marfim e de Ashante, voltou a atacar os franceses, em Julho de 1895 e Janeiro de 1896, recuperando parte dos territórios que tinha perdido. A 28 de Setembro de 1898 foi capturado e deportado para o Gabão, onde veio a morrer em 1900.



Fig. 10 A captura de Samori Touré.

A resistência do rei de Daomé

Tal como Samori Touré, **Behanzin**, o rei de Daomé, que dirigia o povo **Fon**, decidiu travar um confronto militar contra a dominação francesa. Em Fevereiro de 1890, os franceses tinham ocupado Cotonou como forma de impor o seu domínio.

Em resposta, Behanzin mobilizou o seu exército, atacou a guarnição francesa e destruiu a cultura de palmeiras, em Setembro de 1890, como forma de pressionar os franceses a assinarem um acordo de paz.

Em Outubro de 1890, os franceses enviaram a Abomey um emissário, o **padre Dorgere**, com uma proposta de paz. Nessa proposta, os franceses comprometiam-se a pagar a Behanzin uma renda anual de 20 mil francos em troca do reconhecimento dos seus direitos sobre Cotonou, onde, para além de poderem exercer a actividade comercial, poderiam manter a sua guarnição. Behanzin aceitou os termos do acordo e este foi assinado a 3 de Outubro.

Porém, em 1892, aproveitando-se de um incidente em que as tropas de Behanzin atacaram um barco francês que descia o rio Weme, os franceses voltaram à ofensiva militar.

Este novo conflito, em Outubro de 1892, foi dirigido pelo coronel **Dodds**, um mestiço senegalês que dirigia um numeroso e bem equipado exército francês, e infligiu pesadas derrotas aos soldados de Behanzin.

Derrotados, os Fon pediram paz. Em resposta, os franceses impuseram condições inaceitáveis, tais como o pagamento de uma pesada indemnização, o que Behanzin recusou.

Em Novembro de 1892, os franceses entraram na aldeia de Abomey que o rei tinha mandado incendiar antes de partir em busca de refúgio no norte do seu reino. Porém, a superioridade militar dos franceses levou a que o povo Fon fosse definitivamente dominado em 1894 e Behanzin fosse preso na sequência de uma traição.

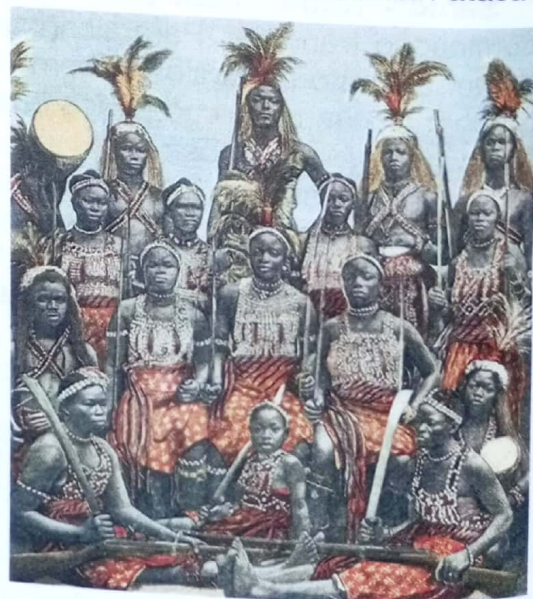


Fig. 11 Feiticeiros, guerreiros e guerreiras de Daomé, em 1891.

A resistência nos territórios ingleses

Contrariamente aos franceses, os ingleses, no seu processo de dominação da África Ocidental, privilegiaram negociações pacíficas, fazendo tratados de protecção com os estados africanos. Porém, em muitas outras regiões, os ingleses também recorreram ao uso da força militar. Vamos, de seguida, estudar como os povos africanos dos territórios dominados pelos ingleses resistiram à dominação colonial.

A resistência de Ashanti na Costa do Ouro (Gana)

A Confederação de Ashanti ocupava numerosos territórios da África Ocidental que constituíam os seus estados vassallos. O reino **Ashanti** teve uma longa história de confrontos militares contra os ingleses, iniciada em 1760, tendo o seu ponto mais alto em 1824 quando os Ashanti mataram **Sir Charles MacCarthy**, governador da Costa do Ouro. Em 1826, os ingleses vingaram-se desta morte na batalha de Dowa.

Entre 1869 e 1872 os Ashanti atacaram várias vezes e ocuparam os territórios costeiros e do sul da Costa do Ouro. Em 1874, os ingleses contra-atacaram, saquearam Kumasi e fizeram o exército Ashanti recuar até ao rio Pra. Esta derrota levou à desagregação do império Ashanti que teve de reconhecer a independência dos Estados situados a sul do Pra e dos que se situavam no rio Volta, na sequência do tratado de Fomena. Para evitar a reconstituição do Império Ashanti, os ingleses incitaram **Dwaden, Kokofu, Bekwai e Nsuta** a desmembrarem-se ou a levarem os seus povos a abandonarem os territórios para se juntarem ao protectorado britânico.

Prempeh, sucessor do rei que morrera em 1884, conseguiu reconstituir o império, em 1888, e até convencer alguns dos antigos Estados vassallos a retomarem a confederação. Os Estados que não aceitaram foram anexados à força em 1892.

Temendo que o novo imperador se aliasse a franceses ou alemães, os ingleses propuseram-lhe a instalação de um representante em Kumasi e o pagamento de uma renda anual. O rei recusou, ao mesmo tempo que enviava um emissário seu para falar com a rainha britânica em Londres, em 1895. Porém, a rainha não só não recebeu a comitiva como impôs que Ashanti lhe pagasse uma pesada indemnização, o que foi prontamente recusado.

Na sequência desta recusa, os ingleses invadiram Kumasi, em Janeiro de 1896, sem encontrar nenhuma resistência por parte de Prempeh, que tentava evitar o sofrimento do seu povo e temia a superioridade militar britânica.

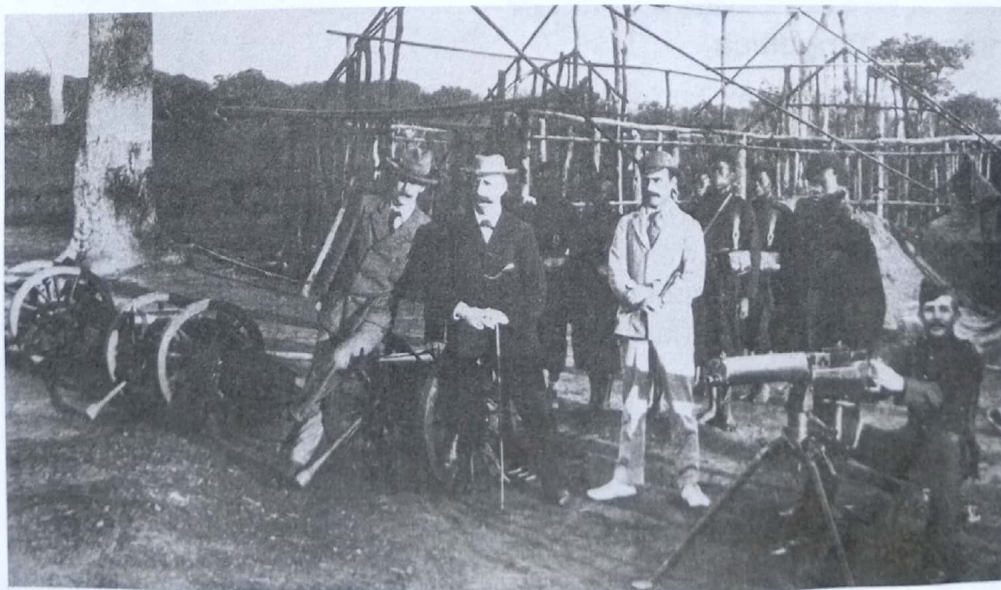


Fig. 12 Colonos britânicos na Costa do Ouro.

África Oriental

A África Oriental foi dominada pelos alemães e britânicos que partilharam entre si os territórios do Quênia, Uganda, Tanzânia e os territórios dos grandes lagos, hoje ocupados pelo Burundi e pelo Ruanda.

Para além dos povos que viviam no interior, existiam na costa os povos afro-islâmicos swahili, que estudaste na 6.ª classe. Todos estes povos impuseram resistência à dominação colonial na região.

A resistência no Quênia

Os povos do Quênia opuseram resistência à colonização de várias formas: confronto militar ou estreitamento de relações diplomáticas.

De entre os povos que optaram pelo confronto militar, destacam-se os **Nandi** e os **Mazrui** (que tiveram como líder **Mbaruk Bin Rashid**), que entre 1890 e 1905 desencadearam acções militares contra os ingleses. Os Nandi também seguiram o caminho do confronto devido à organização militar em que era baseada a sua sociedade.

Os povos **Gikuyu** preferiram, numa primeira fase, aliar-se aos ingleses como forma de salvaguardar a sua independência. Quando o seu líder, **Waiyaki**, descobriu que os ingleses, contrariamente ao que ele julgava, pretendiam retirar-lhe a independência, revoltou-se militarmente, mas foi neutralizado.

A resistência em Tanganica

Em Tanganica, o confronto militar foi travado essencialmente pelos líderes afro-islâmicos da zona costeira. O lucrativo comércio entre o interior e os mercados do Índico constituía uma razão de força maior para a manutenção da independência. Os alemães pretendiam usurpar este comércio.

Um desses líderes foi **Abushiri** que vendo os seus interesses comerciais ameaçados pelos alemães enviou, em 1888, um ultimato para que estes abandonassem a costa.

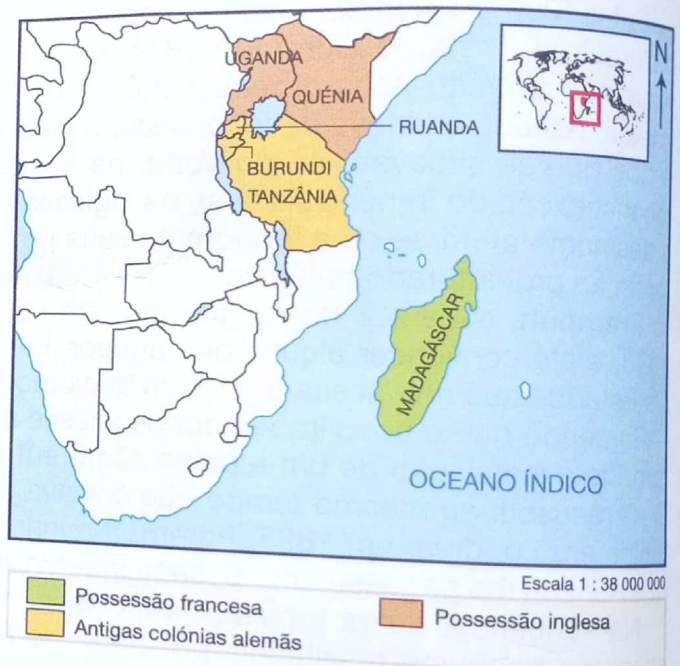


Fig. 13 Ocupação colonial na África Oriental.



Fig. 14 Abushiri.

Não tendo tido resposta positiva, atacou o exército alemão, incendiando-lhe uma embarcação junto à costa de Quiloa, em Setembro de 1888. Em Abril de 1889, os alemães contra-atacaram e destruíram a fortaleza de Abushiri, perto de Bagamoyo. O líder afro-islâmico refugiou-se no norte, em Uzigui. Traído pelos seus inimigos internos, Abushiri foi preso e entregue aos alemães que o enforcaram a 15 de Dezembro de 1889.

Outros episódios da oposição militar foram levados a cabo por **Hassan Bin Omar**, em 1893, **Mbunga**, em 1891, e pelos **Macondes** do sul de Tanganica, que se bateram contra os alemães em 1899. Para melhor controlar a resistência, os alemães aproveitaram-se das contradições que existiam entre os chefes locais para os dividir e daí tirar proveito.

Marealle e **Kibanga**, povos que viviam na região do Kilimanjaro e dos montes Usambara, aliaram-se aos alemães julgando que com isso poderiam manter a sua independência. No entanto, depois de conseguirem os seus intentos, as forças alemãs submeteram esses povos.

África Austral

Moçambique e Angola são dois territórios da África Austral que estiveram sob a dominação portuguesa. Tal como noutras regiões de África, os povos destes territórios resistiram contra a dominação colonial através de acções militares e alianças diplomáticas com os invasores na esperança de manterem a sua independência.

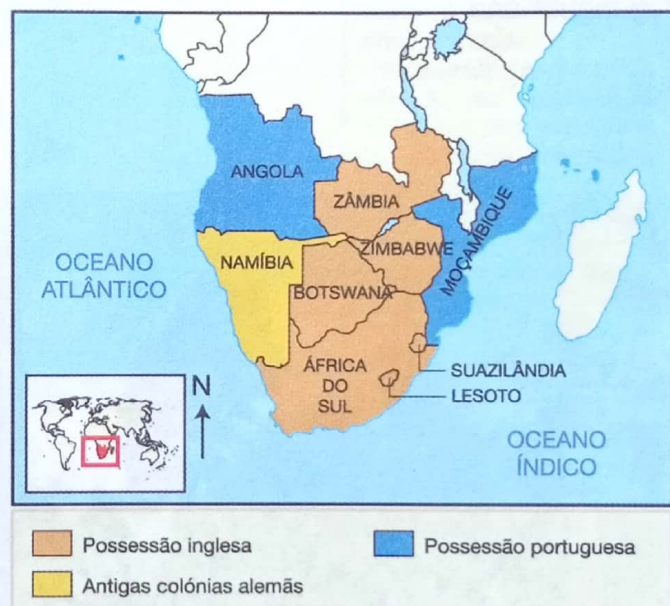


Fig. 15 Ocupação colonial na África Austral.

A resistência em Moçambique

A história da nossa pátria é repleta de exemplos de guerreiros que resistiram heroicamente contra a conquista e dominação coloniais: **Nwamantibjana**, **Mahazule**, **Ngungunhane**, **Maguiguane**, **Kanyemba**, **Matakenya**, etc.

A ocupação europeia e o sistema colonial em África

Zixaxa e Magaia

Em finais do século XIX, os povos de Zixaxa e Magaia, dirigidos por **Nwamantibjana** e **Mahazule**, respectivamente, ocupavam terras que se estendiam desde a baía de Maputo,

A OCUPAÇÃO EUROPEIA E O SISTEMA COLONIAL EM ÁFRICA

onde os portugueses tinham uma guarnição militar, até às margens do rio Incomáti. Para dominar aqueles territórios, os portugueses iniciaram uma campanha militar.

Os dois chefes uniram-se e enfrentaram o exército português na **batalha de Marracuene**, a **2 de Fevereiro de 1895**. Esta famosa batalha ficou conhecida pelo nome de **Guaza Muthini**, o que em língua local significa «atrair o inimigo para o matar em casa».

Apesar da derrota, os chefes locais provocaram pesadas baixas ao inimigo. Nwamantibjana e Mahazule refugiaram-se no Império de Gaza onde foram acolhidos por Ngungunhane.



Fig. 16 Ngungunhane, líder do Império de Gaza.



Fig. 17 Monumento comemorativo da batalha de Marracuene.

Os prazeiros

No centro de Moçambique a resistência foi liderada pelos **prazeiros** ou pelos seus antigos guerreiros, os **A-chicundas**. Estes Estados tinham o nome de **prazos** e devido à sua forte militarização foram também chamados **Estados Militares do Vale do Zambeze**.

Inicialmente, os prazeiros aliaram-se aos portugueses, servindo os seus interesses mas, mais tarde, recusaram-se a pagar impostos à Coroa portuguesa e lutaram contra a penetração colonial portuguesa.

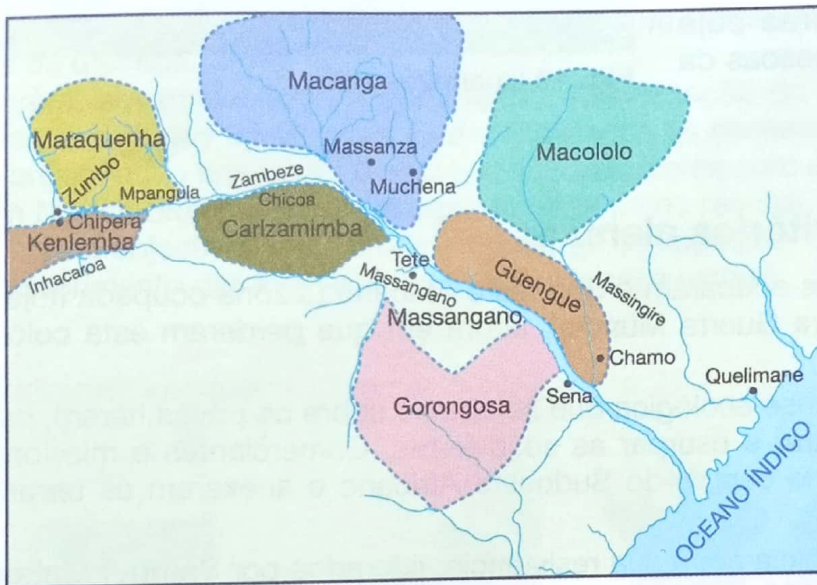


Fig. 18 Os Estados militares do Vale do Zambeze.

A resistência da dinastia dos Matacas

A dinastia dos Matacas, do povo Yao, reinou nos territórios que hoje pertencem à província de Niassa. Os membros desta dinastia enriqueceram com a venda de escravos aos comerciantes europeus.

Nos finais do século XIX, os portugueses entregaram o território da dinastia dos Matacas à Companhia do Niassa, para desenvolver as suas actividades agrícolas com recurso à mão-de-obra local.

A resistência local à ocupação foi, neste período, liderada por **Mataca III** que lutou contra os invasores.

A resistência nos territórios ingleses

A resistência Zulu

Os Zulu eram um povo numeroso que vivia na região Norte da África do Sul. Este povo resistiu contra a dominação dos ingleses que pretendiam submetê-lo e usar os seus filhos como mão-de-obra barata nas plantações agrícolas e nas minas.

Os prazos

Os prazos eram territórios concedidos pela coroa portuguesa a um dado indivíduo por um prazo de três gerações.

Os indivíduos que recebiam os prazos eram chamados prazeiros e eram de origem portuguesa. Tinham como obrigação trabalhar a terra e pagar um imposto (foro) à Coroa portuguesa.

Gradualmente, os prazeiros ganharam força através da conquista de novas terras e de casamentos com filhas dos chefes locais.

Para defender as suas terras, os prazeiros constituíram exércitos de escravos chamados A-chicundas.

Mais tarde, a economia dos prazos baseou-se na caça ao elefante e na captura de escravos. Com esta actividade, os prazeiros enriqueceram.

O povo Yao

É um povo matrilinear localizado no Norte de Moçambique. Este povo constituiu, entre os séculos XVII e XIX, pequenos estados que se fortificaram com o comércio de escravos. A expansão territorial destes estados levou a que a sua influência cultural se espalhasse para todas as regiões circunvizinhas. Ao mesmo tempo, surgiram neste povo líderes importantes como Mataca I que se destacou pela defesa do seu território contra invasores que fugiam da fome que assolava os seus territórios.

Alexandre António
e Lúcia Omar,
*Reconstituição Histórica da
Dinastia dos Matacas,*
ARPAC, Beira 2002

A resistência dos Zulu foi liderada por **Cetswayo** e teve início em Dezembro de 1878, quando os ingleses enviaram um ultimato para que este desmantelasse o seu exército.

Em Janeiro de 1879, os ingleses atacaram o território zulu mas foram derrotados na **batalha de Isandlwana**. Em Junho do mesmo ano, os ingleses, mais bem armados, derrotaram finalmente os Zulu na **batalha de Ulundi**. Depois desta vitória, os ingleses dividiram o império zulu em treze chefaturas cuja administração entregaram a pessoas da sua confiança.

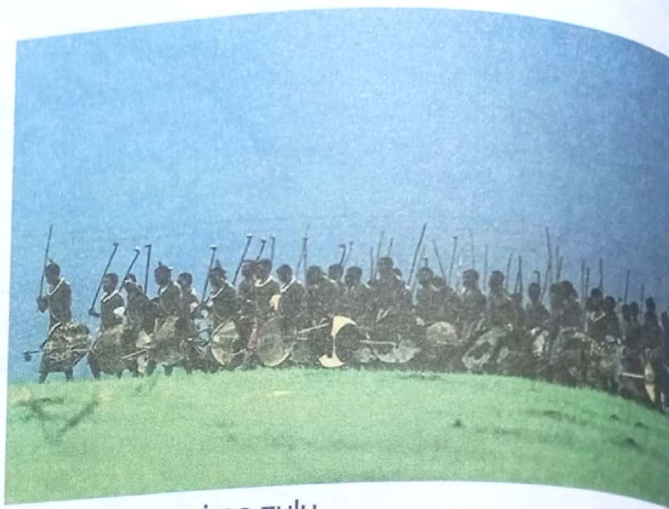


Fig. 19 Guerreiros zulu.

A resistência nos territórios alemães

Na África Austral, os alemães ocuparam o Sudoeste Africano (a zona ocupada hoje pela Namíbia) até ao fim da Primeira Guerra Mundial, altura em que perderam esta colónia a favor da União Sul-Africana.

Em 1896, na sequência da crise ecológica que se abateu sobre os povos herero, os alemães aproveitaram para penetrar e usurpar as suas terras. Comerciantes e missionários brancos penetraram no território central do Sudoeste Africano e anexaram as terras dos povos locais.

Em 1904, os povos Herero iniciaram a sua resistência, liderados por **Samuel Maherero**. Resultou na morte de mais de 100 alemães e recuperação das terras usurpadas. Porém, a resistência dos herero seria derrotada, em 1905, quando as tropas alemãs contra-atacaram expulsando estes povos para as regiões desérticas.

Derrotados, os alemães pediram reforços do exterior e contra-atacaram, acabando por isolar os herero em Waterberg.

Outro chefe importante da resistência foi **Hendrick Witbooi**, líder dos Nama. Este líder morreu em 1905, na guerra contra os alemães, sendo substituído por Jacob Murengaque, que seria igualmente morto em 1907, quando os alemães sufocaram o último foco de resistência no Sudoeste Africano e tomaram o controlo do gado e das terras.

Agora, pratico!

1. Nomeia os líderes que se destacaram na resistência da África Ocidental contra a penetração francesa.
2. Que formas foram assumidas para lutar contra a penetração francesa?
3. Que potências dominaram a África Oriental?
4. Menciona os líderes ou povos que lideraram a resistência na África Oriental.
5. Menciona os líderes da resistência em Moçambique, que estudaste.
6. O que são os «prazos»?

CARACTERÍSTICAS DO COLONIALISMO EM ÁFRICA

O Estado colonial

Os Estados coloniais tiveram em quase todo o continente uma característica similar. Sem homens suficientes para exercer a administração de todo o território, os europeus recorreram à **colonização indirecta**. Este tipo de colonização consistia em manter as tradições e crenças dos africanos e aplicar a dominação política e económica.

Neste tipo de administração, o poder concentra-se nas mãos de um Governador Geral que representa os interesses da metrópole junto do território colonizado. Abaixo desta figura, aparecem os chefes regionais que, no caso de Moçambique, eram chamados Governadores de distritos.

Porém, em quase todo o continente, a dominação da população local era feita com recurso aos chefes tradicionais locais adaptados às necessidades dos colonos. Esta forma de administração tinha por objectivo reduzir os custos com a administração colonial.

Em Moçambique, a administração foi feita pelos régulos, uma estrutura tradicional montada com o objectivo de controlar a cobrança de impostos, o recrutamento da mão-de-obra e o cumprimento das instruções das autoridades coloniais.



Fig. 20 Governador Geral de Moçambique passando revista aos régulos.

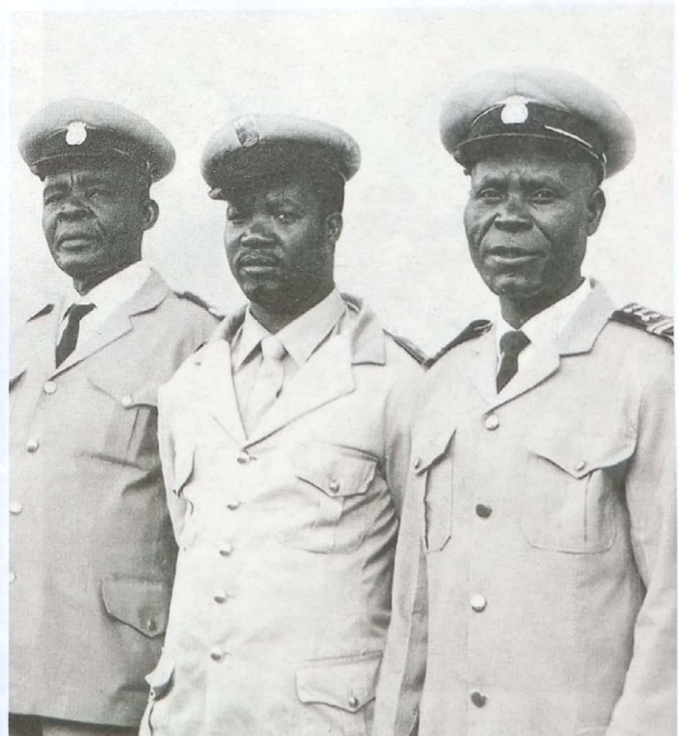


Fig. 21 Régulos moçambicanos.

Nas colónias inglesas, a administração colonial teve uma característica particular. As elites africanas locais integravam assembleias locais que, com o tempo, adquiriram o direito de elaborar leis para os seus países. Esta situação foi importante para reforçar o movimento nacionalista que se deu nos anos 60 e que estudaremos no capítulo seguinte.

A exploração colonial

A exploração das colónias foi feita por forma a tirar o máximo proveito das riquezas naturais existentes e minimizar os investimentos feitos para essa exploração. Um dos métodos usados foi o das **companhias majestáticas** que exploravam o território com capitais privados. Em Moçambique destacaram-se três companhias: a **Companhia de Moçambique**, a **Companhia da Zambézia** e a **Companhia do Niassa**.

O **trabalho forçado** também foi usado por todas as potências coloniais. Substituiu, a baixos custos, a tecnologia na construção de infra-estruturas, no cultivo das produções agrícolas necessárias à exportação ou na extracção dos minérios. Em Moçambique, o trabalho obrigatório era chamado *xibalo*.

Foi à custa do trabalho forçado que foram construídas estradas, linhas férreas, cidades e outras infra-estruturas das colónias.

Outra forma adoptada pela economia colonial foi a **cobrança de impostos**, denominada **mussoco**, no centro do nosso país.

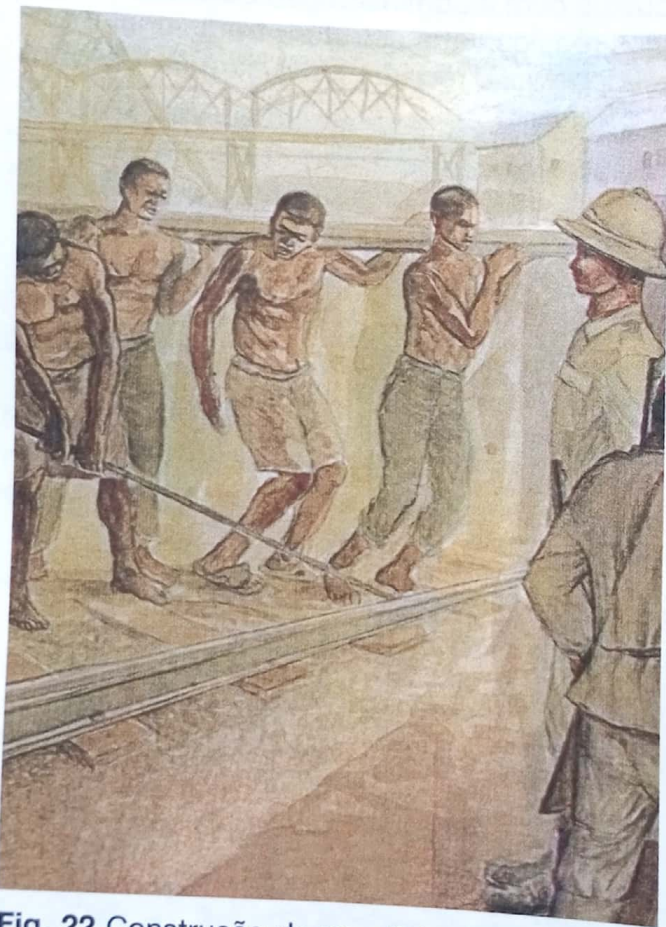


Fig. 22 Construção de uma linha férrea, usando mão-de-obra colonizada.

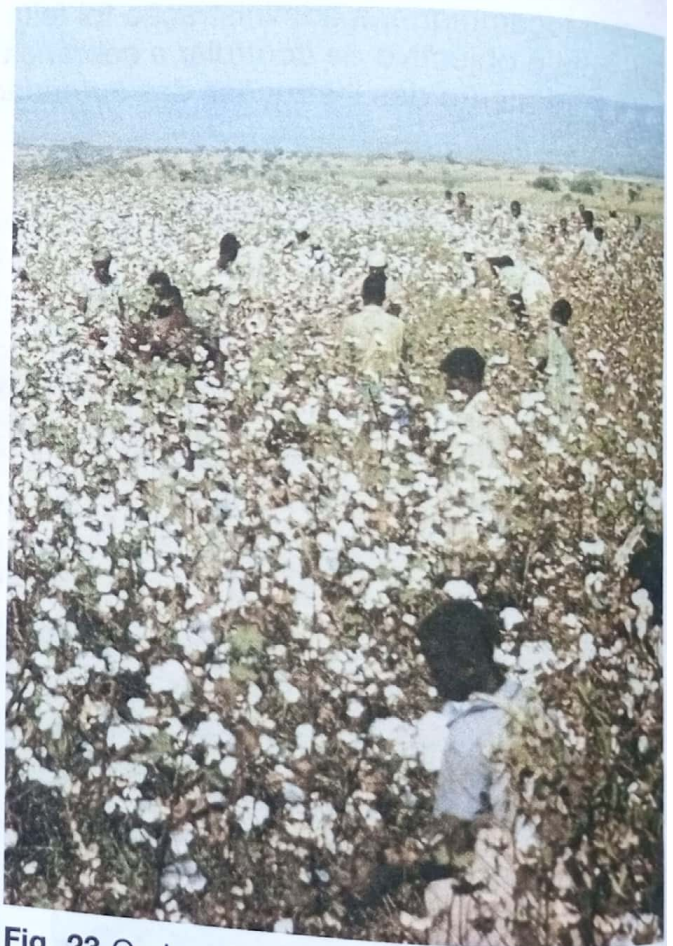


Fig. 23 O algodão foi um dos produtos explorados pelas companhias majestáticas.

Agora, pratico!

1. Que tipo de administração foi instituída em África pela dominação colonial?
2. Qual o nome e funções dos agentes da administração do território colonial, no caso de Moçambique?

Cronologia da resistência ao colonialismo em África

Norte de África

Ano	Acontecimento
1879	• Triunfa a revolução arabista no Egipto.
1882	• Tomada do Egipto pelos ingleses que derrotam a resistência dos arabistas. • Conquista espanhola de Marrocos.
1893	• Tomada de Tuati (sul de Marrocos) pelos franceses.
1899	• Resistência dos líderes de Tuati contra a ocupação espanhola.
1901	• Derrota da resistência de Tuati pelos franceses sendo a região proclamada protectorado francês.
1909	• Xeque Amerian decreta a <i>jihad</i> contra a dominação espanhola.
1911	• Invasão italiana da Líbia.
1922	• Início da resistência liderada por Said Ahamad al-Sharif al-Sanusi. • Derrota de al-Sharif e a resistência é liderada por Uma al-Mukhtar.
1933	• Mulay Idrisse é derrotado, pondo fim à resistência dos povos marroquinos contra a dominação francesa.

África Ocidental

Ano	Acontecimento
1854	• Inicia-se a conquista militar francesa da Senegâmbia.
1879	• Lat-Dior incita o seu povo a lutar contra a ideia dos franceses construírem uma linha férrea que iria atravessar os seus territórios.
1882	• Os franceses atacam Cayore. Lat-Dior refugia-se em Jolof. • Ataque francês ao Império de Tukulor quando Samori Touré se recusou a abandonar Kenyaran.
1884	• Samori Touré envia emissários a Freetown para propor um acordo de protecção aos britânicos.
1885	• Touré derrota os franceses expulsando-os de Bure, uma rica região mineira.
1886	• Dior ataca as forças francesas em Dekle e morre em combate juntamente com os seus dois filhos e 80 dos seus partidários. • Touré assina um tratado estratégico com os franceses para poder lutar contra os seus inimigos internos.
1890	• Os franceses atacam Cotonou e prendem os líderes Fon que aí estavam.
1892	• Os franceses iniciam o ataque a Dahomé alegando retaliar o ataque feito pelos exércitos Fon em 27 de Março desse ano.
1894	• O império de Daomé é dominado pelos franceses na sequência da prisão de Behanzin.
1895	• Samori Touré ataca uma coluna francesa e rechaça vários ataques.
1896	• Touré ataca Abron (Gyaman) e a parte ocidental de Gondja.
1898	• Samori Touré é capturado quando tentava alcançar a Libéria, pelo Gouraud, em Gelemu, pondo termo à resistência do Império Tukulor e a uma das mais encarniçadas resistências da África Ocidental.

África Oriental

Ano	Acontecimento
1824	• Assassinato de Sir Charles MacCarthy, governador da Costa do Ouro, pelos Ashanti.
1824	• Os ingleses vingam-se dos Ashanti atacando em Dowa, batalha onde morreram muitas pessoas. • Destruição do Império Ashanti.
1888	• Premph vence as lutas internas pela sucessão do trono e torna-se o novo rei dos Ashanti.
1892	• O novo rei Ashanti consegue reunificar o império.
1894	• O rei dos Ashanti envia a Londres uma missão diplomática para negociar o relacionamento entre o seu reino e a coroa britânica.
1896	• Tomada de Kumasi pelos ingleses sem encontrar resistência dos povos locais.

África Austral

Ano	Acontecimento
1870	• Janeiro: derrota dos ingleses na Batalha de Isandlwana. • Junho: os Zulu são finalmente derrotados na Batalha de Ulundi.
1890	• 1. ^a campanha contra Mataka III. • Os portugueses, comandados por Eduardo Valadim, atacam Muembe (capital da dinastia dos Maticas) e são derrotados. Os soldados africanos que acompanhavam os portugueses foram vendidos como escravos.
1895	• 2 de Fevereiro: batalha de Marracuene.
1895	• 8 de Setembro: batalha de Magul.
1895	• 9 de Novembro: batalha de Coolela.
1896	• Penetração alemã no Sudoeste Africano.
1897	• 10 Agosto: batalha de Mapulanguene.
1899	• 2. ^a campanha contra Mataka III. • Mataka III reorganizou-se e voltou a atacar os portugueses que não o conseguiram vencer. Este dificultou as actividades da Companhia do Niassa.
1901	• 3. ^a campanha contra Mataka III. • Os portugueses, comandados por Manuel de Sousa Machado, voltam a atacar. Desta vez, Mataka sofre uma grande derrota que o obriga a refugiar-se na Tanzânia.
1902	• Agosto: derrota de Canga, líder da resistência de Báruè.
1903	• Morte de Mataka III. • Os portugueses prepararam uma nova ofensiva contra Mataka III que não chegou a realizar-se porque este morreu de doença e velhice. Só depois os portugueses conseguiram dominar as suas terras.
1904	• Revolta dos Herero liderada por Samuel Maherero.
1907	• Os alemães derrotam o último foco de resistência no Sudoeste Africano.

FICHA DE AVALIAÇÃO

1. Define os conceitos de «ocupação colonial» e «colonialismo».
2. Menciona as causas que levaram os europeus a colonizar o nosso continente, segundo a seguinte ordem:
 - a) causas económicas;
 - b) causas políticas.
3. Desenha o quadro seguinte no teu caderno e completa-o:

Produtos do comércio triangular		
Europa	América	África

4. Relaciona o desenvolvimento do capitalismo na Europa com a ocupação e colonização do continente africano.
5. Menciona sete potências europeias que estiveram presentes na Conferência de Berlim.
6. Lê o texto que se segue:

(...) Reuniu-se no dia 15 de Novembro último, em Berlim, uma conferência internacional de várias potências coloniais para regular a navegação e comércio no Zaire, demarcar os limites ocupados por Portugal, o principal senhor daquela região, e de outras nações que ali ocupam pequenas extensões, como a França, a Inglaterra e ultimamente a Alemanha.

Essa conferência tem prolongado os seus trabalhos (...) tais têm sido as dificuldades que de todos os lados se têm levantado, para chegar a um acordo final.

in *História de Moçambique*, vol. I, p. 163, (adaptado)

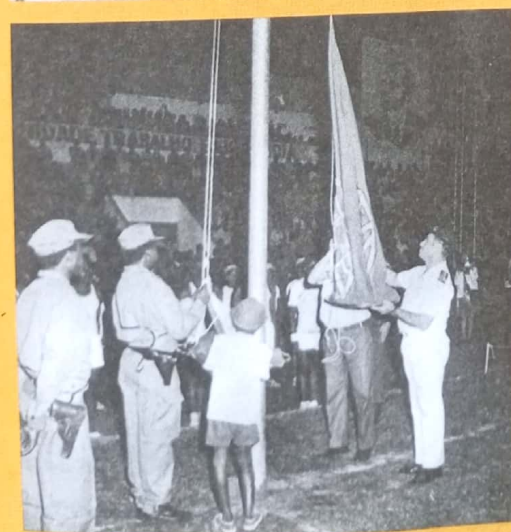
- a) Tendo como base o texto, menciona os objectivos da Conferência de Berlim.
- b) Desenha o mapa de África no teu caderno e pinta os países colonizados. Usa uma cor para cada potência colonizadora.

FICHA DE AVALIAÇÃO

7. Indica as frases que são verdadeiras com um **V** e as que são falsas com um **F**.
- A Conferência de Berlim decidiu a libertação dos povos colonizados.
 - A Conferência de Berlim decidiu que todas as potências que exerciam soberania ou influência nos territórios africanos se comprometiam a velar pela conservação dos direitos da população indígena.
 - A Conferência de Berlim decidiu que todas as potências que tomassem posse de territórios africanos deviam avisar as restantes potências signatárias para lhes ser reconhecida a «posse».
8. Define o conceito de «resistência» à ocupação colonial.
9. Menciona as formas de resistência adoptadas pelos líderes africanos para lutar contra a penetração colonial.
10. Constrói, no teu caderno, uma tabela como a que se segue e completa os elementos em falta.

Região	País Colonizador	Líder da Resistência	Forma de Resistência
África do Norte			
África Ocidental			
África Oriental			

UNIDADE 4 As Independências dos Países Africanos



Ao terminares esta unidade, deves ser capaz de:

- Identificar os factores que contribuíram para a consolidação do nacionalismo africano.
- Identificar as principais forças do nacionalismo africano.
- Enquadrar as lutas pela emancipação africana como fenómeno global de todos os povos sob dominação colonial.
- Comparar o processo de independência de alguns países africanos.

O NACIONALISMO AFRICANO

Como vimos no capítulo anterior, os povos africanos resistiram à penetração colonial dos finais do século XIX e dos inícios do século XX, mas acabaram por ser derrotados por causa da superioridade militar dos invasores e, sobretudo, pela falta de unidade entre si.

Mesmo assim, os povos africanos não se conformaram e, a partir dos finais dos anos 50 do século XX, organizaram-se em movimentos nacionalistas com o objectivo de obter a sua independência.

O movimento nacionalista expressou-se de várias formas: afirmação cultural, desobediência às autoridades coloniais, não-cooperação, criação de partidos políticos e sindicatos e criação dos movimentos de libertação nacional.

Sabias que...

A Luta de Libertação Nacional é a única forma de violência legítima, porque visa a libertação de um povo da dominação colonial?

Todas as outras formas de violência, sejam elas quais forem, são condenáveis?



Fig. 1 Cerimónia tradicional.

O **nacionalismo** pode assim ser definido como o movimento dos povos colonizados em busca da sua libertação. Nos casos em que o colonizador não quis dar a independência pacificamente o povo teve que pegar em armas para conquistá-la. A este fenómeno chamou-se **luta armada de libertação nacional**.

O movimento nacionalista africano foi influenciado por vários factores, entre os quais podemos destacar a Revolução Socialista da Rússia, a II Guerra Mundial, a fundação da Organização das Nações Unidas, a Conferência Afro-asiática de Bandung.

A influência da Revolução Socialista na Rússia

A **Revolução Socialista de Outubro** deu-se na Rússia em Outubro de 1917, ainda no decurso da I Guerra Mundial. Os operários, dirigidos por Vladimir Lenine, revoltaram-se contra o regime do czar, tendo instituído o primeiro regime socialista do mundo.

A Revolução Socialista tinha como objectivo principal lutar contra o capitalismo ocidental e proclamava uma maior justiça social. Por esta razão, a URSS desde cedo apoiou a luta dos povos africanos pela sua independência, também com o objectivo de aí disseminar a ideologia marxista-leninista.

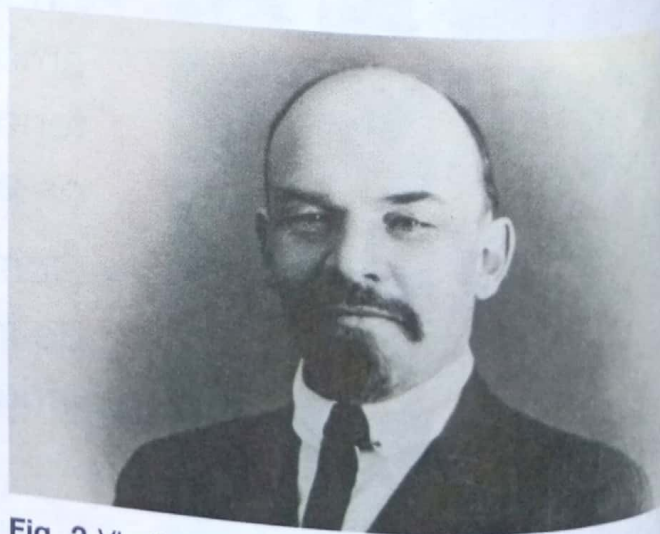


Fig. 2 Vladimir Lenine, líder da Revolução Socialista de Outubro de 1917.

O impacto da II Guerra Mundial

A II Guerra Mundial ocorreu entre 1939 e 1945 e afectou quase todo o mundo, mas principalmente a Europa. Tomaram parte nesta guerra soldados de países africanos chamados a ajudar as potências suas colonizadoras.

Durante a guerra, os soldados africanos aprenderam coisas novas. Uma dessas coisas foi que todos os povos têm direito à liberdade.

Regressados a África, no fim da guerra, os soldados começaram a exigir aos colonizadores a libertação dos seus povos, tal como tinham observado em relação aos países dominados pelos nazis durante a guerra.

O papel das Nações Unidas

A **Organização das Nações Unidas (ONU)**, criada em 1945, é uma organização internacional congregando os vários países do mundo. Um dos princípios desta organização reza que cada povo tem o direito à liberdade e à independência.

Com base neste princípio, a ONU começou a exigir às potências europeias que libertassem as suas colónias, ao mesmo tempo que prestava apoio aos povos colonizados. Foi a partir do apoio prestado pela ONU que foi possível aos intelectuais africanos iniciar um amplo movimento de reivindicação que culminou com a libertação de todo o continente africano.



Fig. 3 Samora Machel discursando na sede das Nações Unidas.

A Conferência de Bandung

Até à década de 1950, vários povos colonizados da Ásia e do Norte de África tinham já alcançado a sua independência. Vários desses países decidiram, então, apoiar a luta pela independência de outros povos africanos.

Para coordenar acções com vista a dar esse apoio, os líderes dos países independentes de África e Ásia reuniram-se na cidade de Bandung (Indonésia), em 1955. No evento que ficou conhecido como **Conferência de Bandung**, ficou combinado que alguns países iriam servir de retaguarda segura para todos os movimentos que ainda lutavam pela libertação dos seus povos.

Foi assim que a China, a Argélia e Marrocos, por exemplo, acolheram guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), quando estes se preparavam para lutar contra o colonialismo português.

Agora, pratico!

1. Menciona os factores que impulsionaram o nacionalismo africano.
2. De que maneira a II Guerra Mundial serviu de base para o movimento nacionalista africano?

AS PRINCIPAIS FORÇAS DO NACIONALISMO AFRICANO

Para que o nacionalismo triunfasse em África, na segunda metade do século XX, foi necessária também a actuação de forças internas. Foi a acção coordenada destas forças que levou à independência dos nossos povos. As principais forças foram:

- camponeses;
- classe trabalhadora industrial e das plantações;
- intelectuais;
- combatentes africanos da Segunda Guerra Mundial.

A exploração dos camponeses

A exploração do nosso continente assentou particularmente sobre os camponeses.

Muitas potências aproveitaram-se da mão-de-obra barata dos camponeses para a produção das matérias-primas de que necessitavam para as suas indústrias.

A introdução de culturas obrigatórias como o algodão, o sisal e outras necessárias ao funcionamento das indústrias europeias em detrimento das actividades de subsistência dos camponeses, foram algumas das formas adoptadas.

O papel dos camponeses

Os camponeses foram a classe que mais sofreu os efeitos da colonização em África. Cabia-lhes produzir a matéria-prima de que as indústrias europeias necessitavam. Muitas vezes, essa produção foi feita de forma compulsiva: os camponeses tiveram de abandonar o cultivo de alimentos para produzirem culturas obrigatórias, como o algodão, o tabaco e o sisal.

Para além disso, os camponeses eram também recrutados para trabalhar na construção de estradas, linhas férreas e outras infra-estruturas de apoio ao sistema colonial.

Esta situação conduziu à revolta dos camponeses em todo o nosso continente. A revolta assumiu várias formas, desde a sabotagem das campanhas agrícolas através da fervura das sementes antes de lançá-las à terra, o abandono das terras para se fixarem longe do controlo das autoridades coloniais, até à expressão cultural através da dança e do canto, criticando a atitude dos colonos.

Estas acções, embora relativamente pacíficas, tiveram um importante contributo para que os colonialistas aceitassem a independência aos nossos povos.

A acção dos trabalhadores assalariados

Embora em pequena escala, os colonialistas criaram algumas indústrias nos países africanos. Na sua grande maioria, estas indústrias estavam viradas para o processamento de matérias-primas.

Foi nestas indústrias, nos portos e caminhos-de-ferro e nas plantações que se formou uma classe de trabalhadores das colónias. A situação destes trabalhadores era precária: trabalhavam durante muitas horas e recebiam pouco dinheiro.

Os trabalhadores revoltaram-se e fizeram greves exigindo melhores condições de trabalho e melhores salários.

Vejamos alguns exemplos:

- 1945 – greve geral dos trabalhadores na Nigéria;
- 1947 – greve geral dos trabalhadores ferro-portuários das colónias francesas;
- 1950 – greve dos trabalhadores ferro-portuários da Costa do Ouro (Gana).

A acção dos intelectuais

Embora em número reduzido, o continente africano teve no passado alguns intelectuais, educados pelas missões católicas e, mais tarde, pelas universidades da Europa e da América. Estes intelectuais tiveram um papel muito importante na denúncia das injustiças praticadas pelos colonialistas europeus.

Aliune Diop, Diop Cheik Anta, Ezechiel Mphahlele, Amed Sekou Touré, Kwame Nkrumah, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Marcelino dos Santos, Agostinho Neto e vários outros escreveram poemas, editaram jornais e revistas, denunciando a injustiça da dominação colonial e reivindicando a libertação do nosso continente. Muitos deles chegaram a constituir partidos e sindicatos que prestaram grande auxílio à gesta de libertação dos seus povos.

No nosso país destacaram-se, entre outros, Eduardo Mondlane, que estudou em Portugal e nos Estados Unidos, Marcelino dos Santos, que estudou em Portugal e França. Mais tarde voltaram ao país para lutarem pela independência.

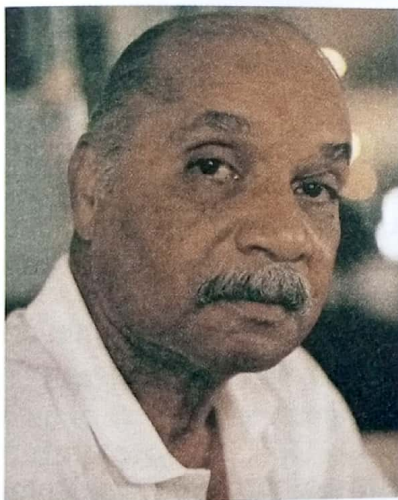


Fig. 4 José Craveirinha.



Fig. 5 Marcelino dos Santos.

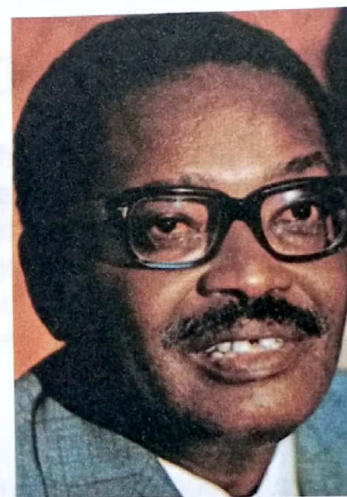


Fig. 6 Agostinho Neto.

O papel dos estudantes

Para além dos intelectuais, amplamente reconhecidos, o movimento nacionalista teve a participação de muitos estudantes, dentro e fora dos seus países. Em Moçambique, por exemplo, Eduardo Mondlane fundou, em 1949, o Núcleo dos Estudantes Secundários de Moçambique (NESAM), do qual fizeram parte Joaquim Chissano, Luís Bernardo Honwana, Pascoal Mocumbi, Domingos Arouca, Josina Machel, Sérgio Vieira, entre outros estudantes nacionalistas.

No NESAM, os estudantes reivindicavam a independência do nosso país, através de poemas, prosa, teatro e outras formas de expressão.



Fig. 7 Josina Machel foi membro do NESAM.

A acção dos antigos combatentes da II Guerra Mundial

Entre 1939 e 1945 decorreu a II Guerra Mundial. Os soldados africanos, combatentes na Líbia, Itália, Normandia, Alemanha, Médio Oriente, Indochina, Birmânia e outros locais, voltaram aos seus países e muito contribuíram para organizar movimentos de acção nacionalista para a independência.

Agora, pratico!

1. Distingue os factores internos dos factores externos que levaram à eclosão do nacionalismo em Moçambique.
2. Menciona os factores de ordem interna que impulsionaram o nacionalismo africano.

AS INDEPENDÊNCIAS AFRICANAS

As independências africanas foram o resultado da luta nacionalista dos povos africanos, anteriormente apresentada. Elas começaram a surgir nos finais dos anos 50 do século XX. O ponto mais alto deste movimento deu-se no ano de 1960, quando 19 países africanos ascenderam à sua independência. Por essa razão, esse ano ficou conhecido como o **ano de África**. As colónias portuguesas só alcançariam a independência em 1975.

Vamos, de seguida, estudar alguns exemplos desses processos de independência.

O Gana

País inicialmente conhecido como Costa do Ouro, o Gana situa-se na Costa Ocidental Africana. Fruto da partilha de África, o Gana tornou-se uma colónia britânica.

Gana

Nome oficial: República do Gana

Capital: Acra

Superfície: 238 533 km²

População: 19 678 000

Outras cidades: Kumasi, Bolgatanga e Sekondi-Takoradi

Organizações a que pertence: ONU, CDEAO, União Africana, foi membro fundador da OUA

Analfabetismo: 61,4%

Religião: animista e muçulmana

Dia Nacional: 6 de Março

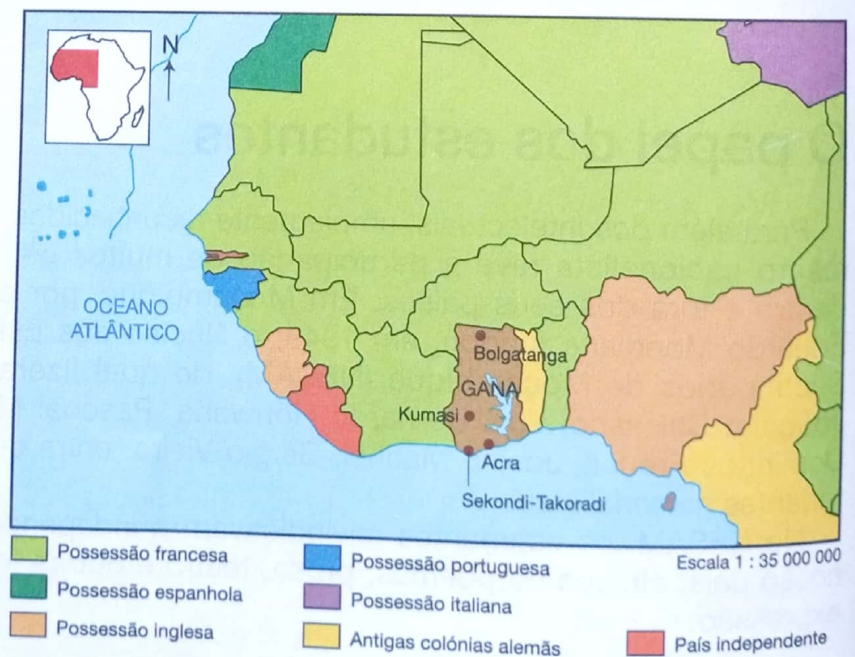


Fig. 8 O Gana e a zona de influência colonial britânica.

A política britânica e o surgimento de partidos africanos

Em 1946, como resultado da pressão exercida pelo movimento nacionalista e pelas decisões da ONU, a Inglaterra iniciou a implementação de uma nova política colonial que tinha como objectivo a entrega gradual do poder aos africanos. Esta política foi chamada *winds of change* (ventos de mudança, em português).

Como resultado desta política, os africanos das colónias inglesas passaram a ter direito a participar na vida política dos seus países.

Foi assim que intelectuais e sectores sociais do Gana criaram partidos políticos de oposição ao governo colonial britânico. Um desses partidos foi o **United Gold Coast Convention (UGCC)** ou **Partido de Convenção da Costa do Ouro**, constituído em 1947, e em que participava **Kwame Nkrumah**, um intelectual educado no Ocidente e cuja acção foi determinante para a mudança do curso de vida deste país da África Ocidental.

Em 1948, o UGCC dissolve-se e Kwame Nkrumah funda o **Partido de Convenção Popular (CPP)** que exigia a independência total e imediata do Gana. Não tendo sido satisfeita a sua exigência, o CPP iniciou então uma luta pacífica de protestos contra a dominação britânica. Esta acção fez com que Nkrumah se tornasse num líder popular no seu país.

Em 1951, embora preso, Nkrumah ganhou as eleições internas e foi conduzido ao posto de primeiro-ministro de um governo ainda dirigido pelos britânicos.

Em 1956, o CPP voltou a ganhar as eleições e iniciou a negociação com vista à independência, que viria a ser proclamada em **6 de Março de 1957**. O Gana tornava-se assim no primeiro país da África Negra a alcançar a independência.

Depois da independência, o país mudou de nome, de **Costa do Ouro** passou a chamar-se **Gana** (nome de um dos três impérios da África Ocidental que floresceram antes da chegada dos colonizadores e que estudaste na 6.ª classe).

Foram nacionalizadas infra-estruturas industriais, educacionais, de saúde e as grandes plantações que asseguravam os rendimentos económicos do país. A nível político, este país escolheu o **não-alinhamento** e o apoio à luta contra o colonialismo e o neocolonialismo no resto de África.

Em 1966, Kwame Nkrumah foi deposto por um **golpe de estado** organizado pelos seus inimigos internos com participação de forças estrangeiras que não queriam que o exemplo do Gana influenciasse o resto do continente. Morreu na Guiné onde se encontrava exilado.

O que é o não alinhamento?

Quando triunfou na Rússia a Revolução Socialista, o mundo ficou dividido em dois blocos que lutavam entre si, não de forma aberta, mas através da corrida aos armamentos (fabrico massivo de armas) e da guerra de palavras (a chamada guerra fria) – o capitalismo e o comunismo. O número de países com regimes socialistas aumentou depois da Segunda Guerra Mundial. Com os dois blocos assim criados, o bloco ocidental capitalista e o bloco oriental comunista, o não alinhamento passou a ser uma terceira opção, seguida pelos países que não pretendiam filiar-se num ou noutro bloco.

Esta opção foi tomada principalmente pelos países recém libertos do colonialismo, inclusive o nosso país.

Golpe de Estado

É a tomada do poder através do uso da força militar.

O golpe de Estado é uma forma ilegal de tomar o poder. A forma legal e democraticamente aceite é através do voto popular.



Fig. 9 Kwame Nkrumah.

A Argélia

A Argélia é um imenso país situado na região do Magrebe que foi uma colônia francesa.

Contrariamente à Inglaterra, que ceder a independência das suas colônias de forma pacífica, a França teimou em prolongar o seu domínio colonial.

Para obter a sua independência, a Argélia teve que organizar um movimento armado para lutar pela independência nacional. A **Frente de Libertação Nacional (FLN)** dirigida por Amed Ben Bella, um oficial que tinha participado ao lado dos franceses na Segunda Guerra Mundial, tornou-se no primeiro movimento de libertação de todo o continente a alcançar a independência através da luta armada.

A FLN desenvolveu, a partir de 1954, uma intensa guerrilha no campo e nas cidades. Em resposta, a França desencadeou uma série de massacres como meio de desencorajar a luta do povo argelino.



Fig. 10 Amed Ben Bella.

Argélia
Nome oficial: República Democrática Popular da Argélia
Capital: Argel
Superfície: 2 381 741 km ²
População actual: 29 921 000
Outras cidades: Wahran
Organizações a que pertence: ONU, OCI, OPEP, OUA, Liga Árabe
Analfabetismo: 38,4%
Religião: muçulmana
Dia Nacional: 3 de Junho

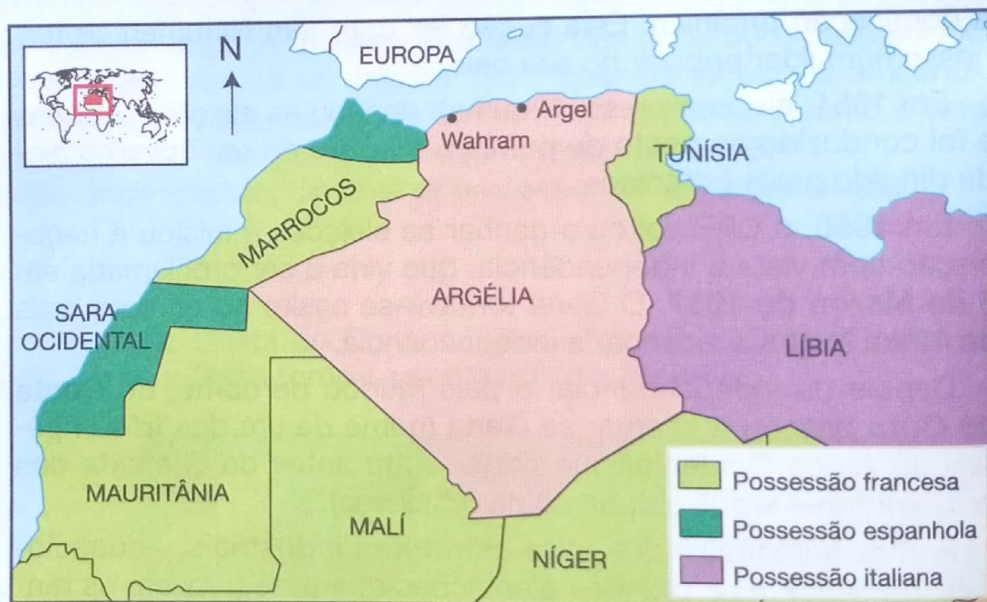


Fig. 11 A Argélia e as zonas de influência colonial.

As derrotas militares que o exército colonial francês vinha sofrendo, passados oito anos de guerra, aliadas à pressão do povo francês exigindo o fim da guerra na Argélia, obrigaram a França a ceder a independência, no dia 3 de Junho de 1962. **Amed Ben Bella** foi eleito presidente da Argélia.

Com a sua independência, a Argélia passou a apoiar os movimentos de libertação dos países africanos que ainda viviam sob dominação colonial. Um exemplo claro desse apoio foi o acolhimento dos guerrilheiros da **Frente de Libertação de Moçambique** que, em 1964, iniciaram a luta de libertação contra o colonialismo português.

A Tanzânia

A Tanzânia fazia parte da **África Oriental Alemã**, ou seja, o conjunto de territórios africanos pertencentes à Alemanha. A derrota da Alemanha na I Guerra Mundial (1914-1918) levou à confiscação das suas colónias em favor das potências vencedoras (Inglaterra e França) e, assim, a Tanzânia passou para as mãos dos ingleses.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra começou a preparar o processo de entrega do poder ao povo tanzaniano. Para isso, começou a investir em várias actividades económicas (**reformas económicas**) para tornar o país mais autónomo como, por exemplo, a construção de barragens, a melhoria do porto de Dar-es-Salam e a criação de institutos destinados a cuidar das doenças do gado, que é uma das importantes riquezas da Tanzânia.

Paralelamente, introduziram **reformas políticas** que tiveram como resultados a criação de partidos nacionalistas (o mais importante foi o **Tanganyika African National Union – TANU** –, fundado no ano de 1954 por **Julius Nyerere**, que começou a destacar-se como líder nacionalista) e a participação de diferentes grupos sociais de tanzanianos (intelectuais, líderes religiosos, camponeses e outros trabalhadores) no Parlamento local, a partir de 1957.

Julius Nyerere e a libertação da Tanzânia

As reformas políticas introduzidas permitiram que Julius Nyerere fosse eleito primeiro-ministro em 1960, como resultado da vitória do seu partido, o TANU.

A **8 de Dezembro de 1961**, a Tanzânia alcançou a independência e Julius Nyerere foi proclamado presidente. Em 1964, a região de Tanganica (parte continental) e Zanzibar (parte insular) uniram-se para formar a **República Unida da Tanzânia**.

As medidas tomadas após a independência

Com a independência conquistada, a Tanzânia iniciou o caminho rumo à sua recuperação económica, nomeadamente:

- formação de quadros nacionais (professores, enfermeiros, veterinários, engenheiros e outros) apoiada por outros países;
- recuperação da economia, seguindo o caminho do **socialismo africano**, decidido na Declaração de Arusha;
- a nível internacional, a Tanzânia filiou-se na OUA, em cuja fundação Julius Nyerere teve um papel importante.

Tanzânia

Nome oficial: República Unida da Tanzânia
Capital: Dodoma
Superfície: 945 090 km²
População actual: 23 793 000
Outras cidades: Dar-es-Salam, Twara, Arusha
Organizações a que pertence: SADC, ONU, UA
Analfabetismo: 32,2%
Religião: muçulmana
Dia Nacional: 3 de Junho

O socialismo africano

O caminho escolhido pela Tanzânia, após a independência, consistia na adopção das seguintes medidas: a organização dos camponeses em aldeias chamadas **ujamas** organizadas e apoiadas pelo Estado para a produção; e nacionalização das escolas, sectores de saúde, indústria e outros sectores-chave da economia nacional.

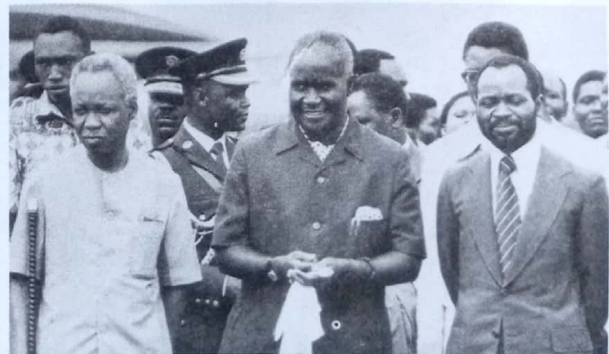


Fig. 12 Da esquerda para a direita: Julius Nyerere (presidente da Tanzânia), Kenneth Kaunda (presidente da Zâmbia) e Samora Machel (presidente de Moçambique).

O apoio da Tanzânia na luta de libertação de Moçambique

Depois de alcançar a sua independência, a Tanzânia acolheu no seu território as bases de treino militar dos guerrilheiros da Frente de Libertação de Moçambique e os seus escritórios, apesar das ameaças por parte do governo português.

Foi em Dar-es-Salaam, na Tanzânia, que se realizou o I Congresso da Frente de Libertação de Moçambique, em **Junho de 1962**. Neste congresso foi criada a FRELIMO e Eduardo Mondlane foi eleito como seu primeiro presidente.

Moçambique

O movimento de libertação nacional, que ocorreu um pouco por toda a África, influenciou também o nosso país. Foi assim que vários grupos de moçambicanos tentaram, de várias maneiras, dialogar com o governo português para obter a independência de Moçambique: Portugal não aceitou.

Um desses contactos aconteceu em Mueda, província de Cabo Delgado, quando um grupo de moçambicanos se dirigiu à administração local para exigir melhores preços para os seus produtos agrícolas e, de forma pacífica, pedir a sua liberdade. A resposta das autoridades coloniais foi brutal. A 16 de Junho de 1960, o administrador ordenou o massacre dos presentes. Seiscentas pessoas foram brutalmente assassinadas.

A recusa de Portugal em conceder a independência pacificamente, levou o povo moçambicano a optar pelo caminho da luta armada. Esta viria a durar 10 anos (1964-1974).



Fig.13 O massacre de Mueda.

O massacre de Mueda

«Como é que aquilo aconteceu? Bem, alguns dos homens puseram-se em contacto com a autoridade e pediram mais liberdade e mais salário. Depois, os portugueses mandaram polícia pelas aldeias, convidando as populações para uma reunião em Mueda. Vários milhares vieram ouvir os portugueses.

Como depois se verificou, o administrador tinha pedido ao governador da província de Cabo Delgado que viesse de Porto Amélia (Pemba) e trouxesse uma companhia do exército. Mas estas tropas esconderam-se ao chegar a Mueda.

Ao princípio não as vimos. Então, o governador convidou os chefes a entrarem no edifício da administração. Eu estava à espera do lado de fora. Ali estiveram durante quatro horas. Quando saíram para a varanda, o governador perguntou à multidão quem queria falar. Muitos queriam falar, e o governador disse-lhes que se colocassem de parte.

Depois, sem mais uma palavra, mandou a polícia amarrar as mãos daqueles que estavam à parte e a polícia começou a bater-lhes. Eu estava ao pé. Vi tudo. Quando o povo viu o que estava a acontecer, começou a manifestar-se contra os portugueses e os portugueses limitaram-se a mandar avançar os camiões da polícia para lá meter os presos. Contra isso continuaram as manifestações. Nesse momento, a tropa ainda estava escondida e o povo avançou para a polícia, tentando impedir que os presos fossem levados dali. Então, o governador chamou a tropa e, quando os soldados apareceram, mandou-os abrir fogo. Mataram à volta de 600 pessoas.

Agora, os portugueses dizem que castigaram esse governador, mas claro que se limitaram a mudá-lo de lugar. Eu próprio escapei porque estava perto dum cemitério onde me consegui esconder, e depois fugi.»

Relato de Alberto Chipande, testemunha do massacre de Mueda.

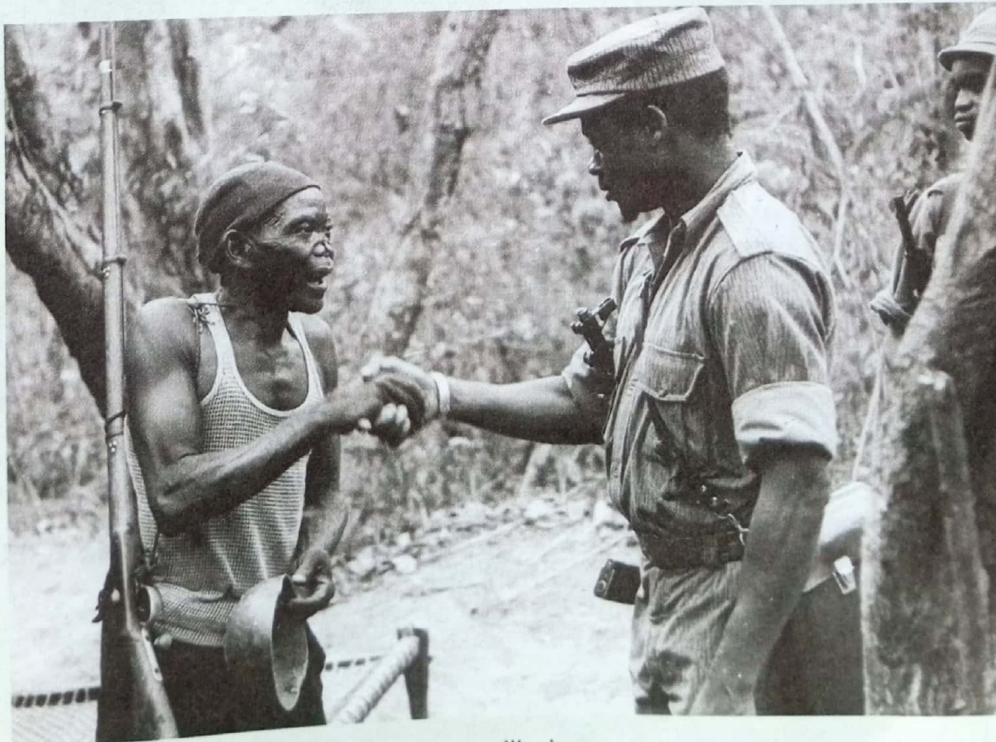


Fig. 14 Alberto Chipande e um guerrilheiro.

A fundação da Frente de Libertação de Moçambique

O movimento nacionalista em Moçambique foi constituído inicialmente por três grupos que, de forma isolada, lutavam pacificamente pela independência: UDENAMO, UNAMI e MANU.

A UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique) foi fundada em 1960 por Adelino Guambe, um jovem de apenas 19 anos. A UNAMI (União Nacional para Moçambique Independente) foi fundada em 1961 e a Mozambican African National Union (MANU) em 1959.

Para melhor enfrentar o inimigo colonial, os três movimentos unificaram-se, num primeiro congresso nacionalista realizado em Dar-es-Salaam, na Tanzânia, em Junho de 1962. Dessa unificação resultou a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), tendo Eduardo Mondlane sido eleito presidente do partido.

Muitos jovens foram recrutados e treinados, tanto em Nachingwea, na Tanzânia, como noutros países que apoiaram a nossa luta (Argélia, Marrocos, China e União Soviética).

O acolhimento de guerrilheiros, por estes países, foi muito importante para a vitória do nosso povo contra o colonialismo português.



Fig. 15 Eduardo Mondlane no primeiro congresso da FRELIMO em Dar-es-Salaam.

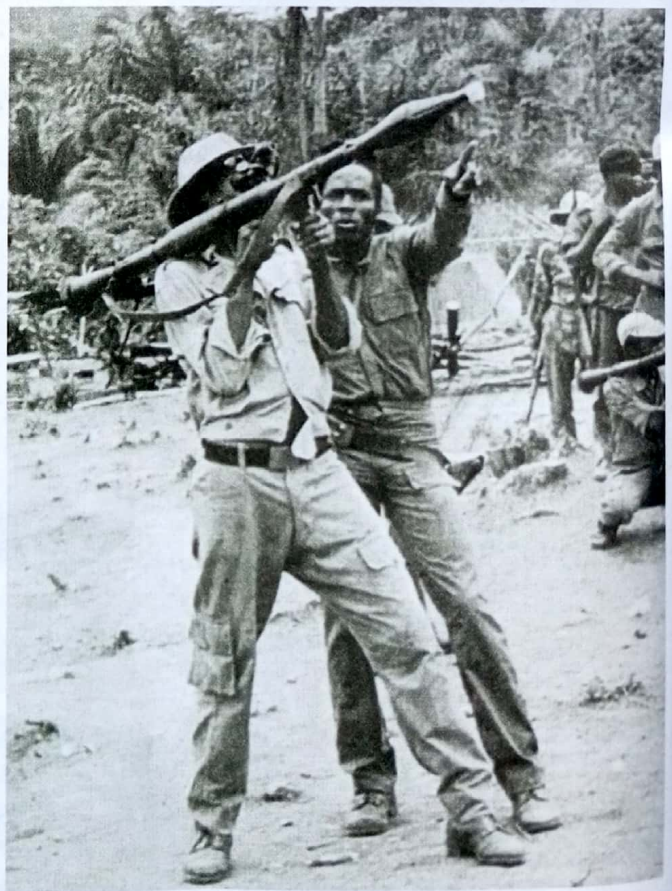


Fig. 16 Jovem guerrilheiro da FRELIMO recebe treino militar.

Após o primeiro Congresso, a FRELIMO mobilizou o povo para apoiar a luta armada e explicou as razões e os objectivos dessa luta, patentes no texto seguinte.

Em 1964 entrei para a FRELIMO porque o nosso povo era explorado. Eu ainda não sabia como ia agir. O povo não sabia o que havia de fazer. Tínhamos ouvido dizer que os nossos vizinhos do Malawi tinham sido libertados e viriam libertar-nos, mas depressa compreendemos que teríamos de nos libertar a nós mesmos. O partido (Frente de Libertação) disse-nos que nós, e mais ninguém, éramos responsáveis por nós mesmos.

Alguns camaradas vieram explicar-nos coisas e, antes disso, logo ao princípio, a rádio disse-nos que a FRELIMO, guiada pelo camarada Mondlane, estava a lutar pela libertação de nós todos.

Joaquim Maquival in *Lutar por Moçambique*, pág. 136.

A **25 de Setembro de 1964** teve início a luta armada com o ataque ao posto administrativo de Chia.

A guerra durou 10 anos. O povo das regiões onde ocorreu o conflito e os próprios guerrilheiros passaram por inúmeras dificuldades, na medida em que lutavam contra um exército muito mais bem equipado e forte.

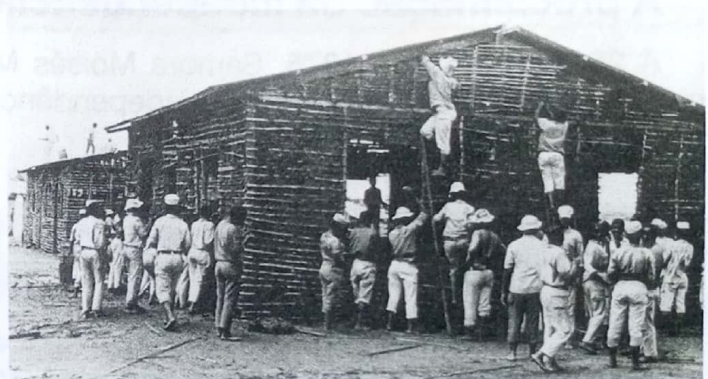


Fig. 17 Guerrilheiros da FRELIMO constroem um barracão em Nachingwea.

A **ofensiva Nó Górdio**, levada a cabo por **Kaúlza de Arriaga**, em 1971, foi um dos momentos mais difíceis da guerra. A tropa colonial usou forças terrestres bem equipadas e tropas transportadas por helicópteros que bombardeavam tudo o que estivesse à vista. Os guerrilheiros, dirigidos por Samora Moisés Machel, souberam resistir e, com o apoio do povo das zonas libertadas de Cabo Delgado e Niassa, derrotaram Kaúlza de Arriaga.



Fig. 18 Samora Machel conversando com um guerrilheiro.

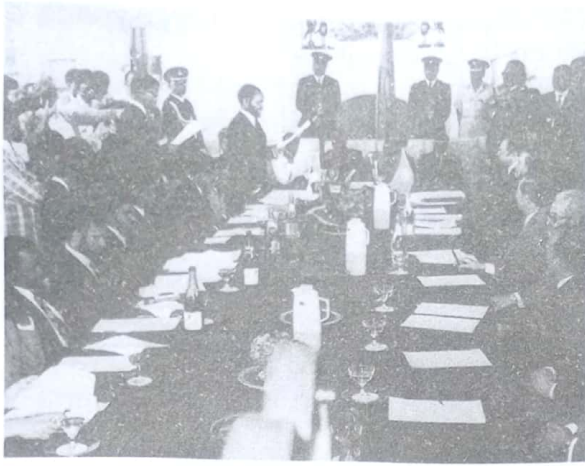


Fig. 19 Os acordos de Lusaka.

Após a queda do regime ditatorial em Portugal, registou-se uma alteração política relativa à colonização.

Portugal aceitou então negociar a independência de Moçambique. A **7 de Setembro de 1974**, foram assinados os **Acordos de Lusaka** à luz dos quais seria operada a transferência de poder para as mãos do povo moçambicano.

A proclamação da independência nacional

A **25 de Junho de 1975**, Samora Moisés Machel, em nome da FRELIMO e de todo o povo moçambicano, proclamou a independência nacional. A cerimónia teve lugar no Estádio da Machava, na cidade do Maputo.



Fig. 20 Proclamação da Independência.

Proclamação da independência nacional

«Moçambicanas e moçambicanos;
Operários, camponeses, combatentes;
Povo moçambicano;

Em vosso nome, às zero horas de hoje, 25 de Junho de 1975, o Comité Central da FRELIMO proclama solenemente a independência total e completa de Moçambique e a sua constituição em República Popular de Moçambique.

A República que hoje nasce é a concretização das aspirações de todos os moçambicanos, é a extensão a todo o país de algumas partes do nosso país, é o produto do sacrifício dos combatentes nacionalistas e de todo o povo moçambicano, é a concretização da nossa vitória (...)

Extraído do texto original

Agora, pratico!

1. Dos países estudados, diz quais são os que atingiram a sua independência pela via pacífica.
2. Por que razão os restantes países optaram pela luta armada?
3. Menciona os anos de independência dos países estudados.

Cronologia das independências africanas

Norte de África

Ano	Acontecimento
1954	<ul style="list-style-type: none"> • Derrota da França em Dien-Bien-Phu no Vietname. • Início da luta armada de libertação nacional na Argélia.
1956	<ul style="list-style-type: none"> • Lei-quadro – o governo francês aprova a reforma política para as suas colónias passando estas a dispor de uma certa autonomia.
1957	<ul style="list-style-type: none"> • Independência do Gana.
1962	<ul style="list-style-type: none"> • Independência da Argélia.
1965	<ul style="list-style-type: none"> • Um golpe de Estado depõe Amed Ben Bella e conduz Huari Biumdienne ao poder.

África Ocidental

Ano	Acontecimento
1945	<ul style="list-style-type: none"> • Greve geral dos trabalhadores na Nigéria.
1947	<ul style="list-style-type: none"> • Greve geral dos trabalhadores ferro-portuários das colónias francesas.
1949	<ul style="list-style-type: none"> • Fundação do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM).
1950	<ul style="list-style-type: none"> • Greve geral dos trabalhadores na Costa do Ouro (Gana).
1965	<ul style="list-style-type: none"> • O NESAM é banido pela PIDE.

Gana

Ano	Acontecimento
1947	<ul style="list-style-type: none"> • Fundação do Partido de Convenção da Costa do Ouro.
1948	<ul style="list-style-type: none"> • Kwame Nkrumah funda o Convention People Party (CPP).
1951	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira vitória eleitoral do CPP. • Kwame Nkrumah é conduzido ao cargo de primeiro-ministro do governo local da Costa do Ouro.
1956	<ul style="list-style-type: none"> • Lei-quadro que concede o direito de autonomia às colónias francesas. • Nova vitória eleitoral do CPP perante partidos de tendência tribal e regional.
1957	<ul style="list-style-type: none"> • Independência do Gana a 6 de Março.
1966	<ul style="list-style-type: none"> • Golpe de Estado depõe Kwame Nkrumah.

AS INDEPENDÊNCIAS DOS PAÍSES AFRICANOS

Tanzânia

Ano	Acontecimento
1918	• Fim da Primeira Guerra Mundial. A Tanzânia e outras colônias alemãs de África passam para a jurisdição da Inglaterra e outras potências vencedoras.
1954	• Fundação do TANU.
1957	• Surgimento do primeiro parlamento representativo dos grupos sociais da Tanzânia.
1960	• Primeira vitória eleitoral do TANU.
1961	• Independência da Tanzânia.
1962	• Realização do I Congresso da FRELIMO em Dar-es-Salaam. • A Tanzânia assume formalmente o apoio à luta de libertação de Moçambique

Moçambique

Ano	Acontecimento
1976	• O governo de Moçambique decreta sanções económicas contra a Rodésia do Sul (o porto da Beira é encerrado ao tráfego de e para aquele país). • Acolhimento dos militantes da ZANU e ZAPU que lutam contra o regime minoritário de Ian Smith. • Massacre de Nyazónia.
1980	• Independência do Zimbabwe.
1986	• Morte de Samora Machel num acidente aéreo em Mbuzini. • Joaquim Chissano é nomeado Presidente de Moçambique.
1992	• Acordo Geral de Paz.
1994	• Instituição do primeiro governo negro da África do Sul.

Mundo

Ano	Acontecimento
1914-1917	Primeira Guerra Mundial.
1917	Revolução Socialista de Outubro.
1939-1945	Segunda Guerra Mundial.
1945	Criação da ONU.
1947	Independência da Índia.
1948	Declaração Universal dos Direitos do Homem.
1949	Independência da China.
1955	Conferência afro-asiática de Bandung, na Indonésia.
1956	Independência de Marrocos.
1963	Criação da Organização de Unidade Africana.
1985	Mikhail Gorbachev assume o poder na URSS.
1989	Queda do muro de Berlim.
1991	Desmembramento da URSS.

O PAPEL DA OUA NA LIBERTAÇÃO DO CONTINENTE

A Organização de Unidade Africana, fundada em 1963, tinha dois grandes objectivos:

- lutar contra o colonialismo e o racismo;
- unir o continente africano.

A luta contra o colonialismo e o racismo foi completamente ganha porque todos os países africanos estão hoje independentes e todos os regimes racistas foram derrotados.

A unificação do continente, apesar de muitos esforços, não foi completamente atingida. Quando a OUA foi dissolvida, em 2001, muitos países africanos continuavam em guerra e a unidade era ainda deficiente. As seguintes razões dificultaram a unidade africana:

1. conflitos entre os estados;
2. barreiras culturais e religiosas;
3. dificuldades de comunicação;
4. a influência dos conflitos vindos de fora de África



Fig. 21 O Presidente de Moçambique, Samora Machel, no comité coordenador para a libertação de África – OUA.

DIFICULDADES DA UNIDADE AFRICANA

Após as suas independências, sucederam vários conflitos entre os países africanos. Os conflitos foram de natureza diplomática e militar, tendo alguns dado origem a guerras sangrentas.

Os seguintes exemplos ilustram essa realidade:

- conflitos sistemáticos entre o Ruanda e o Burundi por motivos étnicos;
- a guerra entre a Somália e os seus vizinhos, o Quênia e a Etiópia, em 1963;
- a guerra que opôs o antigo Zaire (República Democrática do Congo) ao Congo Brazaville.

Estes e outros conflitos dificultaram a união dos povos africanos.



Fig. 22 Um campo de refugiados de guerra.

As barreiras culturais e religiosas

Os países africanos apresentam culturas muito diversificadas, pertencentes aos inúmeros grupos étnicos que compõem o povo africano. Em cada país, existem várias línguas locais, para além das línguas trazidas pelos colonizadores. Os países africanos são constituídos por vários grupos étnicos cada um dos quais com as suas características culturais.

Para além da diversidade de línguas e etnias, África apresenta diferentes religiões num mesmo espaço. As religiões católica, protestante, muçulmana e animista coexistem dentro do mesmo país, em muitos casos.

Os radicalismos culturais e religiosos terminam muitas vezes em conflitos sangrentos entre Estados como podemos ver a partir dos exemplos que se seguem:

- conflito entre tutsis e hutus no Ruanda que culminou com o genocídio de 1994, provocando a morte de meio milhão de pessoas;
- conflitos religiosos entre muçulmanos e católicos na Nigéria, Somália e Níger.

Os conflitos que resultam das diferenças culturais e religiosas, são uma das grandes causas de guerras e da dificuldade de unir o continente africano.

As dificuldades de comunicação

Os países africanos enfrentam dificuldades na área dos transportes e comunicações, nomeadamente:

- a falta de estradas que permitam a ligação entre várias regiões e países;
- a falta de um sistema de ligações telefónicas que permita a ligação entre o interior dos países ou entre países africanos diferentes;
- a falta de ligações aéreas entre diferentes países ou regiões.

Porém, se entre os países africanos as dificuldades de comunicação eram enormes, o mesmo não acontecia nas ligações entre os países africanos e os antigos países colonizadores da Europa. Para estes países, sempre houve ligações aéreas e por telefone.

Estes problemas continuam, ainda hoje, a dificultar a unidade dos povos africanos. Para lutar contra esta situação, os países africanos, apoiados por países doutros continentes, têm estado a desenvolver a área de comunicações alargando o serviço de telefones, estradas e Internet para as zonas rurais.



Fig. 23 A degradação das vias de comunicação é um dos factores que impede o desenvolvimento dos países africanos.

A influência de conflitos fora do continente africano

A unidade africana foi dificultada também por conflitos estrangeiros. Até 1991, o mundo encontrava-se dividido em dois blocos políticos rivais: **bloco de leste** (dirigido pela União Soviética) e **bloco ocidental**, que agrupava as antigas potências colonialistas e era liderado pelos Estados Unidos da América (E.U.A.).

Os países africanos eram influenciados por essa situação, sendo que uns seguiram a via socialista e outros a via capitalista. Passaram, pois, também a comungar das rivalidades entre os dois blocos. Entraram em conflito e, muitas vezes, também, desencadearam uma autêntica **corrida aos armamentos**.



Fig. 24 Muitas das armas usadas pelos guerrilheiros da FRELIMO eram de fabrico soviético.

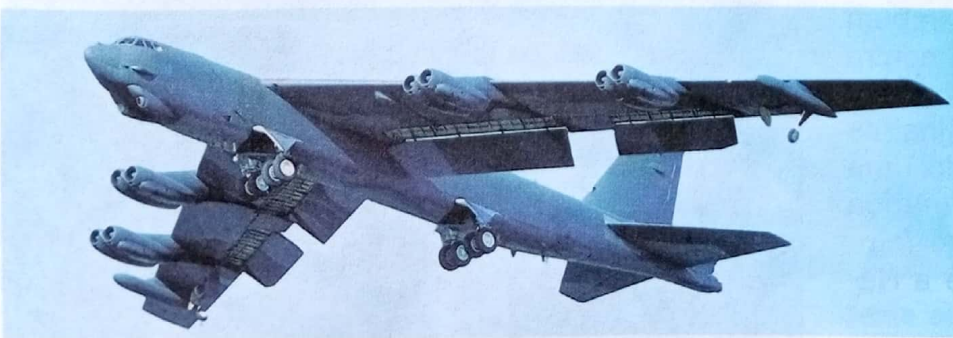


Fig. 25 Avião bombardeiro B-52, de fabrico americano, também conhecido como «a fortaleza voadora».

Agora, pratico!

1. Menciona os factores que dificultaram a unidade africana.
2. Em que medida a influência dos conflitos fora do continente dificultou a unidade africana?

Corrida aos armamentos

Fala-se de corrida aos armamentos quando os diferentes países procuram armar fortemente os seus exércitos ao invés de se preocuparem com alimentos e medicamentos para a sua população.

A corrida aos armamentos em África contribuiu para o endividamento dos países e foi responsável pela eclosão de muitas guerras.

A CONTRIBUIÇÃO DE MOÇAMBIQUE NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA E PELA PAZ NA ÁFRICA AUSTRAL

Ao estudarmos os símbolos nacionais, na disciplina de Educação Moral e Cívica, vimos que na bandeira e no emblema da República de Moçambique, está representada uma estrela que simboliza a solidariedade internacional do povo moçambicano.

Como exemplo, temos o apoio dado por Moçambique ao povo do Zimbabwe na luta contra o regime racista de Ian Smith e o apoio aos povos da África do Sul e da Namíbia quando estes lutavam contra o regime racista do *apartheid*.

Apoio à luta de libertação do Zimbabwe

Em 1976, seis meses depois da sua independência, Moçambique começou a acolher os guerrilheiros da ZANU e ZAPU que lutavam contra o regime minoritário de Ian Smith, no Zimbabwe (então Rodésia do Sul), bem como os refugiados de guerra zimbabwianos. As Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) apoiaram a luta do povo zimbabwiano como soldados internacionalistas.

Para enfraquecer o regime rodesiano, Moçambique aderiu às sanções económicas decretadas pelas Nações Unidas, proibindo a passagem de produtos de e para aquele país, quer através do porto da Beira, quer a partir de outros portos moçambicanos.

O apoio que Moçambique deu ao Zimbabwe custou ao nosso povo ataques por parte do regime rodesiano que, através de bombardeamentos e invasões por tropas terrestres, destruíram escolas, hospitais, lojas, pontes e estradas e mataram muitos moçambicanos.

Contudo, em 1980 o Zimbabwe alcançou a sua independência.

O apoio à luta contra o *apartheid*

Moçambique apoiou também a luta que o ANC travava contra o regime do *apartheid* da África do Sul, acolhendo guerrilheiros e refugiados e realizando uma grande campanha diplomática contra aquele regime, que também ocupava ilegalmente a Namíbia.

Tal como com o Zimbabwe, o nosso país foi duramente castigado pelas tropas sul-africanas que realizaram ataques aéreos e terrestres no nosso território, destruindo infra-estruturas e matando muitas pessoas.



Fig. 26 Nelson Mandela, líder histórico do ANC, acompanhado por Joaquim Chissano.

Moçambique e a luta pela paz

Após dezasseis anos de guerra civil em Moçambique, as partes em conflito assinaram o acordo de paz, em Roma, a 4 de Outubro de 1992 e procuraram estimular o diálogo, como forma de acabar com os conflitos.

Inspirando-se no seu próprio exemplo, Moçambique tem-se empenhado na resolução de conflitos que opõem grupos internos na nossa região e em outras partes de África e do Mundo. Samora Machel, o primeiro presidente de Moçambique, morreu, num acidente de viação em Mbuzini, na África do Sul, quando regressava de mais uma viagem de procura da paz para a África Austral.

O actual presidente da República de Moçambique, Joaquim Chissano, desempenhou um papel importante na pacificação de Angola e da República Democrática do Congo, de forma directa ou através da SADC, no seio da qual ocupou a pasta de assuntos políticos e resolução de conflitos.



Fig. 27 Assinatura do Acordo Geral de Paz, em Roma, em 1992.



Fig. 28 Acidente aéreo de Mbuzini, no qual faleceu Samora Machel, em 1986.

Agora, pratico!

1. De que forma Moçambique contribuiu para a libertação do Zimbabwe e da Namíbia?
2. Qual foi a participação de Moçambique na irradicação do *apartheid* na África do Sul?

O PAPEL DA SADC NA LUTA PELA PAZ E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL DA REGIÃO

Tal como aprendeste na 6.^a classe, a SADC é uma organização regional constituída por países da África Austral e por alguns países vizinhos desta região.

O principal papel da SADC é a luta contra a pobreza absoluta em que vive a maior parte da sua população. Para alcançar esse objectivo, a SADC tem implementado as seguintes medidas:

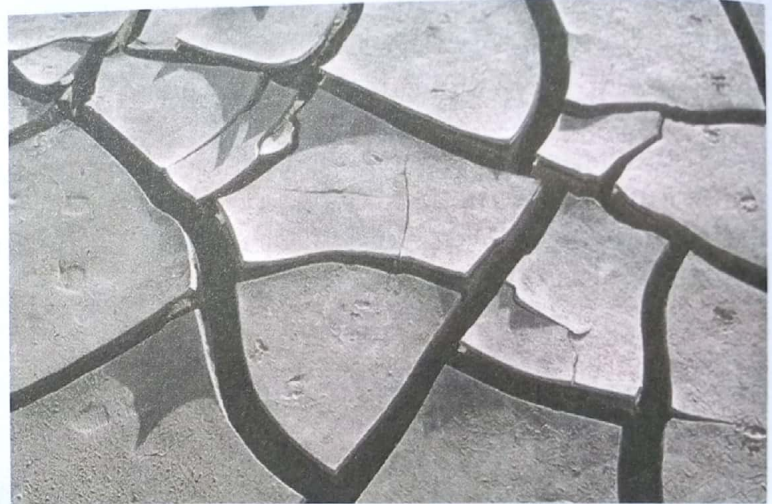


Fig. 29 Efeitos da seca.

- coordenar esforços comuns de desenvolvimento económico;
- conjugar esforços entre os países para prevenir calamidades naturais como secas e cheias;
- promover a investigação científica para melhorar os resultados da agricultura e a segurança alimentar;
- atrair investimentos para a região em áreas de bem comum (transportes e comunicações, construção de barragens e outras infra-estruturas);
- dar passos rumo a uma união económica e monetária regional.

Para vencer a pobreza, os países membros da SADC têm que viver em paz. Para alcançar esses objectivos, os líderes da SADC lutam para acabar com os conflitos, como o ilustram os seguintes exemplos:

- resolução do conflito em Angola, em 2002;
- resolução do conflito da República Democrática do Congo, em 2002;
- resolução pacífica do conflito no Burundi.

Agora, pratico!

1. Indica os países membros da SADC.
2. De que forma a SADC contribuiu para a pacificação regional?

FICHA DE AVALIAÇÃO

1. Define os conceitos de «nacionalismo» e «luta de libertação nacional»;
2. Descreve o impacto da Segunda Guerra Mundial sobre o nacionalismo africano.
3. Lê o texto seguinte e retira passagens onde se demonstre a forma como os camponeses resistiram à introdução das culturas obrigatórias.

A resistência contra as culturas forçadas

A resistência contra as culturas forçadas e, particularmente, contra o empobrecimento provocado pela sua intensificação, manifestou-se em vários pontos do país.

Por exemplo, no começo da campanha do algodão em 1947, no Búzi, centenas de mulheres recusaram-se a aceitar as sementes de algodão, distribuídas pelo administrador, argumentando que os seus homens tinham ido trabalhar nas plantações da Sena Sugar e, por isso, não tinham mão-de-obra nem tempo suficiente para produzir algodão, assim como géneros alimentares, em quantidades razoáveis. O administrador acedeu então em dispensar do cultivo as mulheres grávidas e aquelas que tivessem mais do que quatro crianças; as restantes foram obrigadas pelos capatazes a cultivar, como antes.

Em Mogovolas, em 1950/51, os produtores adoptaram a resistência passiva contra a continuação da cultura, e nisso foram apoiados por alguns régulos que, nessa ocasião, recebiam o tratamento desumano normalmente reservado aos seus súbditos.

Informações provenientes de localidades tão diversas como Magude e Manjacaze, Mueda, mostram que numa tentativa de sabotar a cultura e de provocar o seu abandono pela administração colonial, os produtores coziavam as sementes antes de as semear. Noutras zonas, face aos novos regulamentos que visavam o controlo cada vez mais apertado da cultura, semear fora do prazo indicado era a tática adoptada. A prática de cultivar áreas menores do que as estipuladas era também frequente.

in *História de Moçambique*, vol. III, págs. 210-211.

4. As afirmações seguintes são falsas ou verdadeiras?
 - A Conferência de Bandung realizou-se na Índia, em 1947, e nela tomaram parte os países independentes de África e Ásia.
 - A Conferência de Bandung, realizada na Indonésia, foi uma conferência afro-asiática na qual os países descolonizados de África e Ásia decidiram apoiar os movimentos de libertação de África.
 - O acolhimento dos primeiros guerrilheiros da FRELIMO, na China, foi o resultado das decisões de Bandung.
 - A Conferência de Bandung foi um encontro na qual a ONU aprovou a resolução que defendia a libertação total e incondicional dos povos africanos.
5. Volta a ler o texto «A resistência contra as culturas forçadas» e mostra exemplos da forma como os nossos trabalhadores lutaram contra a colonização portuguesa.

FICHA DE AVALIAÇÃO

6. As afirmações seguintes são falsas ou verdadeiras?

- O CPP foi fundado em 1948 como resultado do desmembramento do UGCC.
- Tal como o CPP, outros partidos africanos do Gana (NPP e NLM) defendiam a unidade nacional.
- Kwame Nkrumah liderou o primeiro país da África negra que ascendeu à independência.
- Ao ascender à independência, o Gana não apoiou a luta de libertação dos outros países africanos que também lutavam pela independência.

7. Indica, resumidamente, as respostas às questões seguintes:

- a. Primeiro Presidente da República Popular de Moçambique.
- b. Grande ofensiva militar levada a cabo pelos portugueses para acabar com a Frente de Libertação de Moçambique.
- c. Primeiro país a alcançar a independência em África por via da luta armada.
- d. Poeta moçambicano cujos trabalhos foram banidos pelo estado colonial, por reivindicarem a independência.
- e. Sigla do movimento de libertação que lutou pela independência do Zimbabwe.
- f. Partido criado por Julius Nyerere.
- g. Organização internacional cuja carta exigia a independência dos povos colonizados.
- h. Centro educacional da FRELIMO na Tanzânia.
- i. Primeiro presidente do Gana.
- j. Presidente que levou a Tanzânia à independência.
- l. Movimento criado pelo jovem Adelino Guambe, em 1960, que se juntou a outros para fundar a FRELIMO.
- m. Acordos assinados entre a FRELIMO e o governo colonial português para a independência de Moçambique.
- n. País que serviu de retaguarda ao movimento de libertação de Moçambique.
- o. Líder da rebelião que depôs o colonialismo em Marrocos.
- p. Cidade onde se realizou o primeiro Congresso da Frente de Libertação de Moçambique.

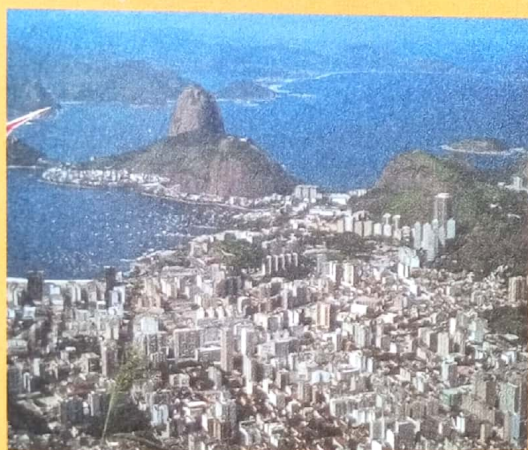
8. Promove um debate subordinado ao tema «Soluções para os problemas da paz, democracia e desenvolvimento económico e social dos países membros da SADC».

UNIDADE 5 O Continente Americano



Ao terminares esta unidade, deves ser capaz de:

- Localizar no mapa-múndi o continente americano.
- Enumerar as principais características geográficas das três regiões do continente (América do Norte, Central e do Sul).
- Relacionar a expansão e a colonização da América com o desenvolvimento do capitalismo.
- Explicar os efeitos do comércio triangular.
- Analisar o caso específico dos Estados Unidos cuja independência foi alcançada por meio da guerra contra a Inglaterra.



LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Dados gerais

Área: 39 436 548 km²

População: 650 000 000 hab.

Países: 26

Ponto mais alto: Ojos del Salado, 7084 metros (Argentina)

Maior rio: Amazonas, com 6440 km de extensão.

Quando o navegador espanhol Cristóvão Colombo chegou ao território que hoje se chama América, em 1492, julgou que tivesse chegado à Índia, daí o nome de «Índias Ocidentais» dado àquelas terras e o de «índios» aos seus habitantes.

Foi Américo Vespúcio, amigo de Colombo que, ao dar a volta ao continente, descobriu tratar-se de um continente novo até então desconhecido pelos europeus. O nome América foi dado por Martin Waldseemuller em homenagem àquele navegador.

A América é limitada a norte pelo Oceano Glacial Ártico, a este pelo Oceano Atlântico e a oeste pelo Oceano Pacífico. O Estreito de Bering constitui a fronteira mais próxima que a América tem com outro continente, a Ásia. Na parte sul, este continente é limitado pela junção dos oceanos Atlântico e Pacífico, nas proximidades do Círculo Polar Antártico.

Devido ao seu alongamento, o estudo da América é feito considerando as três regiões que a compõem: América do Norte, América Central e Antilhas e América do Sul.



Fig. 1 Continente americano no mapa-múndi.

Agora, pratico!

1. Por que razão a América foi durante muito tempo chamada Índias Ocidentais?
2. Localiza geograficamente a América do Norte.
3. Menciona as regiões que compõem o continente americano.

CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS

América do Norte

A América do Norte estende-se desde os climas frios da Groenlândia até à fronteira sul do México.

A América do Norte comporta três países, nomeadamente, o Canadá, os Estados Unidos da América e o México. Os Estados Unidos da América constituem uma federação constituída por 50 Estados, cada um com um governo próprio. O governo nacional está instalado em Washington DC (estas letras significam Distrito de Columbia, o nome da área onde se encontra a cidade).

A maioria da população descende de imigrantes ingleses (EUA), franceses (Canadá) e espanhóis (México) e da sua mistura com os povos locais.

Uma considerável parte da população é de origem africana, levada compulsivamente para este continente no tempo da escravatura. A população nativa restringe-se ao Alasca (**esquimós**), ao México (**nahuatli**) e a reservas de índios no Canadá e EUA.

A flora e fauna

A flora e fauna da América é influenciada pela sua extensão de norte a sul. A tundra encontra-se a norte do continente e nesta região habitam animais adaptados ao inverno rigoroso como morsas, ursos, lobos e raposas. A floresta caduca e as pradarias encontram-se na parte central da região norte. Na região central e norte da sul da América encontramos a floresta densa cuja fauna é composta por trepadores (macacos e gorilas), répteis, aves e pequenos roedores.

A savana é outro tipo de floresta existente na América e encontra-se mais representada na parte sul da América. Nesta floresta abundam herbívoros, carnívoros e aves diversas.



Conhece os países da América do Norte	
Canadá	
Capital: Otava	
Área: 9 970 610 km ²	
População: 30 491 300	
Língua: inglês e francês	
Estados Unidos da América	
Capital: Washington DC	
Área: 9 372 614 km ²	
População: 276 218 000	
Língua: inglês	
México	
Capital: Cidade do México	
Área: 1 958 201 km ²	
População: 87 365 000	
Língua: espanhol	



Fig. 2 Os países da América do Norte.

Relevo e hidrografia

Quatro grandes formações de relevo dominam a América do Norte. As montanhas rochosas estendem-se por toda a costa ocidental desde a península do Alasca até ao México. São montanhas recentes caracterizadas por possuírem cumes em forma de bico. O ponto mais alto desta região é o **monte MacKinley**, situado no Alasca, com 6193 m. Os rios existentes nesta região são de pequena extensão, nascem nos pontos altos e desaguam no Oceano Pacífico.

Na região central, o relevo é dominado pelas grandes planícies. Esta região é banhada pelos principais rios da América do Norte, nomeadamente o rio Mackenzie, a norte, o rio Mississippi e os seus enormes afluentes, como o Missouri, Ohio e Arkansas e o rio Grande que separa os Estados Unidos do México, na zona sul.

Nas zonas baixas desta região ocorrem enormes lagos, destacando-se a região dos grandes lagos (conjunto dos lagos Ontário, Erie, Michigan, Superior e Huron), o grande lago do urso, o grande lago do escravo e o lago Winnipeg.

A região oriental é dominada por um relevo planáltico onde se destacam os montes Apalaches. O rio São Lourenço, que nasce nos grandes lagos e desagua na baía do mesmo nome, é o mais importante curso fluvial da região.

Existem nesta região os seguintes mares: mar de Beaufort, mar de Bering e mar do Labrador.

Clima

O clima é influenciado pela latitude, pela altitude e pelas cordilheiras que impedem a passagem de ventos.

A região norte apresenta um clima frio devido à sua localização nas altas latitudes polares. As temperaturas são muito baixas e o solo permanece gelado criando condições para o desenvolvimento de uma vegetação de tundra. Este tipo de clima predomina também nas terras altas das Montanhas Rochosas.

A parte sul desta região apresenta um clima temperado continental caracterizado por possuir Verões quentes e Invernos frios. Este clima cobre o sul do Canadá e a região central dos Estados Unidos.

A costa oriental é dominada por um clima temperado marítimo com precipitações abundantes, Verões e Invernos suaves. O facto de os montes Apalaches serem relativamente baixos permite a entrada da humidade do mar até ao interior. Por seu lado, as Montanhas Rochosas impedem a entrada do ar húmido fazendo com que as encostas do interior sejam afectadas por um clima desértico. A parte sul desta região é dominada por um clima tropical.



Fig. 3 O relevo e hidrografia da América do Norte.

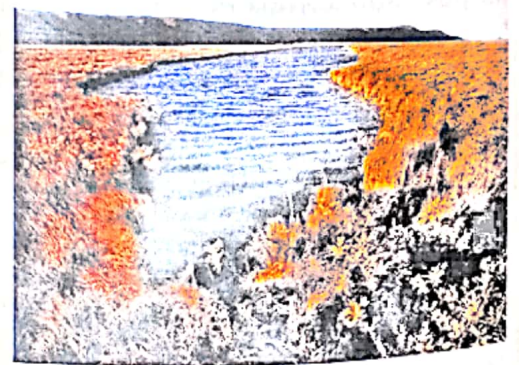


Fig. 4 Vegetação de tundra.

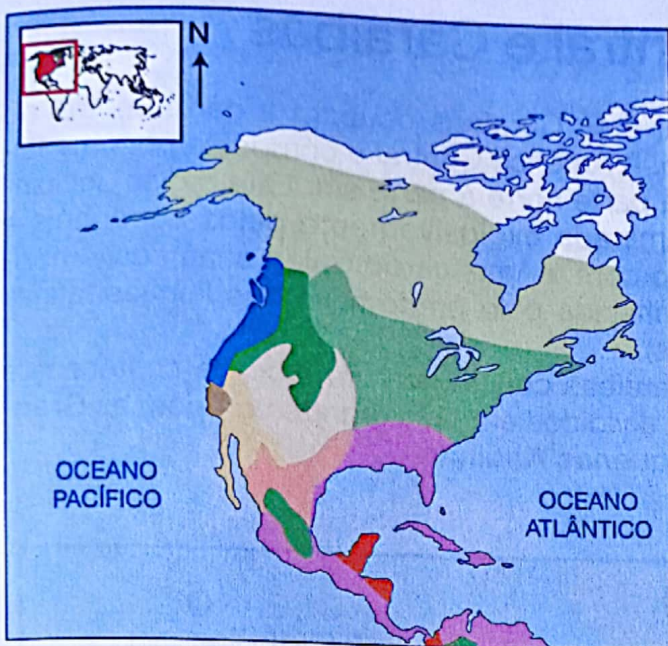


Fig. 5 Climas da América do Norte.

Escala 1 : 98 000 000

CLIMAS QUENTES

- Equatorial
- Tropical húmido
- Tropical seco
- Desértico quente

CLIMAS FRIOS

- Frio continental
- Polar
- De altitude

CLIMAS TEMPERADOS

- Subtropical húmido
- Mediterrâneo
- Marítimo
- Continental



Fig. 6 Cidade americana.



Fig. 7 Agricultura intensiva.

População e economia

A América do Norte é a região mais povoada do continente americano. A população concentra-se no Nordeste dos Estados Unidos, onde se localizam as principais cidades e indústrias.

No sul da América do Norte, destaca-se a cidade do México, cujo aglomerado atinge uma população de 16 674 160 habitantes.

A região central dos Estados Unidos e a maior parte do Canadá encontram-se praticamente desabitadas, por se tratarem de um território desértico e uma região de clima frio, respectivamente.

A América do Norte é uma das regiões mais desenvolvidas de todo o mundo. Os Estados Unidos e o Canadá estão entre os sete países mais ricos e poderosos do mundo. Para além de possuírem uma enorme quantidade de recursos que incluem depósitos de matérias-primas, tais como ferro, carvão e petróleo, os EUA detêm a indústria mais poderosa do mundo.

A sua indústria é diversificada e produz quase todos os artigos de que necessita, tais como aviões, máquinas, automóveis, meios informáticos, alimentos, têxteis, bebidas, derivados do petróleo etc. Para além de terem uma das mais avançadas indústrias do mundo, os Estados Unidos são igualmente o maior mercado do mundo.

A agricultura é mecanizada. E, apesar de ocupar uma parte pequena da população, a sua produção é suficiente para abastecer toda a população e ainda para exportar. A criação de gado bovino, o cultivo de cereais, algodão e citrinos ocupam um lugar importante nesta região.

Agora, pratico!

1. Menciona os principais tipos de clima da América do Norte.
2. Menciona os países da América do Norte e as respectivas capitais.
3. Qual desses países tem um estado federativo?

América Central e Caraíbas

A América Central e as Caraíbas ocupam a parte central do continente americano. A América Central é composta por uma faixa de terra que liga a parte norte à parte sul. Esta região, incluindo o México, foi dominada exclusivamente pelos espanhóis e constitui, em conjunto com a América do Sul, a chamada **América Latina**, assim conhecida pelo predomínio das línguas latinas (espanhol e português).

Por sua vez, as Caraíbas constituem um arco de centenas de ilhas, ilhotas e recifes divididos em dois grandes grupos: as **Grandes Antilhas** e as **Pequenas Antilhas**.





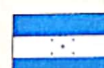



Conhece os países da América Central	
Belize	
Capital: Belmopan	
Área: 22 965 km ²	
População: 235 000	
Língua: inglês	
Costa Rica	
Capital: San José	
Área: 51 000 km ²	
População: 3 933 000	
Língua: espanhol	
El Salvador	
Capital: San Salvador	
Área: 21 041 km ²	
População: 6 154 000	
Língua: espanhol	
Guatemala	
Capital: Guatemala	
Área: 108 899 km ²	
População: 11 090 000	
Língua: espanhol	
Honduras	
Capital: Tegucigalpa	
Área: 112 082 km ²	
População: 6 316 000	
Língua: espanhol	
Bahamas	
Capital: Nassau	
Área: 13 939 km ²	
População: 301 000	
Língua: inglês	
Barbados	
Capital: Bridgetown	
Área: 431 km ²	
População: 269 000	
Língua: inglês	
Cuba	
Capital: Havana	
Área: 110 861 km ²	
População: 11 160 000	
Língua: espanhol	



Fig. 8 Países da América Central e Caraíbas.

Relevo e hidrografia

A Sierra Madre, a Cordilheira Central e uma estreita planície costeira representam o relevo desta região. Tanto a Sierra Madre como a Cordilheira Central representam a continuação do relevo do Norte com altitudes consideráveis. O ponto mais alto desta região é o **monte Tajumulco** com 4220 m, situado na Guatemala.

Neste relevo correm numerosos rios favorecidos pelas elevadas precipitações do clima tropical. O rio San Juan, o rio Grande de Matagalpa, o lago Nicarágua e o canal do Panamá, que liga os oceanos Pacífico e Atlântico ao longo de 82 km, são alguns dos principais cursos de água da América Central.

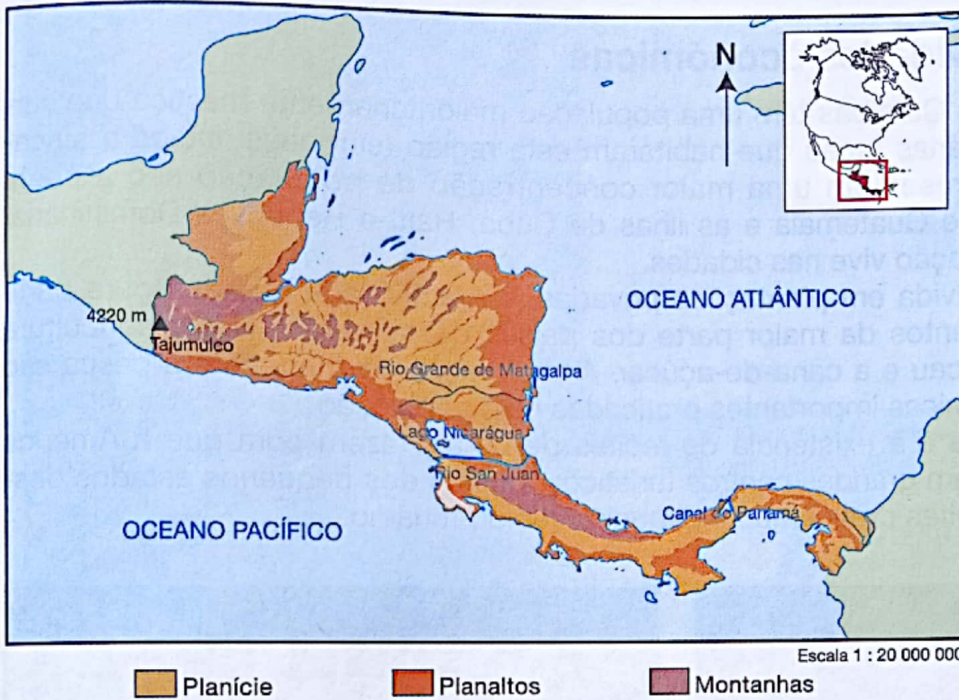



Fig. 9 Relevo da América Central.

Haiti 
Capital: Port-au-Prince
Área: 27 700 km²
População: 8 087 000
Língua: crioulo, francês

Jamaica 
Capital: Kingston
Área: 10 991 km²
População: 2 560 000
Língua: inglês

República Dominicana 
Capital: Santo Domingo
Área: 48 511 km²
População: 8 364 000
Língua: espanhol

Trinidade e Tobago 
Capital: Port-of-Spain
Área: 5128 km²
População: 1 289 000
Língua: inglês

Nicarágua 
Capital: Manágua
Área: 131 812 km²
População: 4 938 000
Língua: espanhol

Panamá 
Capital: Cidade do Panamá
Área: 75 516 km²
População: 2 812 000
Língua: espanhol

Granada 
Capital: Saint George s
Área: 344 km²
População: 93 000
Língua: inglês



Fig. 10 O canal do Panamá faz a ligação marítima entre o Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico.

Clima

A América Central e as Caraíbas apresentam um clima predominantemente tropical. As temperaturas são elevadas durante todo o ano. As maiores precipitações registam-se nas regiões costeiras, particularmente na Sierra Madre e no litoral da Costa Rica e Panamá.

População e actividades económicas

A América Central e as Caraíbas têm uma população maioritariamente mestiça que surgiu do cruzamento das várias raças que habitaram esta região (europeus, índios e africanos). As regiões que apresentam uma maior concentração de população são a costa ocidental de El Salvador e Guatemala e as ilhas de Cuba, Haiti e República Dominicana. Grande parte desta população vive nas cidades.

A agricultura, desenvolvida em plantações privadas, é a actividade que assegura parte considerável dos rendimentos da maior parte dos países desta região. Nesta agricultura cultiva-se a banana, o cacau e a cana-de-açúcar. A exploração da madeira e a pesca são outras actividades económicas importantes praticadas pela população.

As condições do clima e a existência de recifes de corais fazem com que a América Central e as Caraíbas sejam grandes centros turísticos. Muitos dos pequenos estados desta região têm as suas receitas praticamente dependentes do turismo.



Fig.11 Vista aérea de uma ilha das Caraíbas.



Fig. 12 Estância turística.

Agora, pratico!

1. Menciona dois países da América Central e dois das Caraíbas.
2. Por que razão a América Central faz parte da América Latina?
3. Caracteriza a economia das Caraíbas.

América do Sul

À excepção do Brasil, que foi uma colónia portuguesa, nos restantes territórios fala-se espanhol.



Relevo e hidrografia

O relevo da América do Sul é constituído por montanhas, planaltos e planícies. As montanhas são representadas pela Cordilheira dos Andes, localizada na costa ocidental. Esta cordilheira é constituída por montanhas recentes que em alguns locais ainda estão a crescer. Os pontos mais altos são o monte Aconcagua, com 6959 metros, situado a norte da cidade de Santiago, no Chile, o monte Chimborazo, com 6267 metros, na região central do Equador e o monte Ojos del Salado, na fronteira entre o Chile e Argentina.

Conhece os países da América do Sul

Colômbia

Capital: Bogotá
Área: 1 141 748 km²
População: 41 564 000
Língua: espanhol

Venezuela

Capital: Caracas
Área: 912 050 km²
População: 23 706 000
Língua: espanhol

Guiana

Capital: Georgetown
Área: 215 083 km²
População: 855 000
Língua: inglês

Suriname

Capital: Paramaribo
Área: 163 820 km²
População: 415 000
Língua: holandês

Brasil

Capital: Brasília
Área: 8 547 393 km²
População: 163 948 000
Língua: português

Equador

Capital: Quito
Área: 272 045 km²
População: 12 411 000
Língua: espanhol

Peru

Capital: Lima
Área: 1 285 216 km²
População: 25 230 000
Língua: espanhol

Bolívia

Capital: La Paz
Área: 1 098 581 km²
População: 8 142 000
Língua: espanhol

O CONTINENTE AMERICANO

É nesta cordilheira que nascem o rio Orinoco e o rio Amazonas – o maior rio do mundo – que percorre 6437 km antes de desaguar no oceano Atlântico. Este rio banha uma região plana, que constitui a bacia do Amazonas. Existem dois grandes planaltos, nomeadamente o Planalto das Guianas, situado a norte e o Planalto Brasileiro, situado na costa oriental brasileira. Contrariamente aos Andes, estes planaltos são de formação antiga e, por isso, as suas altitudes são baixas, não atingindo os 3000 metros. No planalto brasileiro nasce um dos mais importantes rios da América do Sul, o rio Paraná, que é alimentado por numerosos afluentes, nomeadamente, os rios Paraguai, Uruguai e o rio salgado. Para além destes, destaca-se o rio Colorado que irriga a planície de Pampas situada na Argentina.

Clima

A América do Sul estende-se desde as latitudes tropicais do Hemisfério Norte até às terras frias do Hemisfério Sul. Por esta razão, nela fazem-se representar os climas tropicais, temperados e frios.

O clima tropical abrange a região norte, sobretudo a bacia do Amazonas e do Orinoco.

Devido à passagem do Equador por esta região, o clima é do tipo equatorial com precipitações abundantes. Estas características criam condições para o desenvolvimento de uma floresta densa.

À medida que caminhamos para sul, as precipitações diminuem e o clima equatorial dá lugar ao clima tropical húmido, caracterizado por possuir duas estações e pluviosidade relativamente inferior. Por sua vez, a floresta densa dá lugar à savana.

As terras altas apresentam um clima modificado pela altitude, enquanto os pontos mais altos destas regiões apresentam um clima frio com características polares. A costa sul do Brasil, a Bolívia e a costa oriental da Argentina têm um clima temperado marítimo.

A costa ocidental do Chile e o sul da Argentina apresentam um clima desértico ou semi-desértico devido à escassez das chuvas. O deserto de Atacama no Chile é uma das regiões mais secas do mundo.

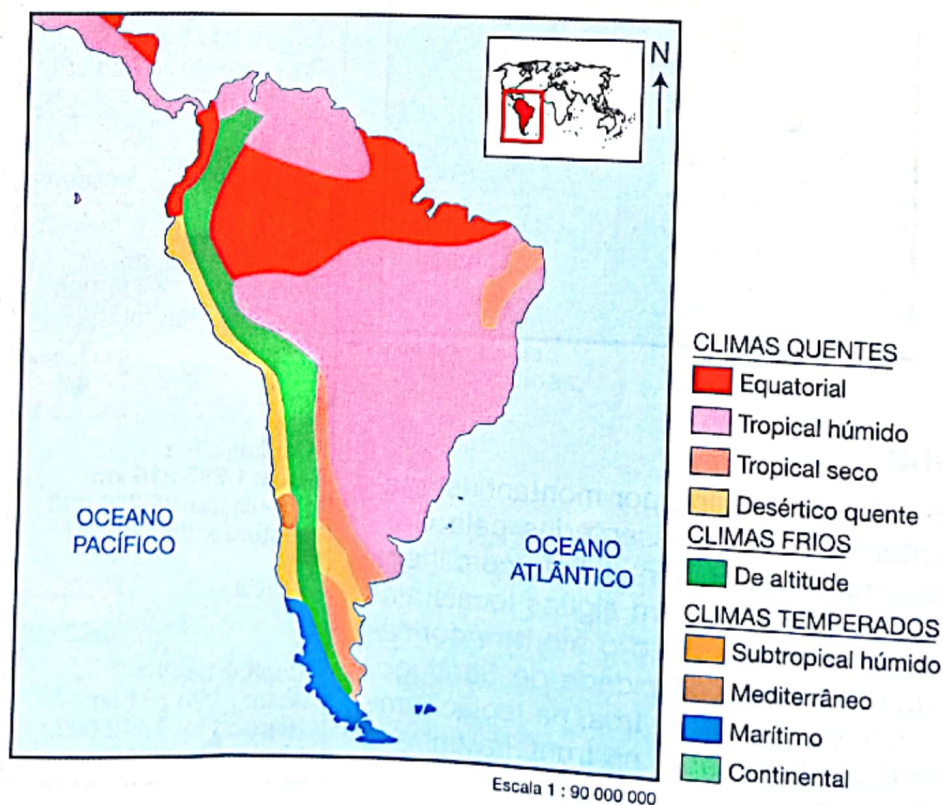


Fig. 14 Clima da América do Sul.

População e economia

A América do Sul apresenta uma distribuição desigual da população. A região do interior, ocupada pela floresta amazônica e pela cordilheira dos Andes, encontra-se praticamente desabitada.

A população concentra-se nas regiões costeiras do ocidente e do oriente onde as condições do clima são favoráveis, pois as temperaturas são moderadas e as chuvas não são muito intensas.

As principais aglomerações populacionais coincidem com as cidades, sendo de destacar as do Rio de Janeiro e de São Paulo, no Brasil, Montevideo, no Uruguai, e Buenos Aires, na Argentina. A população desta região é cada vez mais urbana, isto é, cada vez menos pessoas vivem no campo.

O petróleo, cobre, bauxite e outros minerais constituem as riquezas naturais da América do Sul. O petróleo é explorado na Venezuela, que é um dos maiores produtores mundiais deste hidrocarboneto.

A América do Sul é constituída por países em franco desenvolvimento. As suas economias, a pouco e pouco, deixaram de depender somente da agricultura, do corte da madeira e da extracção de minerais, para se concentrarem nos sectores industrial e terciário (comércio e serviços diversos).

As maiores cidades sul-americanas têm uma variada gama de indústrias que produzem produtos químicos, têxteis, vestuário, calçado e transformam a matéria-prima para a exportação.

A variedade de climas da região possibilitam também uma maior variedade de culturas agrícolas. A cultura da cana-de-açúcar, cacau, banana, café, vinha e trigo são as mais importantes e a sua produção é, na maior parte, exportada para o mercado norte-americano. Para além da agricultura, a região é um importante produtor mundial de gado bovino, que é pastado nas extensas planícies desta região.



Fig. 15 Floresta da Amazônia.



Fig. 16 Corte de madeira.



Fig. 17 Cidade do Rio de Janeiro.

Agora, pratico!

1. Menciona os maiores países da América do Sul.
2. Indica as formas de relevo existentes na América do Sul.
3. Por que se afirma que os países da América do Sul se encontram em franco desenvolvimento?

A COLONIZAÇÃO EUROPEIA DA AMÉRICA

Em 1492, **Cristóvão Colombo**, navegador ao serviço da Coroa de Espanha, chega à América, na tentativa de alcançar a Índia navegando pelo Atlântico.

O navegador português **Pedro Álvares Cabral** descobre o Brasil, em 1500, levando assim Portugal a juntar-se à Espanha na descoberta do «Novo Mundo», nome por que ficou conhecida a América.

Portugal e Espanha assinaram, em 1494, o Tratado de Tordesilhas que definiu a partilha do mundo entre estas duas nações ibéricas, grandes potências coloniais de então. O tratado estabeleceu um meridiano de divisão situado a 370 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde que delimitava como território espanhol as terras descobertas a ocidente deste meridiano, ficando as terras a oriente sob domínio português.

A partir da altura em que o «Novo Mundo» foi descoberto, começaram a chegar à região novos colonizadores. Ingleses, franceses, holandeses, alemães e suecos começaram a ocupar os territórios que ainda se encontravam vagos. Britânicos e franceses dirigiram-se para o norte, ocupando, numa fase inicial, as regiões costeiras. Espanhóis e portugueses ocuparam, por seu lado, as Américas do Sul e do Centro.

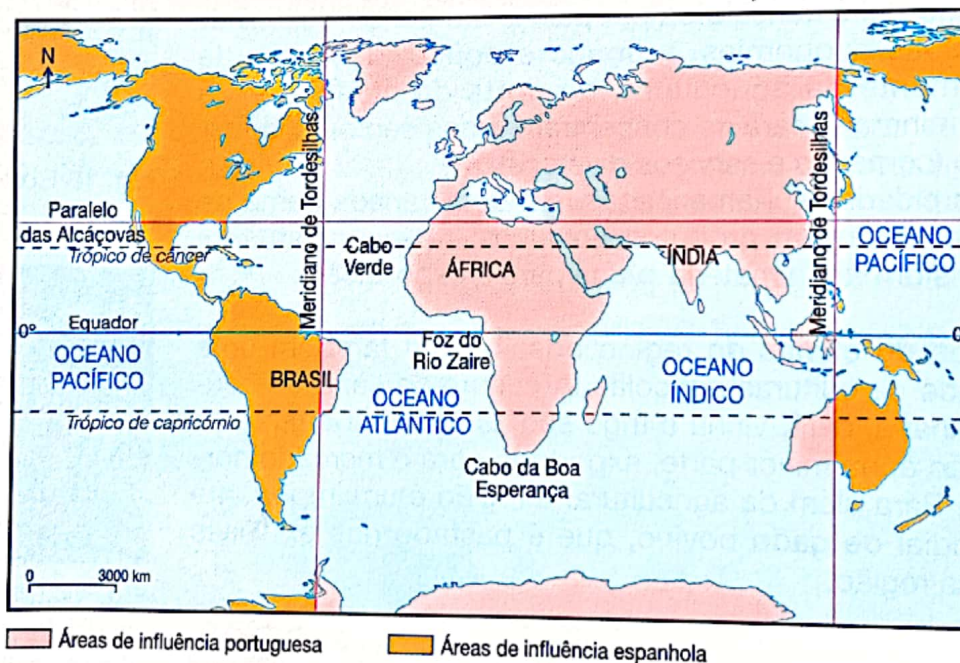


Fig. 18 Mapa com o meridiano do Tratado de Tordesilhas.

Depois de se instalarem na costa, as potências europeias começaram a penetrar no interior, em busca de ouro e madeira.

Para atingirem os seus objectivos, os europeus iniciaram um processo de extermínio dos índios (população local) a quem consideravam inimigos. Civilizações belas como a dos Astecas, no México (1519-1521), a dos Maias, na América Central, e a dos Incas, no Peru (1530), foram completamente arrasadas e as suas cidades destruídas.

Em pouco menos de 40 anos, a população nativa encontrava-se quase exterminada e, para fazer face à crise de mão-de-obra, houve a necessidade de recorrer aos escravos de África, tal como já vimos anteriormente.

Para dominar os índios, os europeus usaram a sua superioridade militar, introduziram-se e povoaram a região recorrendo a um elevado contingente de colonos vindos da Europa.



Fig. 19 Cidade do Império Asteca.



Fig. 20 Pregação aos índios.

O COMÉRCIO TRIANGULAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA AMÉRICA

Na 6.^a classe estudámos o impacto do comércio de escravos no nosso continente. Vimos que esta prática consistiu no fluxo de produtos europeus para os reinos africanos. Aí, esses produtos eram trocados por escravos, ouro, pedras preciosas e marfim. Os escravos iam para a América para trabalhar nas plantações de açúcar, tabaco e café.

O cruzamento entre africanos, índios e os próprios europeus deu lugar a uma população mestiça, a qual constitui hoje a maioria da população, sobretudo na América Latina. Para além da mestiçagem, ainda é possível encontrar comunidades negras americanas, especialmente nos Estados Unidos.

A nível económico, o comércio triangular proporcionou o desenvolvimento de muitas infra-estruturas naquele continente. A abertura de estradas e linhas férreas que escoavam a produção foram feitas com o trabalho de mão-de-obra escrava. Para além destas, as riquezas produzidas pelos escravos africanos possibilitaram a edificação de cidades, portos e outras infra-estruturas que permitiriam aos europeus a exploração da América e a aquisição de lucros fabulosos.

Tal como para África, o comércio triangular resultou na pilhagem dos recursos do continente americano para enriquecimento da Europa.

Agora, pratico!

1. Resume, em poucas palavras, as principais características da ocupação colonial europeia da América Central.
2. Resume, em poucas palavras, as principais características da ocupação colonial europeia da América do Sul.
3. Indica as consequências do comércio triangular para a América.

A EMANCIPAÇÃO DOS PAÍSES DA AMÉRICA

Luta de libertação

É a luta que um povo colonizado trava com vista a atingir a sua liberdade.

A luta de libertação nacional é uma luta justa pois tem por finalidade a autonomia do povo.

A partir do século XVIII, os povos da América iniciaram a sua luta para se libertarem da dominação colonial. Na América do Norte, os Estados Unidos desencadearam uma guerra contra a Inglaterra, que culminou com a sua independência, como a seguir iremos estudar.

Na América Central e do Sul, o movimento de libertação foi levado a cabo por nacionalistas libertadores. Simon Bolívar e José de San Martín, apoiados pelos Estados Unidos e pela Inglaterra, desencadearam uma luta contra os espanhóis, entre 1820 e 1823.

O caso dos Estados Unidos da América

A colonização inglesa da América começou nos finais do século XVI. No início, os ingleses não queriam ocupar a América. O que eles queriam era encontrar uma passagem para a Ásia onde procuravam o ouro e as especiarias. Mas ao descobrir que naquele continente existiam muitas riquezas acabaram por fixar-se.

Os primeiros ingleses que chegaram à América eram indivíduos aventureiros, desempregados, condenados a penas diversas e dissidentes religiosos. A este grupo de pessoas que chegavam à América chamou-se colonos.

Porém, os colonos ocuparam terras, construíram edifícios e começaram a produzir e a criar riqueza. As terras conquistadas foram chamadas colónias e ficaram submetidas à Inglaterra. As colónias espalharam-se por todo o território que hoje constitui os Estados Unidos. Surgiram assim os estados de Maryland, Virgínia, Carolina do Sul, Carolina do Norte e Geórgia (na parte sul), Nova Iorque, Pensilvânia, Nova Jersey e Delaware (no centro), Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Connecticut (no norte).

As colónias das três regiões apresentavam características diferentes. As do norte (que foram chamadas Nova Inglaterra) desde cedo se especializaram na prática da agricultura, pecuária, pesca, construção de barcos, comércio de madeiras e de produtos alimentares vendidos nas Antilhas e na própria Inglaterra.

Tudo isto fez com que as colónias do norte conhecessem um grande desenvolvimento e fizessem nascer grandes cidades.

As colónias do centro tinham uma economia baseada na agricultura recorrendo ao uso da mão-de-obra dos escravos africanos.



As 13 colónias inglesas Territórios espanhóis Batalha de Yorktown
Territórios obtidos pela Inglaterra depois do tratado de Paris (1763 que pôs fim à Guerra dos Sete Anos)

Fig. 21 As treze colónias.

Para além da agricultura, exploravam madeiras, vendiam peles de animais e praticavam a pesca. A sua indústria era fraca tendo que importar do norte produtos como o açúcar, tecidos e móveis.

As colónias do sul ocupavam uma grande extensão territorial e apresentavam características essencialmente rurais. Faltavam cidades e bons portos. A economia era baseada na produção do tabaco, arroz e algodão em grandes latifúndios com mão-de-obra escrava.

Contrariamente ao norte, onde os funcionários eram eleitos, no sul eram indicados pelos aristocratas donos de propriedades, o que conferia a estes últimos um considerável poder político.

A Revolução Americana

Apesar de as treze colónias apresentarem diferenças, elas mantinham-se unidas em torno de um objectivo: todas queriam libertar-se da dominação colonial que sofriam por parte da Inglaterra. Por esta razão, uniram-se para lutar pela sua independência. Esta acção ficou conhecida como Revolução Americana.

As causas da Revolução Americana

A Revolução Americana foi influenciada por causas externas e internas.

Destacam-se as seguintes causas externas:

- As ideias iluministas, que defendiam a liberdade de pensamento e de acção dos povos e condenavam o regime monárquico, incentivando o desenvolvimento da burguesia.
- A necessidade de lutar contra o absolutismo da coroa britânica que impedia a burguesia de tomar o poder.

A nível interno, a Revolução Americana eclodiu devido às contradições que opunham a coroa britânica às suas colónias da América do Norte, das quais podemos destacar as medidas proteccionistas da Inglaterra.

Para conseguir estes objectivos, a Inglaterra promulgou uma série de medidas económicas tendentes a impedir a entrada no seu território de produtos manufacturados vindos das colónias da América do Norte. Tinha como objectivo promover o desenvolvimento da indústria inglesa e a venda dos seus produtos às colónias, tornando-as meras consumidoras dos produtos da metrópole.

Muitas leis foram aprovadas pela Inglaterra para conseguir esses objectivos, por exemplo:

- A Lei do Açúcar (1764) que restringia a entrada no mercado britânico do açúcar das colónias americanas, favorecendo o produto proveniente das Antilhas Britânicas.
- As Leis de Townshend (1767) que obrigavam as colónias da América do Norte a pagar impostos elevados sobre todos os produtos importados, como o chá, o vidro, o papel e outros (os colonos reagiram violentamente contra a lei exigindo a sua abolição, em 1770).



Fig. 22 Revolução na América.

- A Lei do Chá (1773) que dava à Companhia das Índias Ocidentais (uma companhia britânica) a exclusividade do comércio do chá, uma actividade muito lucrativa. (Os colonos revoltaram-se contra a lei e uma multidão fantasiada de índios atacou o porto de Boston, destruindo centenas de caixas de chá.)

Outra causa de força foi a exclusão política, isto é, apesar de produzirem muita riqueza para a Inglaterra, a maior parte dos colonos da América do Norte não participavam na vida política do governo da sua terra. Todas as decisões vinham de Londres. Com a Revolução, os colonos pretendiam conquistar o direito de governar o seu país.

O início da Revolução

A Revolução Americana começou em 1774, quando a Inglaterra tomou medidas repressivas contra as colónias que se negavam aceitar as suas leis, nomeadamente:

- encerramento do porto de Boston;
- repressão violenta das manifestações populares.

Em 1774, realizou-se o Primeiro Congresso Continental que juntou todas as colónias para combinar as acções defensivas e ofensivas contra a ocupação inglesa.

As acções militares e o papel de George Washington

Depois do Primeiro Congresso, as treze colónias decidiram passar à acções militares, o que ocorreu em 1775. Quando estas se iniciaram, as colónias contavam com um exército de milícias mal treinado e equipado, o que os levou a sofrer pesadas derrotas face à Inglaterra.

A eleição de George Washington para comandante de todas as tropas norte americanas ditou que o exército das colónias ganhasse um novo ímpeto. Washington mobilizou todo o povo sem distinção, incluindo índios e negros e, pouco a pouco, o exército de milícias foi transformado num exército forte e disciplinado. Como resultado desta nova organização, os ingleses foram expulsos de Boston, em 1776.

A Declaração da Independência

Depois das vitórias militares de 1776, as treze colónias reuniram-se no seu Segundo Congresso Continental a 2 de Julho de 1776. Este congresso tinha como objectivo preparar o nascimento dos Estados Unidos da América. Estabeleceu que:

«Os Estados Unidos são, e por direito devem ser, estados livres e independentes.»

Para alcançar o objectivo de fazer nascer uma nação independente, o congresso incumbiu Thomas Jefferson de escrever a Declaração da Independência, no que contou com a ajuda de Benjamin Franklin e John Adams.



Fig. 23 George Washington.



Fig. 24 Estátua da Liberdade.

A declaração baseou-se nos direitos naturais, segundo os quais «os homens nascem livres e iguais» e que, mais adiante, acrescentava:

«Sustentamos que estas verdades são evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que foram dotados pelo seu criador de certos direitos inalienáveis e que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade. Que para garantir esses direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados. Que quando qualquer forma de Governo se tornar destrutiva para esses fins, constitui direito do povo alterá-la ou aboli-la.»

A 4 de Julho de 1776, o Congresso Continental aprovou o texto da Declaração da Independência que punha termo à dominação inglesa nos Estados Unidos.

As Constituições dos Estados Federais

Depois da independência, as treze colónias decidiram manter-se autónomas umas em relação às outras. Assim, cada uma passou a constituir um Estado independente, juntando-se todas num Estado Federal.

Cada Estado tem a sua lei interna mas todos se mantêm unidos no que diz respeito à política externa. Apesar disso, as Constituições de cada Estado incluem elementos comuns como:

- o respeito pelas liberdades dos cidadãos;
- o direito à propriedade privada;
- a separação de poderes (executivo, legislativo e judiciário);
- a defesa da liberdade de expressão, de imprensa e de julgamento por um júri.

Sabias que...

A Constituição dos EUA foi a primeira, em forma, escrita, da História Universal.

Até aos nossos dias, cada um dos 50 Estados que constituem os Estados Unidos da América tem a sua própria Constituição, ficando a Constituição federal (de todos os estados) a velar pelas questões de guerra e paz e relações internacionais.

O significado da Independência dos Estados Unidos da América

A Revolução Americana foi diferente de outras revoluções que se deram na Europa e em outras partes do mundo. Por exemplo, com o derrube da colonização inglesa, os Estados Unidos mantiveram o regime capitalista e a sua organização social, tal como no passado.

A grande inovação desta revolução foi a participação activa de todos os norte-americanos na vida política e económica do seu país e a introdução de liberdades consagradas na Declaração de Independência.

Agora, pratico!

1. Apresenta dois motivos que justifiquem o interesse da Inglaterra pela colónia da América do Norte.
2. Enumera as principais razões que levaram os norte-americanos a lutarem pela sua independência.

O caso do Brasil

O Brasil foi, como já deves saber, uma colónia portuguesa. Em 1807, porém, a invasão de Portugal pelas tropas francesas levou D. João VI a partir para o Brasil, que elevou à categoria de reino. A corte foi transferida para o Rio de Janeiro (a chamada Inversão Brasileira), tendo Portugal passado para o segundo plano nos campos político, económico e administrativo.

A vitória dos portugueses sobre as tropas francesas, com o auxílio dos ingleses, a complicada situação económica do país e as novas ideias políticas (liberalismo) que então surgiram em Portugal provocaram a Revolução Liberal de 1820. O movimento exigia o regresso de D. João VI a Lisboa, o juramento à Constituição adoptada por Portugal e o acatamento das decisões da Corte. Pretendia ainda que o Brasil voltasse a ser uma simples colónia. Em 1821 o rei regressou a Lisboa. D. Pedro permaneceu como regente do Reino do Brasil.

A proclamação da Independência

O péssimo acolhimento proporcionado aos deputados brasileiros enviados à Corte e, sobretudo, a pretensão de fazer regressar o Brasil à condição de simples colónia levaram a aristocracia rural brasileira a optar pelo caminho da independência, tendo como líder o próprio regente D. Pedro.

Em Janeiro de 1822 D. Pedro rompeu com a Corte portuguesa, confirmando a sua intenção de permanecer no Brasil. A unidade militar portuguesa aquartelada no Rio de Janeiro foi expulsa. D. Pedro organizou então um governo constituído predominantemente por brasileiros e adoptou medidas que puseram fim à dependência em relação a Portugal. Em 3 de Junho de 1822 convocou uma Assembleia Constituinte Brasileira e no dia 1 de Agosto de 1822 foi proibido o desembarque de tropas portuguesas no Brasil.

Finalmente, no dia 7 de Setembro de 1822, nas margens do Rio Ipiranga, D. Pedro proclamou a Independência do Brasil, fazendo um discurso que entrou para a história: «Viva a independência e a separação do Brasil. Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro promover a liberdade do Brasil. Independência ou Morte!». D. Pedro foi, assim, aclamado Imperador do Brasil, a 12 de Outubro de 1822, sob o título de D. Pedro I.



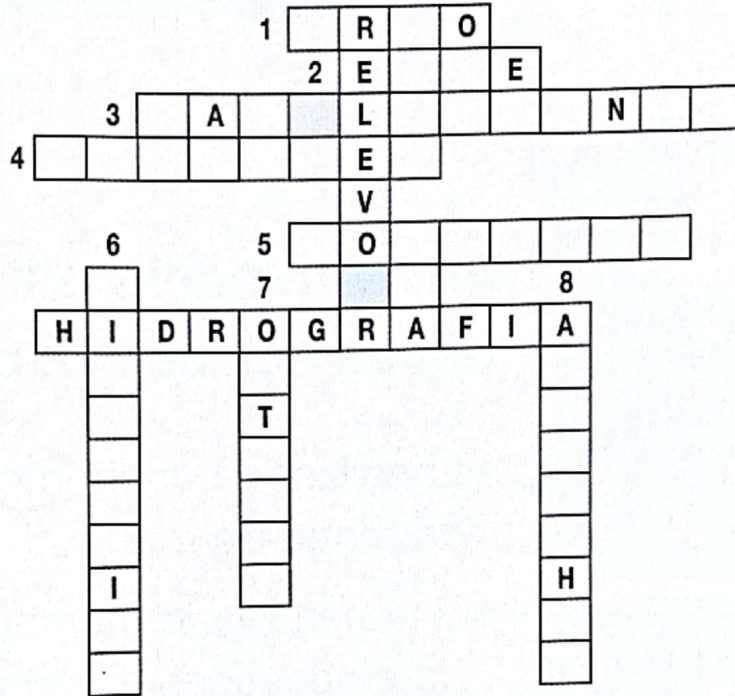
Fig. 25 A proclamação da Independência do Brasil.

Agora, pratico!

1. Explica o que foi a «Inversão Brasileira».
2. A partir do texto, elabora uma cronologia dos factos que levaram à independência do Brasil.

FICHA DE AVALIAÇÃO

1. Menciona os mares que delimitam a América do Norte.
2. Passa para o teu caderno e preenche o seguinte crucigrama usando conhecimentos sobre o clima e relevo da América do Norte.



O lago mais setentrional da América do Norte.

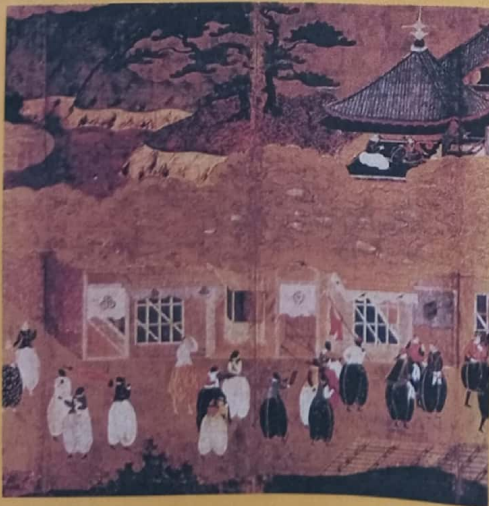
- 2 Um dos lagos que constituem os Grandes Lagos.
 - 3 Rio que desagua no Golfo de São Lourenço.
 - 4 Monte mais alto da região.
 - 5 Grande cordilheira da costa ocidental da América do Norte.
 - 6 Grande rio que banha a região das Planícies Centrais.
 - 7 Lago onde nasce o rio São Lourenço.
 - 8 Montes aplainados da costa oriental dos Estados Unidos.
3. Menciona quatro centros de produção industrial da América do Norte.
 4. Menciona os nomes dos países da América Central.
 5. Caracteriza a economia da América Central.
 6. Qual é o único país da América do Sul onde se fala português?
 7. Quais as principais actividades económicas desenvolvidas na América do Sul?

UNIDADE 6 O Continente Asiático



Ao terminares esta unidade, deves ser capaz de:

- Localizar o continente asiático no mapa do mundo.
- Enumerar as principais características naturais do continente.
- Caracterizar a população da Ásia e as suas principais actividades.
- Relacionar o desenvolvimento do capitalismo na Europa com a expansão e colonização da Ásia.



LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A Ásia é o maior continente do mundo e ocupa cerca de um terço do total da superfície terrestre, com cerca de 43 608 000 km². Alberga a maior população de entre todos os continentes (cerca de 3 074 000 000 habitantes).

É neste continente que se localiza o país mais populoso do mundo, a China, a maior cordilheira do mundo, os Himalaias, e o monte mais alto do mundo, o Everest (8 848 metros).

A norte, a Ásia é limitada pelo Oceano Glacial Ártico; a oeste pelos montes Urais, rio Ural, mar Cáspio, mar Mediterrâneo e mar Vermelho; a sul pelo mar da Arábia, golfo de Bengala e Oceano Índico, e a leste pelo Oceano Pacífico. Separa-se da Europa pela depressão ural-caspiana que inclui os montes Urais e o mar Cáspio e separa-se de África, a sudoeste, pelo mar Vermelho.

O continente asiático é constituído por sete regiões, nomeadamente, Ásia Meridional, Sudoeste Asiático ou Médio Oriente, Sudeste Asiático, Ásia Oriental, Ásia Central e Ásia Setentrional.

Dados Gerais

Área: 44 397 460 km²

População:
3 633 100 000

Países: 44

Ponto mais alto: Monte Everest (Nepal/ China) – 8848 metros

Ponto mais baixo: Mar Morto (Jordânia/Israel) – 395 metros

Maior ilha: Bornéu – 736 000 km²

Maior lago: Cáspio (Federação Russa/ Cazaquistão/ Irão / Turquia) – 371 000 km²

Maior rio: Chang Jiang – 5800 km

Litoral: 252 776 km (exclui Federação Russa)

Altitude média: 960 metros.

Conhece os países do Médio Oriente

Arábia Saudita



Capital: Riade
Área: 2 248 000 km²
População: 20 899 000
Língua: árabe

Bahrein



Capital: Manama
Área: 678 km²
População: 606 000
Língua: árabe

Emirados Árabes Unidos



Capital: Abu Dhabi
Área: 83 600 km²
População: 2 720 000
Língua: árabe

Iémen



Capital: Saná
Área: 527 968 km²
População: 17 488 000
Língua: árabe

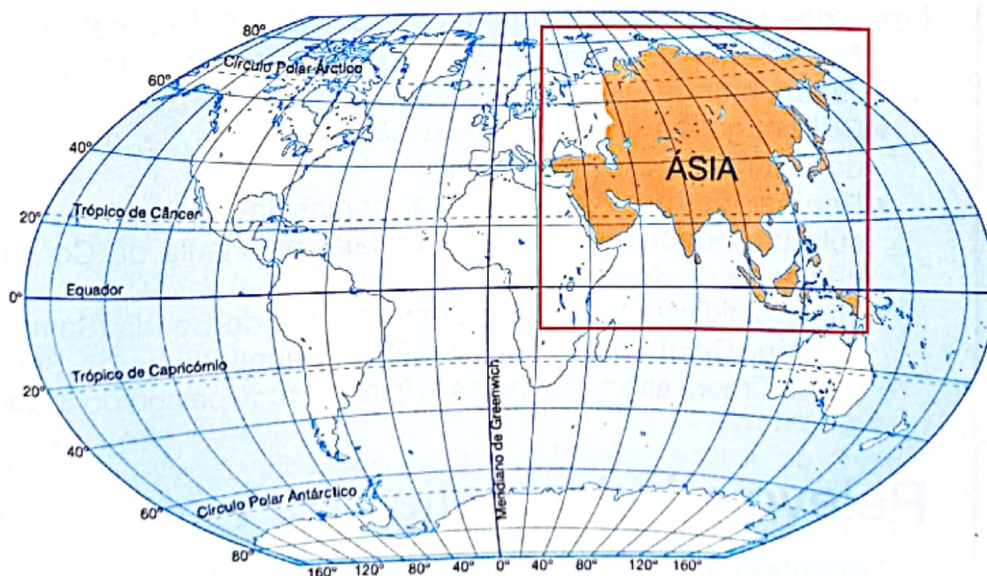







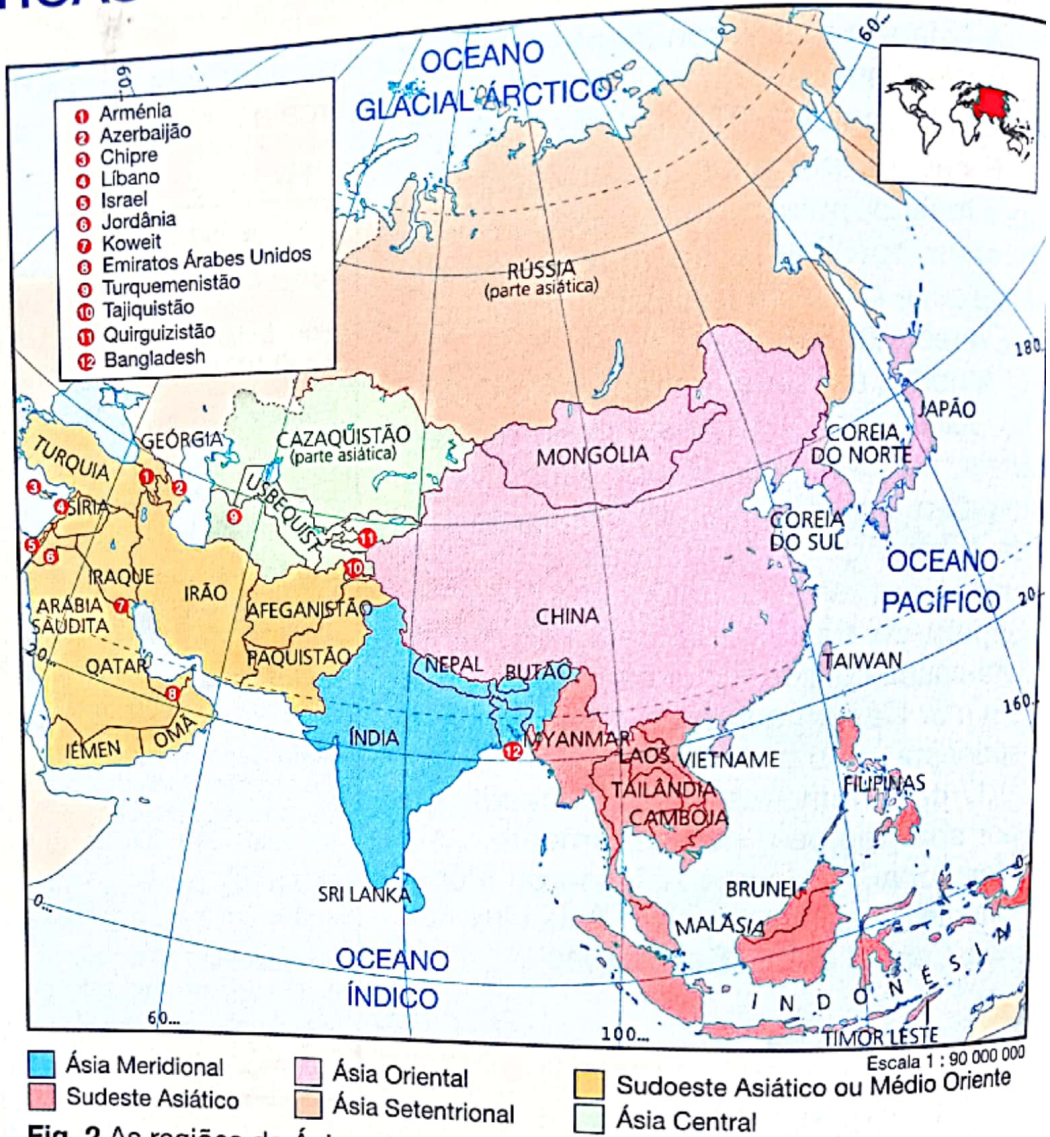


Fig. 1 A Ásia no mapa-múndi.

CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS

<p>Irão</p>  <p>Capital: Teerão Área: 1 648 000 km² População: 66 796 000 Língua: farsi (persa)</p>
<p>Iraque</p>  <p>Capital: Bagdad Área: 438 317 km² População: 22 400 000 Língua: árabe</p>
<p>Israel</p>  <p>Capital: Jerusalém Área: 20 770 km² População: 6 101 000 Língua: hebreu</p>
<p>Jordânia</p>  <p>Capital: Amã Área: 89 206 km² População: 6 482 000 Língua: árabe</p>
<p>Koweit</p>  <p>Capital: Cidade do Koweit Área: 17 818 km² População: 1 897 000 Língua: árabe</p>
<p>Líbano</p>  <p>Capital: Beirute Área: 10 400 km² População: 3 236 000 Língua: árabe</p>
<p>Turquia</p>  <p>Capital: Ancara Área: 779 452 km² População: 65 022 000 Língua: turco</p>



Neste continente existem numerosos acidentes de costa que fazem da Ásia o mais acidentado de todos (fig. 3). Repara:

- **Mares:** mar Vermelho, mar da China, mar Amarelo, mar do Japão, mar de Okhotsk e mar de Bering.
- **Golfos:** golfo Pérsico, golfo de Omã, golfo de Bengala, golfo da Tailândia, golfo de Tonquim.
- **Penínsulas:** península Arábica, península do Decão, península da Indochina, península Malaia, península da Coreia e península de Kamchatca.
- **Ilhas:** Maldivas, Sri Lanka, Grandes ilhas de Sonda (Samatra, Bornéu, Celebes e Nova Guiné), Pequenas ilhas de Sonda (Java, Timor), arquipélago das Filipinas e arquipélago do Japão.

Relevo e hidrografia

O continente asiático apresenta a maior altitude média do mundo. A maior parte do seu território é preenchida por planaltos e montanhas de altitudes elevadas.

As zonas de relevo mais baixo na Ásia são a planície siberiana, a planície da costa oriental, a planície indo-gangética e as planícies dos rios Amarelo e lansequião.

O relevo determina o curso e as características dos rios. Assim, a maioria dos rios da Ásia nascem nas regiões altas da Ásia central e correm em direcção à costa. Os principais rios são:

- Tigre e Eufrates, nascem no planalto da Anatólia e desaguam no golfo Pérsico;
- Indo e Ganges, nascem nos Himalaias e desaguam no Oceano Índico;
- Mekong, nasce no planalto de Shan e desagua no Oceano Pacífico;
- lansequião (também designado lang Tse Kiang) e rio Amarelo (ou Huang Ho), nascem no planalto da Mongólia e desaguam no Oceano Pacífico.

Para além destes rios, a Ásia possui muitos outros rios, de dimensão menor, como podes ver pelo mapa que se segue.




Fig. 3 O relevo do continente asiático.

Clima

Alguns dos lugares mais inóspitos da Terra situam-se na Ásia: o deserto quente da Arábia, o deserto frio de Gobi e, ao norte, a gelada Sibéria.

Em virtude da vasta extensão do continente, dos relevos e das monções, existem muitos tipos de clima: polar, continental frio, continental árido, montanhoso, continental, mediterrânico, tropical, tropical árido e equatorial.

Conhece os países da Ásia Meridional

Bangladesh 


Capital: Daca
Área: 147 570 km²
População: 126 947 000
Língua: bengali

Butão 

Capital: Thimphu
Área: 47 000 km²
População: 2 064 000
Língua: dzongkha

Índia 


Capital: Nova Deli
Área: 3 287 590 km²
População: 998 056 000
Línguas: hindi e inglês

Myanmar (Birmânia) 


Capital: Rangun
Área: 657 577 km²
População: 45 059 000
Língua: birmanês

Nepal 

Capital: Katmandu
Área: 147 181 km²
População: 23 385 000
Língua: nepalês

Paquistão 

Capital: Islamabad
Área: 796 095 km²
População: 134 497 000
Língua: urdu

Sri Lanka 

Capital: Colombo
Área: 65 610 km²
População: 18 639 000
Línguas: singalês e tamil

Conhece os países do Sudeste Asiático

Brunei



Capital: Bandar Seri Begawan
Área: 5765 km²
População: 322 000
Língua: malaio

Camboja



Capital: Phnom Penh
Área: 181 035 km²
População: 11 746 000
Língua: khmer

Filipinas



Capital: Manila
Área: 300 000 km²
População: 74 456 000
Línguas: filipino e inglês

Indonésia



Capital: Jacarta
Área: 1 919 317 km²
População: 210 126 000
Língua: indonésio (bahasa)

Laos



Capital: Vienciana
Área: 236 800 km²
População: 5 297 000
Língua: lao

Malásia



Capital: Kuala Lumpur
Área: 329 749 km²
População: 20 100 000
Língua: malaio

Singapura



Capital: Cidade de Singapura
Área: 618 km²
População: 3 324 000
Línguas: malaio, chinês, tamil e inglês

Tailândia

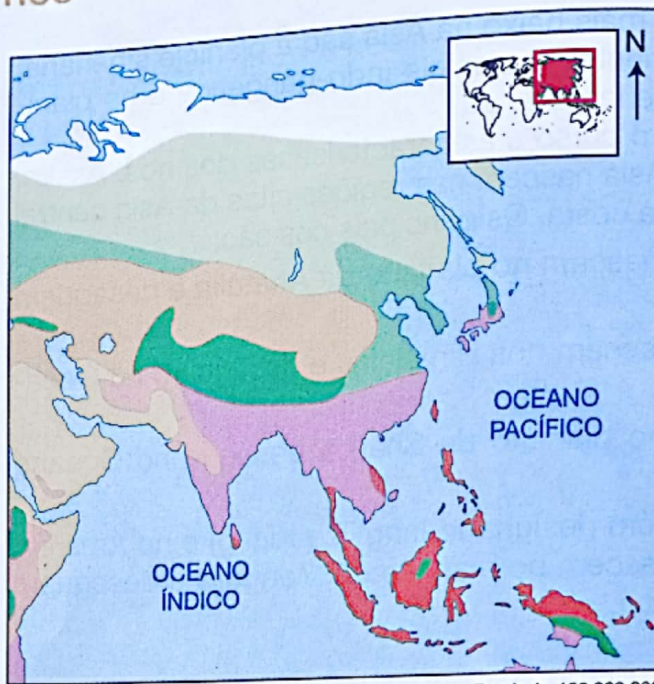


Capital: Bangucoque
Área: 513 115 km²
População: 60 856 000
Língua: tailandês

Vietname



Capital: Hanói
Área: 331 040 km²
População: 81 624 000
Língua: vietnamita



CLIMAS QUENTES

- Equatorial
- Tropical húmido
- Tropical seco
- Desértico quente

CLIMAS FRIOS

- Frio continental
- Polar
- De altitude

CLIMAS TEMPERADOS

- Subtropical húmido
- Mediterrâneo
- Marítimo
- Continental

Fig. 4 Os climas da Ásia.

Flora e fauna

As condições do clima da Ásia determinam a existência de diferentes espécies de vegetação.

No extremo norte, as temperaturas são permanentemente baixas e o solo encontra-se permanentemente congelado. No Verão, a subida de temperaturas leva ao descongelamento do gelo, formando-se lagos rodeados de tundra.

A fauna é constituída por ursos, focas, raposas polares, cisnes da tundra, mergulhões, renas, alces e outras espécies adaptadas às condições de muito frio.



Fig. 5 Deserto.



Fig. 6 Urso polar.



Fig. 7 Vegetação tropical.

Agora, pratico!

1. Menciona os limites do continente asiático.
2. Quais os limites que o separam do continente africano?
3. Quais os tipos de clima da Ásia?
4. Estabelece a relação entre o clima e a vegetação no continente asiático.
5. Menciona os rios asiáticos que desaguam na costa do Pacífico.

POPULAÇÃO E ACTIVIDADES ECONÓMICAS

População e sua distribuição

A Ásia é o continente mais populoso do mundo. A sua população actual ultrapassa os 3 biliões de habitantes. Mais de metade vive em dois países, a China, com 1 266 838 000 habitantes, e a Índia, com 998 056 000 habitantes.

Embora muito numerosa, a população da Ásia encontra-se geograficamente mal distribuída. Nas planícies, sobretudo as irrigadas pelas monções, onde existem condições favoráveis à prática da agricultura, e nas grandes cidades, onde existem oportunidades de emprego, as densidades populacionais são muito elevadas. Em contrapartida, as regiões desérticas, montanhosas, de clima frio e equatorial oferecem condições climáticas desfavoráveis ao homem. Aí a população é escassa.

Parte considerável da população da Ásia vive nas cidades. Destacam-se Tóquio, no Japão, com 30 300 000 habitantes, Shangai, na China, com 19 300 000 habitantes, e Seul, na Coreia do Sul, com 15 850 000 habitantes.

Há no continente diversos centros industriais, como o Japão, a Coreia do Sul, Singapura, Tailândia, Malásia, Indonésia e Taiwan.

Paralelamente, há regiões atrasadas com graves problemas sociais. Na Ásia Meridional, cerca de 40% da população vive em absoluta pobreza.

A extração mineral é a principal fonte de divisas para os países do Golfo Pérsico que têm 60% das reservas de petróleo. O carvão extrai-se na Sibéria, China e Índia, o ferro extrai-se na Índia, China e na Ásia Central. Para além destes recursos, a Ásia possui diamantes, gás natural, estanho, ouro, chumbo, fosfato, bauxite e urânio.



Fig. 8 Extração de petróleo.



Fig. 9 Cultivo de arroz.

Conhece os países da Ásia Central

Afeganistão



Capital: Kabul
Área: 652 225 km²
População: 21 923 000
Línguas: pashto e persa

Quirguizistão



Capital: Bishkek
Área: 198 500 km²
População: 4 900 000
Línguas: quirguiz, russo

Tajiquistão



Capital: Dushanbe
Área: 143 100 km²
População: 6 104 000
Língua: tadjique

Turquemenistão



Capital: Ashgabat
Área: 488 000 km²
População: 4 384 000
Língua: turcomano

Usbequistão



Capital: Tashkent
Área: 447 400 km²
População: 23 942 000
Língua: usbeque

Conhece os países da Ásia Setentrional

Federação Russa



Capital: Moscovo
Área: 17 075 400 km²
População: 146 336 400
Língua: russo

Cazaquistão



Capital: Astana
Área: 2 724 900 km²
População: 16 269 000
Língua: cazaque

O CONTINENTE ASIÁTICO

Conhece os países da Ásia Oriental

China



Capital: Pequim
Área: 9 536 499 km²
População: 1 266 838 000
Língua: mandarim

Coreia do Norte



Capital: Pyongyang
Área: 122 762 km²
População: 23 702 000
Língua: coreano

Coreia do Sul



Capital: Seul
Área: 99 269 km²
População: 46 480 000
Língua: coreano

Japão



Capital: Tóquio
Área: 372 824 km²
População: 126 505 000
Língua: japonês

Mongólia



Capital: Ulan Bator
Área: 1 566 500 km²
População: 2 438 000
Língua: mongol

Taiwan



Capital: Taipé
Área: 36 202 km²
População: 22 068 000
Língua: mandarim

Nas terras férteis da Ásia das monções e nas planícies banhadas por grandes rios desenvolve-se a agricultura. As praias de água limpa, das zonas de clima mais quente, são importantes recursos naturais para o desenvolvimento do turismo. A criação de gado suíno e ovino é muito frequente, especialmente na China.



Fig. 10 Cidade de Tóquio, no Japão.



Fig. 11 População pobre da Ásia Meridional.

A Ásia Oriental é uma das regiões mais industrializadas do mundo. Depois da sua independência, em 1949, a China empenhou-se na industrialização. Hoje produz automóveis, equipamentos electrónicos, máquinas e outros bens.

Também o Japão marca pontos na classificação dos países mais industrializados do mundo. A sua indústria produz automóveis, produtos químicos, electrónicos e vários outros.

Agora, pratico!

1. Menciona três países da região e as respectivas capitais.
2. Diz o nome de uma região para onde os países do Médio Oriente exportam a sua produção.
3. Menciona os países da Ásia Meridional.
4. Por que razão esses países são grandes produtores agrícolas?
5. Qual é o país do continente asiático que apresenta o maior desenvolvimento económico?
6. Menciona os países que compõem o Sudoeste Asiático.
7. Demonstra a relação entre o clima e a distribuição da população nessa região.

A EXPANSÃO EUROPEIA PARA A ÁSIA E A COLONIZAÇÃO

Causas da expansão europeia na Ásia

Desde o século XV, as potências imperialistas europeias mantinham contactos com a Ásia. Estes primeiros contactos tinham como objectivo obter especiarias, ouro e outras mercadorias necessárias na Europa.

À semelhança do que aconteceu para o continente africano, no século XVIII, as potências europeias começaram a interessar-se pela ocupação e partilha da Ásia, sendo movidas pelas seguintes razões:

- conquista de novos mercados para a venda dos seus produtos;
- procura de novas fontes de matérias-primas para a crescente indústria europeia, em especial o algodão e minérios como o ferro;
- exploração de novos espaços para a produção agrícola.

Extensão dos impérios europeus na Ásia

A tentativa de restabelecer o comércio com o Oriente, interrompido com a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, levou os europeus a lançarem-se na busca de novos caminhos para o Oriente. A expedição de Vasco da Gama (1498-1499) é um dos exemplos desta iniciativa.

O processo de ocupação territorial, exploração económica e dominação política do continente asiático pelas potências europeias teve início no século XV e terminou após a Segunda Guerra Mundial.

Durante este período, os portugueses estabeleceram o seu domínio na costa da Índia e da China e tentaram conquistar o Japão. Os espanhóis instalaram-se nas Filipinas, onde ficaram até 1898. A partir do século XVII, a presença britânica na Índia, com a Companhia das Índias Orientais, supera a concorrência portuguesa e francesa. A França, porém, consegue manter a hegemonia na Indochina.



Fig. 12 Portugueses em Goa, no século XVII.

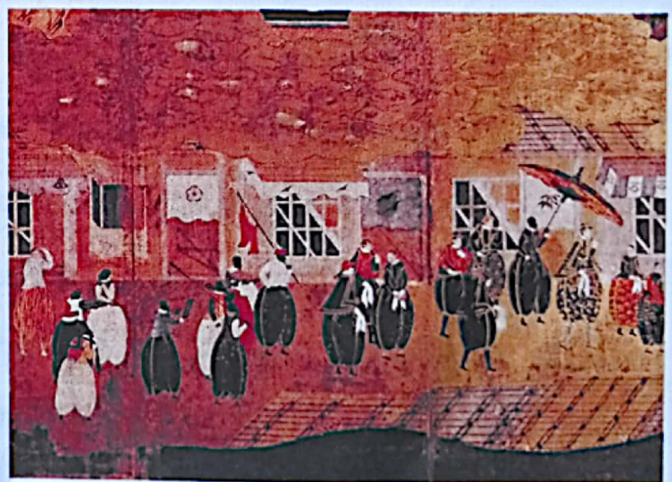


Fig. 13 Ilustração da chegada dos portugueses ao Japão.

O CONTINENTE ASIÁTICO

Disputa territorial no século XIX

Como já sabes, no final do século XIX, os países da Europa Ocidental enveredaram por uma política colonialista, baseada numa partilha política dos territórios do mundo. Na Ásia, competem outros países e uma potência colonial local em ascensão: o Japão.

- Em 1874, o Japão inicia o seu movimento expansionista, atacando a China e, mais tarde, a Coreia. A expansão japonesa é barrada pelas intervenções da Rússia, França, Alemanha e Reino Unido, que iniciam uma corrida em busca de privilégios comerciais e concessões territoriais na China.
- A Rússia czarista conquista a Sibéria e parte da Ásia Central.
- A Inglaterra assegura a sua soberania na Índia e cria Estados intermediários no Nepal e no Butão. Penetra também no Tibete e anexa a Birmânia (actual Myanmar) e o Ceilão (actual Sri Lanka). Com a Guerra do Ópio conquista Hong Kong à China.
- A França firma-se na Indochina, colonizando o Laos, o Camboja e o Vietname.
- A Holanda mantém o controlo das Índias Orientais (actual Indonésia).

Com a guerra hispano-americana, os espanhóis perdem as suas colónias no Pacífico e no Caribe em benefício dos Estados Unidos.

Exploração económica

A exploração das riquezas da Ásia, pelos europeus, foi feita, principalmente, através de grandes companhias comerciais estatais e de algumas empresas particulares que desenvolviam a agricultura e exploravam os minerais daquele continente.

Quanto à ocupação territorial, esta foi feita com recurso a colonos. Na Ásia, tal como em África, os colonos enfrentaram uma grande resistência dos povos locais.

A partir da Segunda Guerra Mundial tem início o processo de independência das colónias europeias na Ásia.

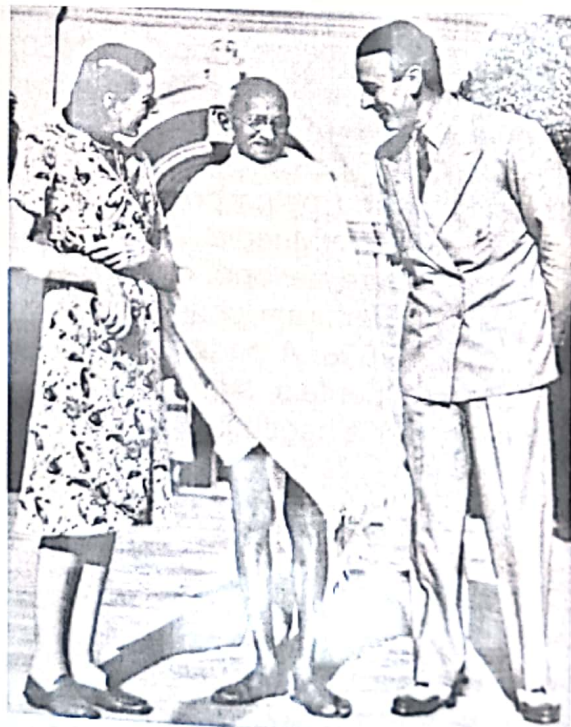


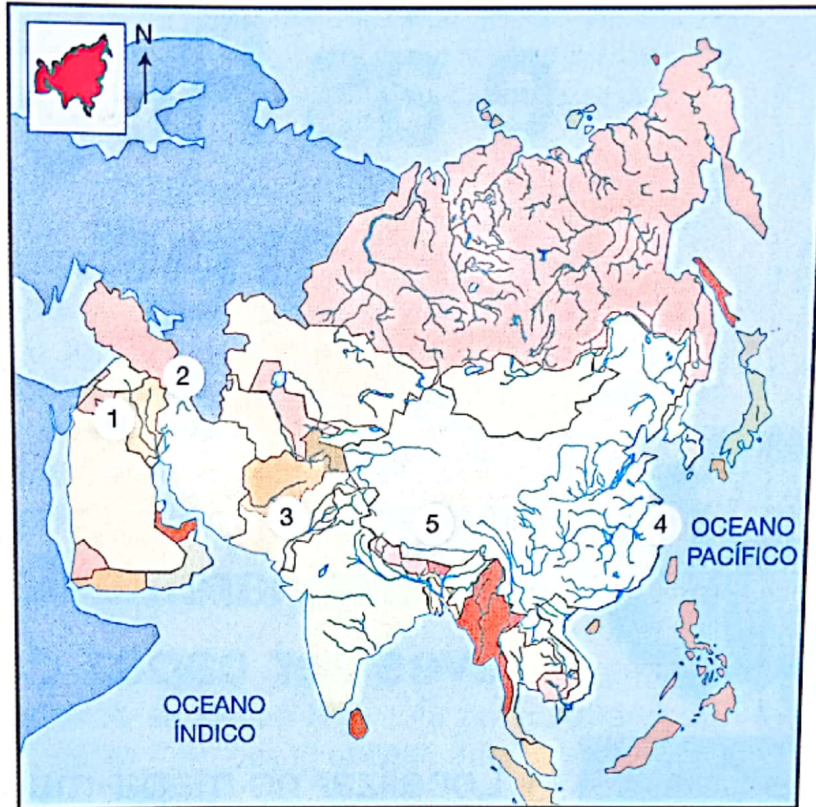
Fig. 14 Ghandi liderou o processo de independência da Índia. Na foto, com o último vice-rei da Índia e sua esposa.

Agora, pratico!

1. Menciona os países da Europa que dominaram o continente asiático.
2. Refere as principais causas que levaram os europeus à dominação colonial na Ásia.

FICHA DE AVALIAÇÃO

1. Observa o seguinte mapa.



Escala 1 : 175 000 000

- Consulta o mapa da página 105 e indica os oceanos que limitam a Ásia: a norte, a este e a sul.
- Indica os nomes dos rios e das montanhas assinalados no mapa.
- Menciona os elementos naturais que separam a Ásia da Europa e da África.

2. Completa:

A Ásia situa-se a _____ do Oceano Pacífico;
a _____ do Oceano Índico;
a _____ de África;
a _____ da Europa.

3. Em relação à distribuição da população asiática, responde:

- Em que regiões a população se concentra no campo?
- A que se deve a concentração da população nas regiões urbanas?

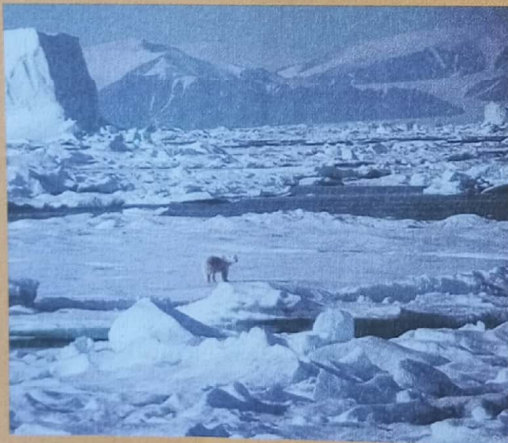
4. Compara as causas da expansão e colonização europeia na Ásia e em África.

5. Delimita no tempo o início e o final da ocupação territorial, exploração económica e dominação política da Ásia por parte das potências europeias.

UNIDADE 7 A Oceânia e as Regiões Polares



Ao terminares esta unidade, debes ser capaz de:



- Localizar no mapa-múndi a Austrália, a Oceânia e as Regiões Polares.
- Identificar as principais características naturais destas regiões.
- Caracterizar a população da Austrália e Oceânia.



LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A região da **Austrália e da Oceânia** ocupa as terras mais meridionais do planeta. No seu conjunto, engloba a massa continental da Austrália, as Ilhas da Nova Zelândia e as ilhas dispersas do Oceano Pacífico.

A sua característica natural é de ser uma região insular, isto é, uma região composta por numerosas ilhas, cobrindo uma superfície superior a 8 923 000 km².

É limitada a norte e este pelo Oceano Pacífico, que também a separa da Ásia e da América. A sul, é limitada pela confluência dos Oceanos Índico e Pacífico. Esta confluência separa-a da Antártida. A oeste é limitada pelo Oceano Índico, que a separa do continente africano.

As **regiões polares** são constituídas pelo continente da Antártida e pelo Oceano Glacial Ártico. Estas regiões localizam-se nas regiões de latitudes polares (acima de 60°) do norte e do sul.

A Antártida é um enorme continente gelado, situado no Hemisfério Sul. Estende-se desde o círculo polar Antártico (cerca de 66,5° Sul) até ao Pólo Sul, ocupando uma superfície de 14 000 000 km².

Dados Gerais da Austrália e Oceânia

Área: 8 944 697 km²

População:
34 690 000 hab.

Países: 14

Cidade mais populosa:
Sidney, na Austrália,
com 4 050 000 hab.

Maior ilha:
Nova Guiné, com
785 000 km²

Ponto mais alto: Monte
Cook, na Nova Zelândia,
com 3754 m.

Maior rio:
Murray-Darling,
com 3750 km
de comprimento.

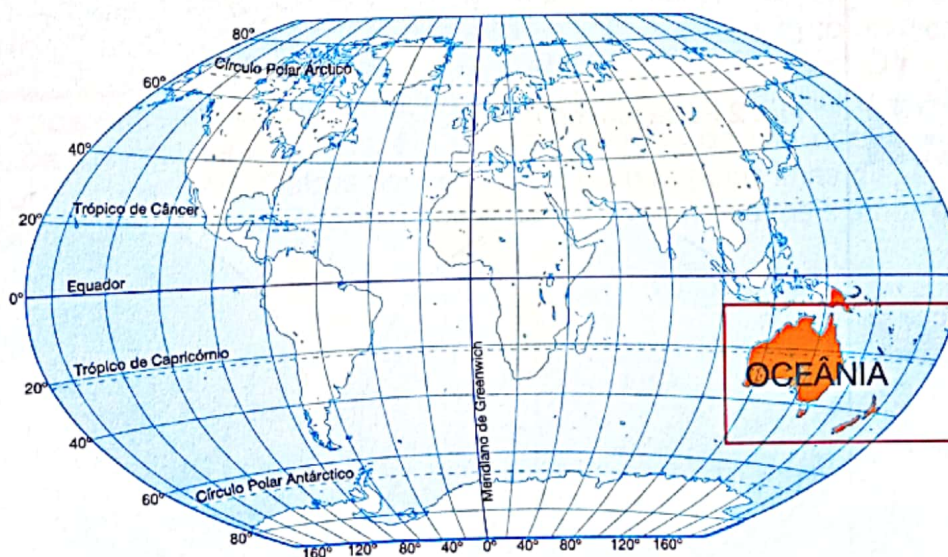


Fig. 1 A Oceânia no mapa-múndi.

A OCEÂNIA E AS REGIÕES POLARES

Conhece os países da Austrália e Oceânia

Austrália



Capital: Camberra
Superfície: 7 682 300 km²
População: 18 962 000
Língua: inglês

Fiji



Capital: Suva
Superfície: 18 272 km²
População: 806 000
Língua: inglês

Ilhas Marshall



Capital: Majuro
Superfície: 181 km²
População: 62 000
Línguas: inglês e dialecto local

Ilhas Salomão



Capital: Honiara
Superfície: 28 370 km²
População: 430 000
Língua: inglês

Micronésia



Capital: Palikir
Superfície: 707 km²
População: 116 000
Língua: inglês

Nauru



Superfície: 21,2 km²
População: 11 000
Língua: nauruano

Nova Zelândia



Capital: Wellington
Superfície: 270 534 km²
População: 3 828 000
Línguas: inglês

Palau



Capital: Koror
Superfície: 488 km²
População: 19 000
Línguas: palauano, inglês

O Ártico é a região que contempla as zonas mais setentrionais da América do Norte, Ásia e Europa. O seu limite sul é o círculo polar ártico que se situa na latitude aproximada de 66,5°.

A principal característica desta região é possuir temperaturas muito baixas que no Inverno chegam a atingir -80 °C, enquanto que no Verão não chegam a atingir 0 °C.

Estas temperaturas não permitem a existência permanente de população. Apenas os cientistas permanecem nesta região com vista a realizar pesquisas científicas, por exemplo, sobre a vida animal e o gelo.

As enormes massas de gelo da Antártida são muito importantes para manter o equilíbrio da vida na Terra. Caso este gelo derretesse, as consequências para o mundo seriam catastróficas, pois o nível do mar aumentaria causando inundações nas regiões costeiras.

No Verão, o gelo da orla do continente gelado derrete ou parte-se formando *icebergs*.



Fig. 2 Paisagem do Ártico.



Climas frios
□ De latitude (polar e subpolar)

Fig. 3 Ártico.



Climas frios
□ De latitude (polar e subpolar)

Fig. 4 Antártida.

CARACTERÍSTICAS FÍSICO-GEOGRÁFICAS GERAIS

Oceânia

O litoral e seu traçado

Esta região é banhada por numerosos mares, golfos e baías. Apresenta também barreiras de coral e estreitos.

Mares: mar de Timor, mar de Arafura, mar de Coral, mar da Tasmânia.

Golfos: golfo de Exmouth, golfo de Spence, golfo da Carpenta e golfo de Diemen.

Baías: Grande Baía Australiana.

Península: península do Cabo York.

Barreiras: Grande Barreira de Coral.

Estreitos: estreito de Bass, estreito de Endeavour e estreito de Cook.

Relevo e hidrografia

As principais formações de relevo desta região encontram-se na Austrália e na Nova Zelândia.

Na Austrália encontramos a Grande Cordilheira Divisória que constitui o relevo montanhoso mais importante da região, estendendo-se por mais de 2000 km ao largo da costa oriental. Destacam-se também as montanhas Azuis, os Alpes Australianos, o planalto de Kimberly e a cordilheira de Hamersley.

Na Nova Zelândia, o elemento de relevo mais importante situa-se nos Alpes Meridionais, na ilha do Sul, uma extensa cadeia montanhosa com mais de 483 km de extensão.

O rebordo continental da Austrália e da Nova Zelândia é também composto por planícies.

Na Austrália e Oceânia, os rios são pouco extensos e caudalosos. O rio Murray, conjuntamente com os seus afluentes, constitui o principal sistema fluvial desta região. Este rio corre na costa oriental da Austrália. Na região desértica da ilha correm numerosos *ueds* (rios periódicos do deserto). Outros pequenos rios correm pelas ilhas dispersas do território, tanto no arquipélago da Nova Zelândia como nas ilhas situadas mais a norte.



Fig. 5 Parque Nacional da Montanha Azul, Austrália.



Fig. 6 Planície do deserto australiano.

Papua-Nova
Guiné



Capital: Port Moresby

Superfície: 462 840 km²

População: 4 702 000

Línguas: dialecto pidgin e motu, inglês

Samoa



Capital: Apia

Superfície: 2830 km²

População: 177 000

Línguas: samoano e inglês

Tuvalu



Capital: Fongafale

Superfície: 25,63 km²

População: 11 000

Línguas: dialecto do tuvalu e do kiribati, inglês

Clima e vegetação

O clima desta região é diversificado, devido à sua grande extensão. Na parte norte, atravessada pelo equador, encontramos o clima equatorial em que chove todo o ano e com temperaturas elevadas. Neste tipo de clima, a vegetação predominante é a floresta densa.

O clima desértico cobre a maior parte da Austrália e é caracterizado por:

- extrema aridez;
- temperaturas altas durante o dia e baixas durante a noite;
- vegetação quase inexistente, ocorrendo apenas nos oásis.

O clima temperado localiza-se no sudeste da Austrália e na ilha da Nova Zelândia. Este clima é caracterizado por possuir temperaturas moderadas.

Na Austrália e Nova Zelândia existem espécies de flora e fauna únicas do mundo, como os marsupiais (cangurus vermelhos, valabis e coalas) e palmeiras gigantes. O clima é também responsável pela ocorrência de recifes de coral, uma vegetação marinha rica em peixe.



Fig. 7 Coalas.



Fig. 8 Cangurus.

A população da Oceânia

A maior parte da população desta região vive na Austrália e Nova Zelândia e é constituída maioritariamente por colonos europeus. Os aborígenes (os povos locais) constituem uma pequena percentagem da população.

A indústria e os serviços estão bastante desenvolvidos nos países desta região.

As ilhas do Sudoeste do Pacífico são habitadas por povos indígenas: polinésios, melanésios e micronésios. Aqui, a população ocupa-se da agricultura, mas a região tem registado um desenvolvimento considerável da actividade turística.

A maior parte da população da Austrália vive nas cidades da costa oriental e sudeste onde o clima é mais chuvoso e com temperaturas mais suaves. No resto do território, preenchido pelo deserto, quase não vive ninguém.

As maiores cidades são Melbourne, Camberra, Sidney, Newcastle e Brisbane. Aí vive 70% da população total.

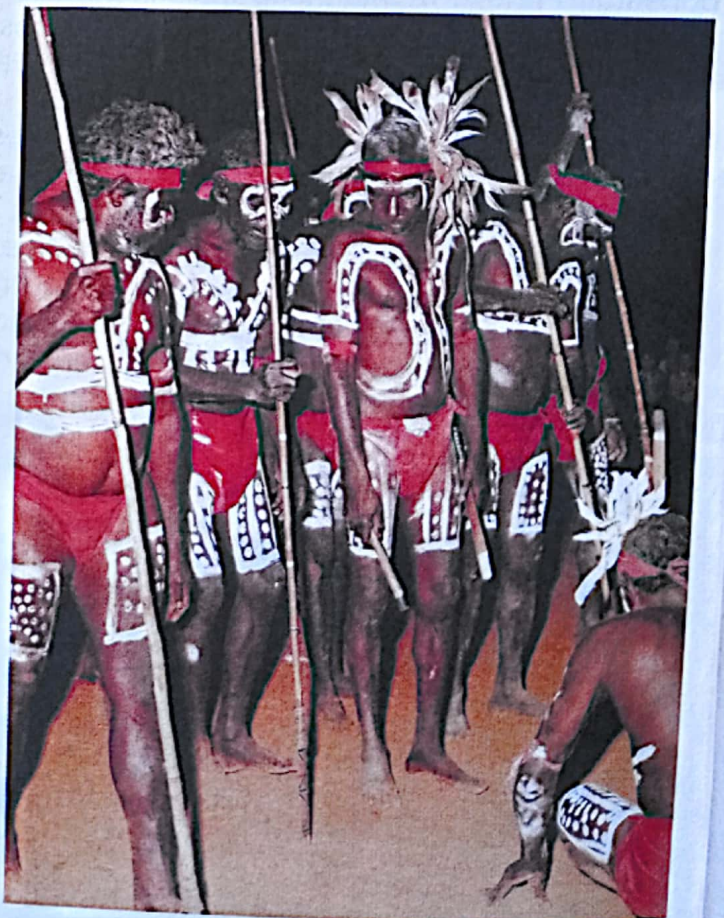


Fig. 9 Aborígenes.

Na Nova Zelândia, a maior parte da população localiza-se na costa ocidental e sudoeste da ilha do Norte e em algumas cidades da costa oriental da ilha do Sul. Christchurch, Wellington (a capital) e Auckland são as maiores cidades deste país.

Como já referimos, na maior parte da Austrália predominam as actividades do sector terciário como o turismo. As excelentes condições das praias e as temperaturas tropicais e subtropicais ajudam a promover as estâncias de lazer do país.

Na Austrália desenvolvem-se as seguintes actividades económicas:

- Extracção mineira (bauxite, carvão, cobre, ouro e minério de ferro).
- Indústria de ponta (computadores e aparelhos electrónicos diversos).
- Pecuária (a criação de carneiros ocupa mais de metade das áreas reservadas às pastagens). Estes dois países (Austrália e Nova Zelândia) são os maiores produtores e exportadores mundiais da lã. Para além de carneiros, cria-se também gado bovino.
- Agricultura (cultiva-se o trigo, a vinha, a cana-de-açúcar e frutas diversas).
- Pesca (é uma actividade desenvolvida em todos os países desta região. A maior parte das espécies capturadas, sobretudo nas ilhas do Pacífico, são destinadas à exportação).

Apesar de ser um continente gelado, a Antárctida conserva enormes quantidades de recursos naturais. As suas montanhas têm ricas reservas de ouro, ferro, carvão e gás natural.

A fauna marinha é única e abundante e é constituída por pinguins, lobos-do-mar, focas, baleias e diversas espécies de peixe e aves.

A baleia foi uma das espécies mais procuradas pelos pescadores da região, levando várias espécies quase à extinção. A pesca dos grandes cetáceos foi já proibida.



Fig. 10 Pinguim.

Agora, pratico!

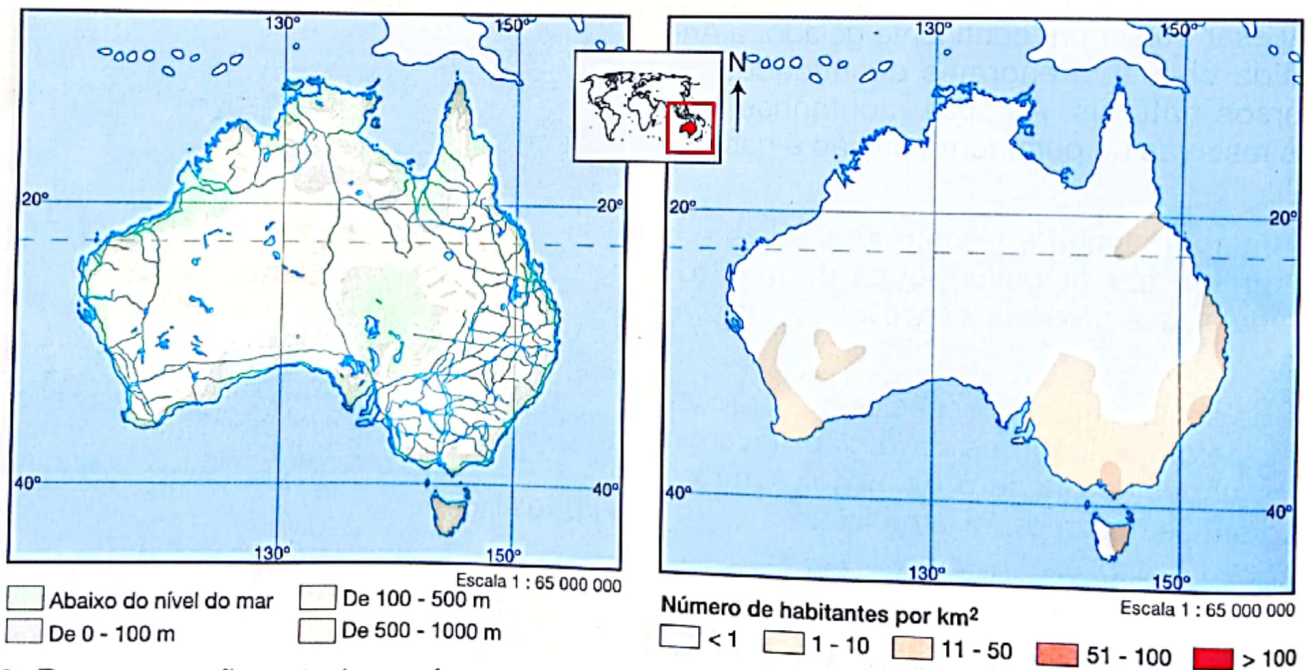
1. Apresenta as características naturais da Austrália e Oceânia.
2. Que países fazem parte desta região?
3. Menciona os principais tipos de clima existentes nesta parte do mundo.
4. Que influência têm as formações montanhosas da região sobre a distribuição do clima e da população?
5. Menciona as principais actividades económicas da região.
6. Menciona os principais acidentes da costa da Antárctida.
7. Indica os recursos naturais da Antárctida.
8. Observa o mapa do Ártico e menciona quatro mares que o banham.
9. Em que hemisfério se localiza o Ártico?

FICHA DE AVALIAÇÃO

1. As afirmações seguintes são falsas ou verdadeiras?

- A costa da Austrália apresenta uma grande variedade de fauna devido a existência de recifes de coral.
- Grande parte da Austrália é coberta por florestas.
- Os coalas são espécies protegidas que existem apenas na Austrália.
- O isolamento da Austrália faz com que tenha espécies únicas no mundo.
- As formações montanhosas mais importantes de toda a região da Austrália e Oceânia encontram-se na Nova Zelândia.
- O rio Murray e seus afluentes constituem o principal sistema fluvial de toda a região.

2. Observa o mapa sobre a distribuição da densidade populacional na Austrália e diz qual é a relação que ela tem com os factores do clima, do relevo e da hidrografia.



3. Por que razão o turismo é uma actividade com grande desenvolvimento na Austrália e Oceânia?

4. Menciona as principais espécies agrícolas e de pecuária deste continente.

5. Quais são os recursos naturais deste continente?

6. Por que razão a Antárctida não é permanentemente habitada?

7. Quais são as regiões que compõem o Ártico?

8. Menciona os povos que habitam essa região.

9. Por que razão a exploração dos recursos naturais do Ártico é feita com muito cuidado?

GLOSSÁRIO

UNIDADE 1

- Adjacente** (*adj.*) próximo.
- Adorno** (*s. m.*) enfeite, objecto que torna algo mais bonito.
- Albufeira** (*s. f.*) lagoa formada pelas águas do mar ou criada pelo Homem para regar as terras em volta.
- Aluvião** (*adj.*) diz-se dos terrenos nas margens dos rios onde se depositam sedimentos trazidos pelas cheias.
- Arruinar** (*v. t.*) destruir, empobrecer.
- Continente** (*s. m.*) grande extensão de terra, sem interrupção de continuidade.
- Decadência** (*s. f.*) declínio, ruína, enfraquecimento.
- Dizimar** (*v. tr.*) destruir, matar.
- Encosta** (*s. f.*) parte inclinada de um monte ou de uma montanha.
- Escassez** (*s. f.*) insuficiência, falta.
- Excedente** (*adj.*) produção que sobra e que é guardada para troca ou futura sementeira.
- Hidrografia** (*s. f.*) ramo da ciência geográfica que estuda os diversos lugares ocupados pelas águas, na superfície da Terra.
- Irrigação** (*s. f.*) rega.
- Judicial** (*adj.*) referente aos tribunais ou à justiça.
- Mapa-múndi** (*s. m.*) mapa que representa toda a superfície da Terra.
- Meridional** (*adj.*) que está do lado sul.
- Muralha** (*s. f.*) muro feito de pedra.
- Recollecção** (*s. f.*) actividade que consiste na apanha de produtos selvagens, como raízes, frutos, etc.
- Sedentário** (*s. m.*) povo com residência habitual numa região.
- Tributo** (*s. m.*) imposto.

UNIDADE 2

- Adorno** (*s. m.*) enfeite, ornamento.
- Bebidas espirituosas** bebidas alcoólicas.
- Esquadra** (*s. f.*) conjunto de navios.
- Feitoria** (*s. f.*) local de comércio e armazenamento de produtos, geralmente fortificado e situado num ponto estratégico do litoral.
- Insolvente** (*adj.*) que não pode pagar o que deve.
- Mercantil** (*adj.*) que tem a ver com o comércio.
- Navegação astronómica** tipo de navegação marítima em que os marinheiros se orientam pelos astros (pelo Sol, durante o dia, e durante a noite pela Estrela Polar, no Hemisfério Norte, ou pela Constelação do Cruzeiro do Sul, no Hemisfério Sul).
- Náutico** (*adj.*) relativo à navegação.
- Negreiros** (*s. m.*) homens que se dedicavam ao comércio de escravos negros.
- Tráfico** (*s. m.*) comércio, negócio desonesto.

UNIDADE 3

- Acto** (*s. m.*) acordo.
- Austral** (*adj.*) que está do lado sul; meridional.
- Compulsivo** (*adj.*) obrigatório; forçoso.
- Confederação** (*s. f.*) união de países.
- Deportado** (*adj.*) desterrado, exibido; obrigado a sair do país em que vive.
- Desagregação** (*s. f.*) separação das partes.
- Elite** (*s. f.*) o que há de melhor na sociedade.
- Encarniçada** (*adj.*) feroz.

GLOSSÁRIO

Indemnizar (v. tr.) compensar; reparar o dano causado.

Interland (adj.) termo inglês usado para designar os territórios que ficam nas regiões do interior sem acesso ao mar.

Matrilinear (adj.) diz-se do sistema de usos e costumes baseado na sucessão por linha materna.

Metrópole (s. f.) uma nação colonizadora em relação às suas colônias.

Partidário (adj.) que está a favor de.

Possessão (s. f.) colônia.

Rechaçar (v. tr.) fazer retroceder; pondo força contrária; destroçar.

Trair (v. tr.) atraiçoar; falsear; ser infiel a.

Ultimato (s. m.), as últimas condições que um Estado apresenta a outro e de cuja aceitação depende o não se declarar guerra.

Usurpar (v. tr.) apoderar-se ilegitimamente de uma coisa.

Vassalo (s. m.) pessoa que dependia de um senhor feudal.

UNIDADE 4

Apartheid (s. m.) sistema político-social de discriminação e segregação racial.

Civilizar (v. tr.) educar, dar civilização a uma pessoa ou a um povo.

Compulsivo (adj.) que se destina a obrigar pela força.

Gesta (s. f.) acontecimento histórico; história de feitos heróicos.

Internacionalismo (s. m.) política de cooperação entre as nações.

Jurisdição (s. f.) alçada; competência.

Marxismo (s. m.) sistema doutrinário introduzido por Karl Marx.

Nacionalismo (s. m.) preferência por tudo o que diz respeito à nação de que se faz parte.

Retaguarda (s. f.) a parte de trás.

UNIDADE 5

Absolutismo (s. m.) sistema de governo em que o poder do chefe é absoluto.

Aristocracia (s. m. e f.) nobre.

Colonizar (v. tr.) povoar um país com colonos.

Constituição (s. f.) lei fundamental que regula os direitos, deveres e garantias dos cidadãos em relação ao Estado e à organização política de um país.

Desaguar (v. int.) vazar as águas, desembocar (ex.: o rio Zambeze vai desaguar no Oceano Índico).

Ditador (s. m.) pessoa que obriga os outros a fazerem as coisas de acordo com a sua vontade, utilizando para isso a força e a violência; tirano; déspota.

Emancipação (s. f.) libertação; independência.

Federação (s. f.) união política e econômica de várias regiões (Estados) que formam uma nação.

Ilhota (s. f.) ilha pequena; ilhéu.

Iluminismo (s. m.) movimento de ideias, nascido no século XVIII, que deposita confiança no poder da razão.

Inalienável (adj.) que se não pode ceder, dar ou vender.

Latifúndio (s. f.) propriedade rural de grande extensão.

Pluviosidade (s. f.) quantidade de chuva que cai em certo lugar durante um determinado espaço de tempo.

Possessões (s. f.) domínios.

GLOSSÁRIO

Recifes (s. m.) no mar, estruturas rochosas formadas por muitas cores e formas.

Tratado (s. m.) contrato internacional, acordo.

Tundra (s. f.) vegetação característica das regiões frias composta por musgos e líquenes.

UNIDADE 6

Boicotar (v. tr.) fazer guerra comercial a certos produtos, pôr entraves.

Contraste (s. m.) oposição entre coisas ou pessoas, uma das quais faz sobressair a outra.

Greve (s. f.) suspensão do trabalho por parte dos trabalhadores.

Inóspito (adj.) diz-se do lugar que apresenta más condições de vida para o Homem; inabitável.

Luta de libertação conflito, guerra ou contestação levada a cabo por um povo que deseja a independência.

Protectorado (s. m.) apoio dado por uma nação a outra menos poderosa.

Setentrional (adj.) que está do lado do norte.

UNIDADE 7

Afluente (s. m.) rio que vai desaguar noutro.

Catastrófico (adj.) relativo a catástrofe, desastroso, calamitoso.

Cetáceo (s. m.) grande mamífero marinho, como a baleia e o golfinho.

Confluência (s. f.) reunião, junção, lugar onde confluem rios.

Depredar (v. tr.) espoliar, saquear, pilhar.

Iceberg (s. m.) massa de gelo flutuante, por vezes de grandes dimensões, despreendida dos gelos polares e que é impelida pelas correntes marítimas, sendo apenas visível um décimo dessa massa de gelo, acima do nível das águas.

Insular (adj.) relativo a ilha e seus habitantes.

Marsupiais (s. m.) género de mamíferos caracterizados por uma bolsa que as fêmeas têm por baixo do ventre, onde trazem os filhos durante o período da amamentação.

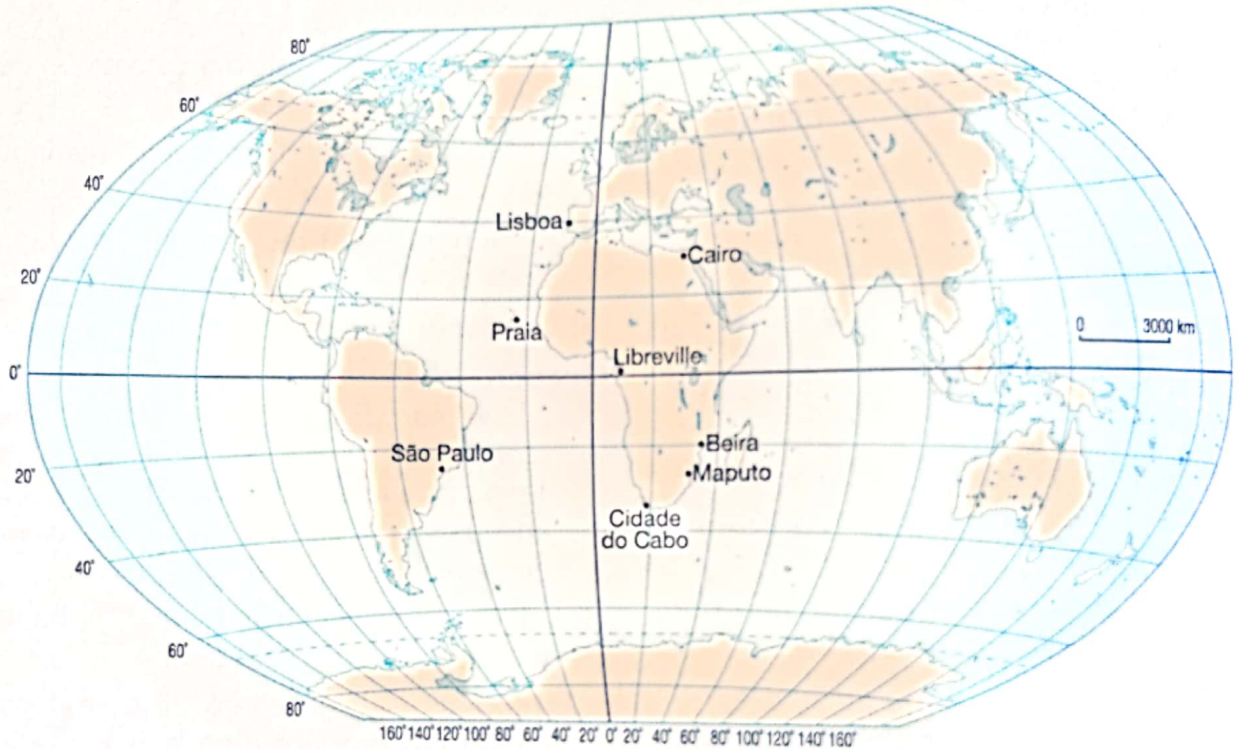
Sismo (s. m.) tremor de terra.

Vulcão (s. m.) montanha ou abertura na montanha, de onde saem gases, turbilhões de fogo, rochas no estado sólido e substâncias em fusão (lava).

AVALIAÇÃO FINAL DO 3.º CICLO

Parte I – matéria da 6.ª classe

Observa o mapa seguinte.



1. Partindo do conhecimento adquirido sobre os pontos cardeais, localiza as cidades de Maputo, Cairo, Libreville e São Paulo, em relação ao meridiano de Greenwich e ao Equador.
2. Quantos quilómetros separam as cidades de Maputo e Cabo, Beira e São Paulo, Lisboa e Praia?
3. Indica quatro limites do continente africano.
4. «No passado o nosso continente foi habitado por homens primitivos que eram muito diferentes de nós.»
Descreve o modo de vida dos primeiros habitantes de África.
5. Qual das datas apresentadas a seguir marca o início do povoamento do vale do Nilo?
 - Século III a.C.
 - Século V
 - Século V a.C.
 - 5.º milénio a.C.

AVALIAÇÃO FINAL DO 3.º CICLO

6. Descreve a importância do rio Nilo para a civilização egípcia.
7. Apresenta a contribuição dada pela civilização do Antigo Egipto para a ciência e conhecimento actuais.
8. Aponta os limites da África Austral.
9. Relativamente ao clima e hidrografia da África Austral:
 - a) indica dois tipos de clima predominantes na região;
 - b) menciona quatro rios importantes da África Austral.
10. «Antes da chegada dos Bantu, a África Austral era habitada por comunidades Khoisan.»
 - a) Caracteriza o modo de vida dessas comunidades.
 - b) Que transformações trouxeram os Bantu para a região da África Austral?
11. Escreve o nome dos povos que estiveram na origem do Grande Zimbabwe.
12. Identifica o fundador do império dos Muenemutapa.
13. Indica as causas que levaram à queda do império dos Muenemutapa.
14. Menciona o limite norte e sul da África Oriental.
15. Indica quatro países que fazem parte da África Oriental.
16. As afirmações que se seguem referem-se às características geográficas da África Oriental. Transcreve as que consideras correctas:
 - É a região mais elevada do continente africano.
 - O monte Drankesberg, com 5895 metros de altitude, é o seu ponto mais alto.
 - O seu relevo é predominantemente de planície.
 - O seu relevo e hidrografia são condicionados pela fractura do vale do Rift.
 - O frio polar caracteriza o clima da região devido à sua elevada altitude.
17. «As cidades-estado constituíram importantes centros económicos e políticos da África Central antes da penetração mercantil europeia.»
 - a) Explica o processo de formação dessas cidades.
 - b) Menciona três cidades-estado que conheces.
 - c) Relaciona a penetração mercantil portuguesa em África com a decadência das cidades-estado.

AVALIAÇÃO FINAL DO 3.º CICLO

18. A propósito da África Central:
- menciona os limites desta região;
 - descreve o clima predominante na região;
 - diz o nome do grande rio que banha esta região.
19. «O reino do Congo foi um dos grandes reinos africanos que se desenvolveu antes da presença europeia.»
- Quem foi o fundador desse reino?
 - Explica como o reino do Congo estava organizado em termos políticos e administrativos.
 - Indica as causas que levaram à decadência do reino do Congo.
20. Em relação à África Ocidental e do Norte:
- Menciona seis países que fazem parte desta região.
 - Menciona dois tipos de clima predominantes nesta região.
 - Que povos habitaram no passado estas regiões?
 - Quais são as actividades económicas praticadas por estes povos?
21. «Gana, Mali e Songai são três importantes reinos que floresceram em tempos diferentes na África Ocidental.»
- Quais foram os povos fundadores do reino do Gana?
 - Menciona duas actividades económicas do reino do Gana.
 - Em que século os malinqués fundaram o império do Mali?
 - Que importância tinham as cidades no império do Mali?
 - Explica o processo de organização política do Songai.
 - Que religião predominava no Songai?

Parte II – matéria da 7.ª classe

1. As afirmações que se seguem são referentes à penetração mercantil europeia em África. Transcreve as que consideras correctas:
- A penetração mercantil europeia em África deu-se no século XV com a expansão.
 - A penetração mercantil europeia teve início no século XVI quando os europeus chegaram ao nosso continente.
 - A penetração mercantil teve como causas a procura de ouro, marfim e, mais tarde, escravos.
 - A penetração iniciou-se quando os europeus passaram a interessar-se em fazer trocas com os nossos povos.

AVALIAÇÃO FINAL DO 3.º CICLO

2. «No século XV, os europeus conheceram importantes avanços científicos e técnicos que lhes permitiram expandir-se pelo mundo.»
- Enumera os avanços científicos e técnicos da Europa a partir do século XV.
 - Menciona dois avanços conseguidos nas ciências náuticas pelos europeus.
3. «Portugal teve um papel importante na expansão marítima europeia.»
- a) Menciona o nome do navegador português que descobriu o caminho marítimo para a Índia.
 - b) Em que ano chegou à Índia?
4. «A partir do século XVI, África conheceu um intenso e desumano comércio de escravos traficados para a América.»
- a) Menciona uma causa desse comércio.
 - b) Identifica as duas regiões de África onde este comércio foi mais intenso.
 - c) O comércio triangular foi uma consequência directa do comércio de escravos. Através de setas faz corresponder a região aos produtos envolvidos.

Região	Produtos
Europa – África •	• Tabaco, madeira, açúcar, café
África – América •	• Licores, armas de fogo, tecidos de algodão e bugigangas
América – Europa •	• Escravos

5. «Depois da partilha de África, nos finais do século XIX, as potências imperialistas passaram a dominar política e economicamente os países africanos.»
Das afirmações que se seguem, transcreve para o teu caderno as que constituem causas da ocupação colonial.
- A conferência de Berlim.
 - A procura de novas fontes de matérias-primas.
 - A procura de novos mercados.
 - A procura de ouro, marfim e escravos.
 - A procura de colónias.
6. «O processo de dominação colonial foi acompanhado por um grande movimento de resistência que se deu em todo o continente africano.»
- a) Menciona duas formas de resistência à colonização adoptadas pelos nossos antepassados.
 - b) Diz a que região do nosso continente pertencem as seguintes figuras de resistência: Muly Idrisse, Uma al-Mukthar, Ahmad Urabi, Lat-Dior, Samori Touré, Behanzin, Prempeh, Mbaruk Bin Rashid, Abushiri, Nwamatibjana, Maguiguana Cossa.

AVALIAÇÃO FINAL DO 3.º CICLO

7. «A exploração do nosso continente foi feita de forma a tirar-se o máximo proveito das riquezas aqui existentes sem que os colonizadores investissem muito dinheiro.»
Explica o processo de exploração das riquezas africanas por parte dos colonialistas.

8. «A partir dos anos 50 do século XX, os nossos povos organizaram movimentos nacionalistas com o objectivo de obter a sua independência.»

Das afirmações que se seguem, transcreve para o teu caderno aquela que melhor define o nacionalismo:

- Movimento fascista com o objectivo de dominar outros povos.
- Movimento dos povos colonizados em busca da sua libertação, que em alguns casos tomou a forma de luta de libertação nacional.

9. «No ano de 1960, muitos países africanos obtiveram as suas independências.»

Com base nos teus conhecimentos sobre a matéria, completa a tabela que se segue:

PAÍS	LÍDER	FORMA COMO ALCANÇOU A INDEPENDÊNCIA*
Gana		
	Amed Ben Bella	
Tanzânia		
	Eduardo Mondlane, Samora Machel	

* Pacífica ou luta armada.

10. «Durante a sua História, Moçambique apoiou os povos da África Austral na luta pela independência e pela paz.»

No teu caderno diário, faz corresponder o país ao tipo de apoio prestado por Moçambique.

País	Apoio prestado
Zimbabwe	• Incentivar o diálogo dos povos para se alcançar a paz.
Zâmbia	• Acolhimento de guerrilheiros e refugidos do ANC. Realização de campanha diplomática contra o apartheid.
África do Sul	• Apoio militar das Forças Populares de Libertação de Moçambique. Aplicação de sanções económicas proibindo o uso do porto da Beira.

AVALIAÇÃO FINAL DO 3.º CICLO

11. Localiza o continente de cada um dos elementos geográficos, fazendo a correspondência por setas no teu caderno diário.

Elemento geográfico	Região onde se localiza
Rio Amazonas •	
Rio Orinoco •	
Sierra Madre •	• América Central
Planalto brasileiro •	
Rio São Lourenço •	
Cidade de São Paulo •	• América do Sul
Região dos grandes lagos •	
Cidade de Havana •	
Cordilheira dos Andes •	• América do Norte

12. As datas e factos a seguir apresentados (coluna A) referem-se à penetração imperialista na América. Na coluna B, são apresentados os referidos factos. Faz no teu caderno diário a devida correspondência por meio de setas.

Coluna A	Coluna B
1492 •	• Tratado de Tordesilhas.
1494 •	• Cristovão Colombo descobre a América.
1500 •	• Pedro Álvares Cabral, navegador português, descobre o Brasil.

13. Que consequências trouxe o comércio de escravos para a América?

14. A Declaração da Independência dos Estados Unidos foi um documento importante que guiou os destinos daquele país e que inspirou muitos outros países do mundo. Menciona uma das medidas apontadas por essa declaração.

15. Por que razão o continente asiático apresenta a maior população do globo terrestre?

16. Menciona três recursos naturais das regiões polares.

F I C H A T É C N I C A

título	O MUNDO EM QUE VIVEMOS • Ciências Sociais • 7.^a Classe
editor	Texto Editores, Lda. – Moçambique
coordenação	Pedro Muiambo
capa	Imídio Mahumana
arranjo gráfico	Acbar Khan
ilustração	Imídio Mahumana
paginação	Acbar Khan
impressão e acabamentos	Texto Editores, Lda.

Autor



João Baptista Henrique Fenhane

Nasceu em 1965, em Inharrime, província de Inhambane. Licenciado em Ensino de História e Geografia pela Universidade Pedagógica da Beira, lecciona História e Geografia desde 1984. Actualmente, desempenha a função de docente na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Pedagógica da Beira e integra a equipa da Direcção Nacional de Ensino Secundário do Ministério da Educação que efectua capacitação de professores de História a nível nacional. É autor de monografias e de manuais escolares para o Ensino Secundário Geral.



Texto Editores

1.426 Av. Para o Palmar, Q. 35, N.º 141A • Bairro da Sommerschild II • Maputo • Moçambique
Tel. + 258 21497304 • Fax: + 258 21497305
E-mail: info@me.co.mz

© 2004, **Texto Editores, Lda.**

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, *offset*, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da Editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código dos Direitos de Autor. D.L. 4 de 27 de Fevereiro de 2001.

MAPUTO, JUNHO DE 2017 • 1.^a Edição • 16.^a Tiragem REGISTADO NO INLD SOB O NÚMERO: 4352/RLINLD/2004

SÍMBOLOS DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

BANDEIRA



EMBLEMA



HINO NACIONAL

Pátria Amada

Na memória de África e do Mundo
Pátria bela dos que ousaram lutar
Moçambique o teu nome é liberdade
O sol de Junho para sempre brilhará.

Coro

Moçambique nossa terra gloriosa
Pedra a pedra construindo o novo dia
Milhões de braços, uma só força
Ó pátria amada vamos vencer.

Povo unido do Rovuma ao Maputo
Colhe os frutos do combate pela Paz
Cresce o sonho ondulando na Bandeira
E vai lavrando na certeza do amanhã.

Flores brotando do chão do teu suor
Pelos montes, pelos rios, pelo mar
Nós juramos por ti, ó Moçambique
Nenhum tirano nos irá escravizar.



Colecção **JÚNIOR** para todo o Ensino Básico

O projecto **JÚNIOR** ouve as sugestões de todos os que querem fazer uma escola melhor. Por isso, criámos um canal de comunicação próprio.

Telefone 21 483 422

